

Organizadoras

Ulrike Agathe Schröder

Josiane Marques da Costa

**Estudos no campo da análise da
conversa, linguística interacional
e linguística cultural com base no
corpus NUCOI**



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2020

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Maria Coelho

Coordenador do Labeled

Cristiano Silva de Barros

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Ana Cláudia Dias Rufino

Diagramação

Aline Almeida

Revisão de provas

Ana Cláudia Dias Rufino

Denise Cristina Campos

ISBN

978-65-87237-09-1 (digital)

978-65-87237-08-4 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 5 Prefácio**
- 15 FELIZ É PARA CIMA: as metáforas verbo-gestuais como alicerce para a conceptualização intercultural de FELICIDADE**
Adriana Fernandes Barbosa
Ruan de Castro Silva
- 35 A mudança de tópico na perspectiva da Análise da Conversa: análise de uma interação eliciada**
Frederico Amorim Cavalcante
- 51 O encerramento conversacional sob a perspectiva da Análise da Conversa**
Flavia Fidelis de Paula
- 71 Uma narrativa anedótica sobre diferenças culturais entre o Brasil e a Alemanha: um estudo sob o viés da Análise da Conversação**
Claudiene Diniz da Silva
- 89 A construção e tomada de turno: observações empíricas no *corpus* NUCOI**
Thiago da Cunha Nascimento

**109 Intimidade e proximidade na interação
intercultural: uma análise cognitivo-
conversacional da experiência de brasileiros**

Fernanda Roque Amendoira

Thiago da Cunha Nascimento

**129 Diferenças de *status* epistêmico em
interações eliciadas: o *footing* de professor**

Mariana Carneiro Mendes

147 Sobre os autores

Prefácio

Este número especial do livro *Viva Voz* é dedicado a resultados de pesquisas desenvolvidas com base no *corpus* NUCOI – Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter)Cultural em Interação. O presente número apresenta trabalhos que foram elaborados em disciplinas da graduação e pós-graduação e que tomaram como base nosso *corpus* NUCOI, independente se os autores fossem ou não membros do grupo. Sendo assim, o principal objetivo deste número é ilustrar como integrar nosso *corpus* em sala de aula de linguística, voltada para interações multimodais reais, algumas vezes com enfoque maior em experiências culturais, outras simplesmente relacionadas à Análise da Conversa.

Nosso grupo iniciou-se por meio de um projeto de Iniciação Científica na área de Comunicação Intercultural, cujo objetivo inicial era a seleção de artigos e capítulos de livros em alemão sobre a referida temática, junto a alguns alunos da graduação do curso de Alemão da Faculdade de Letras da UFMG. Pareceu-nos uma área de investigação profícua, uma vez que o tópico ainda era pouco explorado no Brasil, ao passo que, em língua alemã, se observava uma ampla literatura, especialmente introdutória e de fácil acesso em termos didáticos. Destarte, nossa finalidade inicial foi, por um lado, fortalecer a leitura em L2 e, por outro, elaborar uma discussão voltada para a aplicabilidade dos conceitos apresentados a uma comparação entre a cultura brasileira e a alemã. No entanto, em nossas reuniões semanais, começamos a perceber rapidamente a dificuldade de aplicação das macrocategorias bipolares oferecidas pelos

pesquisadores clássicos da primeira geração dos estudos interculturais, como: “individualismo/coletivismo” ou “polidez/impolidez”, quando aprofundávamos nossas discussões no que diz respeito a exemplos específicos e contextualizados em dependência de gêneros comunicativos de grande diversidade. Sendo assim, surgiu a questão central: até que ponto categorias geradas de forma extracomunicativa, ou seja, a partir da perspectiva do observador externo, de fato, assumem algum papel relevante para os próprios participantes envolvidos na comunicação em andamento de cunho intercultural, em uma interação entre participantes com línguas maternas e panos de fundo culturais distintos?

Para investigarmos tal indagação optamos por filmar uma interação eliciada entre brasileiros e alemães com intuito de:

- (i) reconstruir, a partir da metodologia da Análise da Conversa e de forma multimodal, a *sequencialidade* e *simultaneidade* do processo comunicativo para podermos, pelo menos, nos aproximar de uma perspectiva comunicativa, ou seja, participativa, da interação em andamento;
- (ii) reconstruir, a partir de entrevistas retrospectivas, a perspectiva extracomunicativa do próprio participante;
- (iii) elaborar semelhanças e diferenças, a partir de uma comparação de teorias existentes no campo da Pragmática Intercultural e Linguística Cultural, o que corresponderia a uma perspectiva extracomunicativa do próprio pesquisador.

O nosso trabalho teve início em 2010 com um projeto piloto no qual filmamos duas interações entre quatro brasileiros e quatro alemães. Dois anos depois, estendemos o projeto a outras nacionalidades. Os participantes são primeiramente pessoas que fazem parte de intercâmbios escolares (*Youth for Understanding*) ou estudantis (Ciências sem Fronteiras, ERASMUS), fruto de trabalho cooperativo com as respectivas diretorias de relações internacionais, por exemplo na UFGM, na UFV, ou na WWU (*Westfälische Wilhelms-Universität Münster*), Alemanha.

O principal alvo desse grupo é a criação de um corpus de vídeos e suas transcrições, que se baseiam em interações entre participantes de culturas diferentes, bem como entre participantes que tenham o mesmo pano de fundo linguístico e cultural, para fins de comparação. No centro das conversas, de maioria eliciadas, estão tópicos interculturais. Dessa forma, busca-se revelar como se constituem processos (auto-) reflexivos

em dependência da língua e da cultura e como tais processos aparecem nas interações sendo coconstruídos pelos participantes de forma recíproca e multimodal no nível verbal, vocal e visual.

Depois das filmagens, as interações são transcritas no programa EXMARALDA,¹ seguindo as convenções do GAT 2.² Sendo assim, o *corpus* é criado em conjunto, mas cada membro desenvolve sua própria questão de pesquisa. Alguns dias após as filmagens, são realizadas entrevistas retrospectivas nas quais os participantes são confrontados com as filmagens e devem comentar o evento.

É importante destacar duas premissas relevantes para os trabalhos desenvolvidos pelo grupo. A primeira premissa é a diferenciação epistemológica entre duas perspectivas: a perspectiva comunicativa e a extracomunicativa – visto que tal diferenciação faz-se necessária pelo próprio objeto de pesquisa, mesmo sendo muitas vezes ignorada, o que leva, especialmente no campo de pesquisas interculturais, a uma série de problemas metodológicos.³ As diferenças entre as perspectivas tratam-se de um postulado do comunicólogo Gerold Ungeheuer⁴ que remonta à suposição de que o ser humano experimenta os processos comunicativos de forma dupla: ou como participante (falante/ouvinte) na sua realização, ou como (auto-)observador externo ao classificar os meios comunicativos. Já no processo comunicativo em si, ele assume uma perspectiva dupla por oscilar constantemente entre os dois ângulos.⁵ Ora, para pesquisas empíricas, essa observação resulta em uma complementação de uma perspectiva meramente extracomunicativa por uma perspectiva

¹ SCHMIDT; WÖRNER, EXMARALDA – Creating, Analysing and Sharing Spoken Language Corpora for Pragmatic Research, 2009. Cf: www.exmaralda.com.

² SELTING; AUER; BARTH-WEINGARTEN; *et al.* Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2, 2016. Um resumo das convenções encontra-se no final do artigo.

³ LOENHOFF; INNEN; AUSSEN, Eine problematische Leitdifferenz in Kommunikationstheorien, 2000.

⁴ UNGEHEUER, Kommunikative und extrakommunikative Betrachtungsweisen in der Phonetik, 2004 [1972]. O linguista, fonólogo e comunicólogo Gerold Ungeheuer foi diretor do *Institut für Phonetik und Kommunikationsforschung* (Instituto para Fonética e Pesquisa em Comunicação) da Universidade de Bonn, e sua abordagem foi pioneira para a fundação da Ciência da Comunicação (*Kommunikationswissenschaft*) na Universidade de Duisburg-Essen, a qual representa uma visão interdisciplinar da noção da comunicação, que interliga reconhecimentos da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Linguística e Psicologia e se constitui, basicamente, em uma compreensão interacionista da comunicação, relacionada à coordenação, à percepção mútua e à ação humana.

⁵ LOENHOFF; INNEN; AUBEN, Eine problematische Leitdifferenz in Kommunikationstheorien, 2000. p. 286.

comunicativa, muitas vezes, sub-representada em pesquisas linguísticas.⁶ Além disso, a despeito de uma negligência frequente, o pesquisador deveria assinalar precisamente em que modo metodológico ele procede e quais as limitações epistemológicas inerentes à perspectiva atual que ele está conduzindo.

Concomitantemente, uma segunda premissa da nossa pesquisa prevê direcionar-se para o processo comunicativo como uma interação holística, dando destaque à situação comunicativa integral com seu contexto imediato, seu contato socioperceptivo, suas ações verbais, prosódicas, paraverbais e não-verbais,⁷ bem como às condições culturais, sociais e históricas nas quais as ações comunicativas se encaixam. Isso já fez com que excluíssemos desde o início a possibilidade de apenas gravar as conversas em áudio.

Tendo realizado as primeiras duas filmagens⁸ do nosso projeto piloto, junto às primeiras análises, e tendo formado este *corpus* para Análise da Conversa Intercultural, nos tornamos conscientes não apenas do trabalho imenso que a transcrição dos dados implica, como também da riqueza de possibilidades que uma transcrição oferece para análises em campos diversos, como nos estudos de (im-)polidez, *code-switching*, metáforas e metonímias em sua multimodalidade, dêixis multimodal, metacomunicação, implicaturas culturais, estilos comunicativos, trocas de turno, atividades de categorização etc. Assim, em 2012, surgiu a ideia de ampliar o projeto com o objetivo de criar um *corpus* maior de pesquisa que deveria:

- (i) integrar participantes de outras culturas além da alemã e da brasileira, bem como filmar interações em mais línguas;
- (ii) focalizar não apenas um momento da interação entre pessoas de culturas distintas, mas também descrever possíveis mudanças do comportamento

⁶ UNGEHEUER, Kommunikative und extrakommunikative Betrachtungsweisen in der Phonetik, 2004 [1972].

SCHMITZ, Über kommunikative und extrakommunikative Betrachtungsweisen, 1998.

⁷ UNGEHEUER, Einführung in die Kommunikationstheorie, 2010 [1983], p. 33-64.

⁸ Como na primeira filmagem, por coincidência, reunimos quatro brasileiros e quatro alemães, todos de sexo masculino, resolvemos repetir o mesmo formato um ano depois, dessa vez exclusivamente com mulheres, o que também já resultou em novas análises interessantes (LAGE, Comunicação Interpessoal e Intercultural entre Brasileiros e Alemães: Análise dos Momentos de Conflito, 2013).

- linguístico e comunicativo no decorrer da permanência por um período maior no país anfitrião;
- (iii) filmar não apenas interações entre participantes originários de culturas e falantes de línguas distintas, mas também de uma mesma origem, para podermos aprofundar a análise com relação às mudanças linguísticas, comunicativas e (auto-)reflexivas que se dão no decorrer de um encontro intercultural e que podem ser observadas, adicionalmente, na interação entre os membros do *ingroup*.

Desde agosto de 2016, nosso grupo de pesquisa se tornou oficialmente o Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação (NUCOI), e os membros, além de participarem do projeto do grupo, desenvolvem seus respectivos projetos, os quais podem ser vistos em nosso site. O segundo projeto integrado desenvolvido pelo grupo, intitulado *Comunicação Intercultural em contatos de duração maior: processos linguísticos e (auto-)reflexivos (2012-2016)*, passou a integrar projetos de mestrado e doutorado, bem como o pós-doutorado da própria coordenadora (2013-2014).⁹ Assim, nosso objetivo a longo prazo tem sido a criação de um *corpus* multimodal com acesso online por meio do site do NUCOI (<http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nucoi/>), o qual se encontra disponível a pesquisadores no campo dos Estudos da Língua em Uso.

Os artigos reunidos a seguir foram escolhidos devido à sua alta qualidade e originaram das disciplinas ministradas no programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, com o foco em “Linguística Cultural”. O artigo: “FELIZ É PARA CIMA: as metáforas verbo-gestuais como alicerce para a conceptualização intercultural de FELICIDADE”, de Adriana Fernandes Barbosa e Ruan de Castro Silva, tem como objetivo analisar a representação gestual das metáforas conceptuais (orientacionais) e as metáforas primárias em uma interação entre estudantes brasileiros em intercâmbio na Alemanha.

O trabalho de Frederico Amorim Cavalcante, intitulado: “A *mudança* de tópico na perspectiva da Análise da Conversa: uma análise de uma interação eliciada” busca examinar como ocorre as mudanças de tópico

⁹ O projeto realizado durante esta estadia pós-doutoral, intitulado *Atos metacomunicativos como indicadores da reflexividade de comunicação intercultural*, foi financiado pelo programa *Capex-Humboldt Research Fellowship for Experienced Researchers*.

em uma interação, e como se dá o comportamento dos interactantes frente às interações.

Já o artigo: "O encerramento conversacional sob a perspectiva da análise da conversa", de Flávia Fideles de Paula, objetiva analisar, no ambiente da fala eliciada, como ocorre encerramento conversacional e a saída de uma conversa eliciada.

No artigo: "Uma narrativa anedótica sobre diferenças culturais entre o Brasil e a Alemanha: um estudo sob o viés da análise da conversa", Claudiene Diniz da Silva analisa as diferenças culturais entre o Brasil e a Alemanha por meio do comportamento de brasileiros e alemães enquanto torcedores de jogos de futebol.

No trabalho de Thiago da Cunha Nascimento, intitulado: "A construção e tomada de turno: observações empíricas no *corpus* NUCOI", foi realizada uma análise cujo objetivo era apresentar o funcionamento da sistemática elementar de tomada de turno nas interações.

É importante destacar que todos os trabalhos dos autores, explicitados anteriormente, foram elaborados na disciplina Análise da Conversação em 2014.

"Intimidade e proximidade na interação intercultural: uma análise cognitivo- conversacional da experiência de brasileiros", artigo produzido por Fernanda Roque Amendoeira e Thiago da Cunha Nascimento, fruto dos resultados da Iniciação Científica voluntária de Fernanda Roque Amendoeira, tem como objetivo examinar como brasileiros percebem, por meio de suas experiências interculturais, as relações interpessoais na Alemanha.

Por fim, o trabalho de Mariana Carneiro Mendes, "Diferenças de status epistêmico em interações eliciadas: o 'footing' de professor", elaborado com base em sua tese de doutorado, tem como foco analisar uma interação entre membros da igreja Assembléia de Deus.

Ulrike Agathe Schröder

Josiane Marques da Costa

Referências

LAGE, Carolina. *Comunicação Interpessoal e Intercultural entre Brasileiros e Alemães: Análise dos Momentos de Conflito*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Estudo Linguísticos na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-98BJSY>>. Acesso em 20 set. 2016.

Loenhoff, Jens; Innen'; Außen' – Eine problematische Leitdifferenz in Kommunikationstheorien 1. und 2. Grades. In: Fischer, Hans R.; Schmidt, Siegfried J. (org.). *Wirklichkeit und Welterzeugung. In memoriam Nelson Goodman*. Heidelberg: Carl-Auer-Systeme Verlag, 2000. p. 278-289.

SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARALDA – Creating, Analysing and Sharing Spoken Language Corpora for Pragmatic Research. *Pragmatics*, v. 19, n. 4, p. 565-582, 2009.

Schmitz, H. Walter. Über kommunikative und extrakommunikative Betrachtungsweisen. In: Krallmann, Dieter; Schmitz, H. Walter (org.). *Perspektiven einer Kommunikationswissenschaft*. Münster: Nodus Publikationen, 1998. p. 315-326.

SELTING, Margret; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar *et al.* Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2. Traduzido e adaptado para o português por Ulrike Schröder, Mariana Carneiro Mendes, Caroline Caputo Pires, Diogo Henrique Alves da Silva, Thiago da Cunha Nascimento e Flavia Fidelis de Paula, com revisão técnica de Paulo Cortes Gago. *Veredas*, v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2016/12/GAT_Completa_Final_11_2016-corrigido-PDF.pdf>. Acesso em jan. 2016.

UNGEHEUER, Gerold. Kommunikative und extrakommunikative Betrachtungsweisen in der Phonetik. In: UNGEHEUER, Gerold. *Sprache und Kommunikation*. Münster: Nodus Publikationen, 2004 [1972]. p. 22-34.

UNGEHEUER, Gerold. *Einführung in die Kommunikationstheorie*. Münster: Nodus Publikationen, 2010 [1983].

FELIZ É PARA CIMA: as metáforas verbo-gestuais como alicerce para a conceptualização intercultural de FELICIDADE

Adriana Fernandes Barbosa¹
Ruan de Castro Silva

Introdução

A Linguística Cognitiva compreende a língua como parte de nosso sistema cognitivo e, portanto, é formada a partir de processos mentais inerentes às nossas percepções e interações com o mundo que nos cerca. Em outras palavras, nossas experiências mais básicas desde a infância, como nossas experiências sensório-motoras, são o ponto de partida para o processo de conceptualização do mundo, incluindo conceitos abstratos, como nossas emoções e sentimentos, que não podem ser vistos ou tocados de forma concreta. Dessa maneira, o pensamento figurativo representa um processo cognitivo essencial para essas conceptualizações, isto é, podemos entender algo abstrato a partir de sua associação com algo mais concreto. A Linguística Cognitiva dá a esse fenômeno o nome de *metáfora conceptual*.

Neste artigo iremos mostrar como metáforas conceptuais do tipo orientacional² e metáforas primárias³ podem ser representadas por meio de gestos em uma interação real entre estudantes brasileiros em período de intercâmbio na Alemanha. Para isso, primeiramente, mostraremos como essas metáforas podem ser produzidas de maneira monomodal ou multimodal⁴ por meio de gestos realizados pelos estudantes durante a

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 01.

² LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980].

³ GRADY, *Foundations of Meaning*, 1997.

⁴ CIENKI; MÜLLER, *Words, gestures, and beyond*, 2009. MÜLLER; TAG, *The Dynamics of Metaphor*, 2010.

narrativa. Depois, discutiremos, com bases nas metáforas encontradas, como os estudantes brasileiros contrastam os conceitos de *felicidade* e *tristeza* na cultura brasileira e na cultura alemã por meio de suas experiências pessoais. Assim, reafirmaremos também, durante a interação entre os falantes, que os processos cognitivos para ativação da metaforicidade de expressões linguísticas, por meio da produção de gestos, ajudam a construir e alicerçar o que Sharifian⁵ descreveu como *conceptualizações culturais*, que segundo ele, são formadas por processos cognitivos, como categorização, esquematização e metaforização, sendo esse último o processo no qual focaremos nossas análises.

Revisão teórica

Teoria da Metáfora Conceptual: as metáforas orientacionais

A Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson⁶ descreve um processo de conceptualização no qual as representações metafóricas nascem de experiências físicas e culturais (domínio fonte) e são associadas a algo abstrato (domínio alvo). Esse processo de conceptualização é o que chamamos de mapeamento inter-domínios. Por exemplo, em culturas ocidentais conceptualizamos a ideia de uma argumentação (discussão ou debate) como uma guerra. Temos, portanto, a metáfora conceptual ARGUMENTAÇÃO É GUERRA, em que o domínio fonte é a GUERRA e o domínio alvo é ARGUMENTAÇÃO. Dessa forma, assim como em uma guerra, os participantes de um debate ou discussão são vistos como oponentes que ora defendem seus argumentos, ora atacam os argumentos do outro, podendo, assim, ganhar ou vencer a argumentação.⁷

Lakoff e Johnson⁸ estabelecem quatro classes de metáforas conceptuais, dentre as quais temos as metáforas orientacionais, cujos domínios fonte se estruturam a partir de experiências de orientação em um espaço físico. Normalmente, línguas europeias ocidentais tendem a

⁵ SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011.

⁶ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980].

⁷ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980], p. 4-5.

⁸ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980].

conceptualizar emoções como *felicidade* e *tristeza* a partir de orientações espaciais do tipo “para cima” e “para baixo”. Isso se dá a partir da associação que fazemos entre postura corporal e emoções, em que uma postura mais ereta é associada a emoções positivas, enquanto que uma postura corporal mais retraída (ombros caídos, por exemplo) é associada a emoções negativas.⁹ Esse processo metafórico origina metáforas conceptuais do tipo FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO. Exemplos de metáforas linguísticas no português, geradas por essas metáforas conceptuais, são: “esse filme *levantou* o meu astral”, “hoje ele *está meio pra baixo*” ou “ela *caiu numa depressão profunda*”.

Da mesma forma que metáforas conceptuais motivam a produção de metáforas linguísticas, elas também podem ser representadas por meio de gestos produzidos pelos falantes/participantes de uma interação. A seguir, discutiremos como metáforas conceptuais, especialmente as orientacionais, podem ser representadas por meio de gestos que podem ou não acompanhar a produção de metáforas linguísticas pelos falantes em uma interação.

Gestos na interação e sua função de representação metafórica

Cienki¹⁰ afirma que os gestos produzidos por falantes durante a fala, consciente ou inconscientemente, configuram-se em uma importante fonte de dados para análises em estudos linguístico-cognitivos. Müller¹¹ destaca que estudos recentes em neurolinguística já mostraram que os gestos das mãos e da boca são controlados pela mesma região cortical do cérebro. Além disso,

Já sabemos a partir de relatos praxeológicos de gestos que as mãos são o único órgão, além do trato vocal, que desenvolveu uma capacidade de movimentos flexíveis e variáveis com alto grau de precisão articulatória [...]. Os gestos são, portanto, bons aspirantes à linguagem, pois são capazes de representar entidades diferentes de si mesmas, e também porque as mãos têm a flexibilidade

⁹ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003, p. 15.

¹⁰ CIENKI, *Cognitive Linguistics*, 2013.

¹¹ MÜLLER, *Gestures as a medium of expression*, 2013.

articulatória para delinear formas múltiplas, se movendo em uma ampla variedade de maneiras e ocupando todos os tipos de lugares possíveis dentro de um espaço muito grande.¹²

Assim, os gestos ocorrem de formas variadas durante a interação e, portanto, podem assumir diferentes funções, como dêitica (indicação) ou representacional. Particularmente importante para nossa análise é a função representacional. Ao representarmos um objeto com as mãos, nós não apenas delimitamos sua forma, mas também ajustamos a intensidade de nosso movimento de maneira a expressar nossa postura afetiva em relação a esse objeto. Além disso, o gesto não é um mero reflexo do objeto no mundo real, mas sim uma representação feita a partir de processos de conceptualização e interação, limitados a possíveis formas de movimento corporal.¹³ Cienki¹⁴ explica que o gesto de representação pode ser feito de quatro formas:

1. Movimento para representar uma ação específica, como movimentar horizontalmente a mão fechada como se estivesse escrevendo.
2. Utilizar as mãos para representar um objeto como se a mão fosse esse objeto. Por exemplo, posicionar as mãos fechadas ao lado da orelha, com polegar e dedo mindinho estendidos, representando o telefone.
3. Posicionar as mãos de maneira a representar a ação e o objeto ao mesmo tempo. Por exemplo, juntar as duas mãos num formato convexo (com as palmas para cima) como se estivesse segurando uma tigela.
4. Utilizar a mão para traçar o movimento feito por algo ou alguém.

Dessa forma, os gestos também servem como representação de metáforas conceptuais, em que o falante tende a representar com um gesto o domínio fonte da metáfora verbal.¹⁵

¹² MÜLLER, Gestures as a medium of expression, 2013, p. 203-206. Tradução nossa do original: We know from praxeological accounts of gestures that the hands are the only organ apart from the vocal tract that have developed a capacity of flexible and variable movements with a high degree of articulatory precision [...]. [Therefore], because gestures can represent entities other than themselves, and because hands have the articulatory flexibility to form manifold shapes to move in a wide variety of manners and to occupy all kinds of possible places within a fairly large space, they are candidates for language.

¹³ MÜLLER, Gestures as a medium of expression, 2013.

¹⁴ CIENKI, COGNITIVE LINGUISTICS, 2013, p. 185.

¹⁵ CIENKI; MÜLLER; Metaphor, gesture, and thought. 2008. MÜLLER; TAG, The Dynamics of Metaphor, 2010. MÜLLER, Gestures as a medium of expression, 2013.

Aparentemente, uma metáfora conceptual que motivou a extensão de uma palavra a um domínio abstrato ainda pode estar ativa em uma cultura e continuar a constituir uma maneira imagética de pensar sobre a ideia, mesmo que não seja mais transparente na forma da própria palavra. Isso pode se manifestar em um gesto, mesmo que o domínio fonte metafórico não seja explicitamente mencionado no enunciado ou, até mesmo, em uma expressão metafórica da língua contemporânea.¹⁶

Ao expressar emoções de felicidade, por exemplo, falantes da cultura ocidental tendem a usar gestos que representam uma orientação espacial que está ligada ao domínio fonte da metáfora FELIZ É PARA CIMA. Para isso, esses falantes tendem a colocar as mãos e braços para cima ao comemorar uma vitória. Já quando expressam emoções de tristeza, os falantes irão posicionar seu corpo para baixo (mãos, braços, queixo caído, corpo envergado), numa representação do domínio fonte da metáfora TRISTE É PARA BAIXO.¹⁷ Assim, a representação metafórica gestual revela processos cognitivos de conceptualização, bem como funcionam como estruturas cognitivas ativas, até mesmo quando não motivam expressões metafóricas verbais.¹⁸

Entretanto, as representações metafóricas também podem ocorrer de forma multimodal. Em contrapartida à metáfora monomodal, que ocorre apenas na fala (metáfora linguística) ou apenas no gesto, a metáfora multimodal, ou metáfora verbo-gestual, dá-se simultaneamente na fala e no gesto.¹⁹ Nessa modalidade, o falante representa no gesto características semânticas do domínio fonte da metáfora ao mesmo tempo em que produz na fala uma metáfora linguística.

Seja de maneira monomodal ou multimodal, a representação de metáforas conceptuais por meio de gesto é um processo que revela o fenômeno da metaforicidade, isto é, um modelo de dinamicidade da metáfora que abandona a visão estática da “metáfora morta” e procura

¹⁶ CIENKI e MÜLLER, *Metaphor, gesture, and thought*, 2008, p.11. Tradução nossa do original: Apparently a conceptual metaphor which motivated the extension of a word to an abstract domain can still be active in a culture and continue to constitute an imagistic way of thinking about the idea, even if it is no longer transparent in the form of the word itself. This may be manifested in a gesture, even if the metaphoric source domain is not explicitly mentioned in the utterance, or ever as a metaphorical expression in the contemporary language.

¹⁷ MÜLLER, *Gestures as a medium of expression*, 2013, p. 210.

¹⁸ CIENKI; MÜLLER; *Metaphor, gesture, and thought*. 2008, p. 19.

¹⁹ CIENKI; MÜLLER, *Words, gestures, and beyond*, 2009. MÜLLER; TAG, *The Dynamics of Metaphor*, 2010.

mostrar como as metáforas antes “adormecidas”, isto é, não evidentes para o falante, podem ser “acordadas” e se tornar mais evidentes para os falantes em uma interação.²⁰

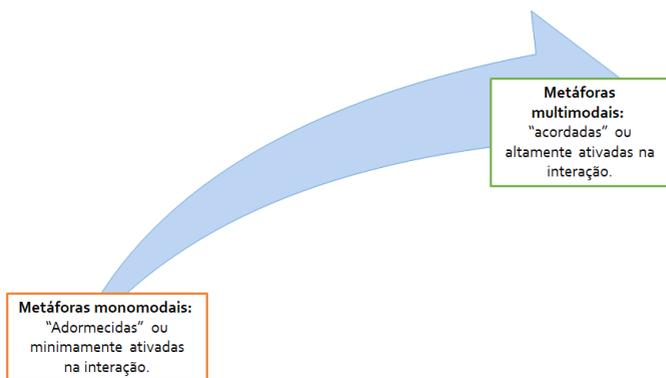


Figura 1: metáforas multimodais e sua relação com a metaforicidade na interação
Fonte: elaborada pelos autores.

Dessa forma, metáforas multimodais, ou verbo-gestuais, seriam ferramentas de ativação de metáforas conceituais durante uma interação, isto é, ao produzir uma metáfora verbo-gestual, o falante chama a atenção para elementos do domínio fonte dessa metáfora, tornando-os mais evidentes para seus interlocutores. Esse fenômeno da metaforicidade pode ser ligado a processos cognitivos como atenção e enfoque e figura-fundo, pois o gesto tem a capacidade de recuperar um mapeamento metafórico que estava no fundo e trazê-lo para o foco de atenção do falante (Figura 1).²¹

A seguir discutiremos como processos cognitivos, como a metaforização, podem refletir elementos culturais de acordo com os preceitos da Linguística Cultural.

Linguística Cultural: conceptualizações culturais

As ciencias cognitivas clássicas entendem o sistema cognitivo como uma estrutura formada a partir de experiências com nosso próprio corpo e com o mundo que nos cerca. Essas experiências são conceptualizadas

²⁰ CIENKI; MÜLLER, Words, gestures, and beyond, 2009. MÜLLER; TAG, The Dynamics of Metaphor, 2010.

²¹ MÜLLER; TAG, The Dynamics of Metaphor, 2010, p. 94.

a partir de processos cognitivos, como esquematização e categorização. Esses processos permitem que os elementos mais salientes e relevantes de um determinado conceito sejam extraídos e organizados em esquemas e categorias que, por sua vez, estão interconectados na mente dos indivíduos. Sharifian,²² denomina esses esquemas e categorias cognitivas de conceptualizações e afirma que, apesar dessas estruturas cognitivas serem formadas a partir da mente do indivíduo, elas também podem emergir como conceptualizações culturais. Dito de outro modo,

as interações entre os membros de um grupo cultural podem produzir conceptualizações emergentes que podem não se reduzir a conceptualizações das mentes individuais. A cognição cultural é composta por esquemas culturais [...] e categorias culturais [...] que podem ser descritas como padrões de conhecimento distribuído por todo o grupo cultural.²³

Partido dessa premissa, Sharifian propõe o modelo da Cognição Cultural Emergente e Distribuída.²⁴ A cognição cultural é emergente, pois as conceptualizações culturais emergem durante a interação entre indivíduos de um mesmo grupo cultural, bem como é distribuída, já que esses indivíduos compartilham essas conceptualizações entre si. Assim, a cognição cultural compõe uma rede de conceptualizações, ou uma rede de esquemas e/ou categorias culturais, que interconecta as mentes dos indivíduos dentro de um determinado grupo cultural, ao mesmo tempo em que distribui essas conceptualizações por todo o grupo.

Contudo, como lembra Sharifian,²⁵ as mentes dos indivíduos que compõem essa rede não compartilham igualmente todos os elementos de uma mesma conceptualização cultural, nem mesmo contém todos os elementos dessa conceptualização. Por exemplo, se um determinado esquema cultural é composto por um grupo de elementos que variam de

²² SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011, p. 4-5.

²³ SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011, p. 5. Tradução nossa do original: interactions between the members of a cultural group can produce emergent conceptualisations that may not be reduced to conceptualisations of the individual minds. Cultural cognition is composed of cultural schemas [...] and cultural categories [...] that can be described as patterns of distributed knowledge across the cultural group.

²⁴ Agradecemos a John Benjamins Publishing Company que nos autorizou a reprodução desta imagem, originalmente publicada em SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011, p. 6. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/clsc.1>

²⁵ SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011, p. 6.

A até E, cada indivíduo poderá compartilhar um ou mais elementos desse esquema, ou seja, um indivíduo poderá compartilhar somente o elemento A ou somente o elemento B, ou somente o C, e assim por diante. Da mesma maneira, cada mente poderá compartilhar diferentes combinações desses elementos, como a combinação dos elementos A, C e E, ou a combinação B, C e D, ou apenas B e D, e assim por diante. É válido lembrar que os indivíduos nunca compartilharão todos elementos ou nenhum elemento de uma mesma conceptualização.

Distributed, Emergent Cultural Cognition



Figura 2: Modelo de cognição cultural distribuída.

Fonte: SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011, p. 6.

De acordo com Sharifian,²⁶ as conceptualizações culturais são transmitidas em boa parte por meio da língua. Além disso, apesar de serem o resultado de faculdades universais, essas conceptualizações não são homogêneas para todos os seres humanos. “Pessoas de diferentes culturas parecem empregar faculdades cognitivas semelhantes, mas em grande medida conceptualizam sua experiência de maneiras culturalmente específicas”.²⁷ Nesse sentido, o conceito de “conceptualizações culturais” de Sharifian se alinha com os estudos sobre universalização e variação cultural da metáfora conceptual. Kövecses²⁸ afirma que representação cognitiva dos conhecimentos que temos do mundo não

²⁶ SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011.

²⁷ SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011, p. 47. Tradução nossa do original: People across different cultures appear to employ similar cognitive faculties but to a large degree conceptualise their experience in culturally specific ways.

²⁸ KÖVECSES, *Where metaphors come from*, 2017, p. 80.

é um reflexo direto da realidade, mas sim uma realidade socialmente e situacionalmente construída. A realidade é, portanto, filtrada pelo pensamento. Dessa forma, as metáforas conceptuais podem variar na medida em que falantes de outras culturas vivem em ambientes diferentes e consequentemente têm experiências diferentes; ou simplesmente realizam experiências semelhantes de maneira cognitivamente diferente daquela feita por falantes de outras culturas.²⁹

Mediante isso, descreveremos a seguir algumas metáforas verbais ou verbo-gestuais produzidas durante uma interação entre quatro estudantes brasileiros em período de intercâmbio na Alemanha e mostraremos como essas metáforas refletem conceptualizações culturais brasileiras sobre o conceito de felicidade.

Análise da interação

O trecho escolhido para essa análise foi retirado de uma interação entre quatro estudantes brasileiros que estavam no final do intercâmbio na Universidade de Münster, Alemanha. No trecho analisado, os estudantes respondiam às seguintes perguntas: “Qual sua experiência agora? Existem diferenças culturais? Como elas se exprimem? Como vocês lidaram com elas?”.³⁰

Durante as respostas, os estudantes B2 e B4 contam como foi a experiência de assistir a uma partida de futebol disputada entre Brasil e Alemanha durante a Copa do Mundo de 2014. Nessa partida, a seleção brasileira perdeu de 7 a 1 para a seleção alemã. Os dois estudantes assistiram à partida no refeitório da universidade junto a um grupo de brasileiros e a outro grupo de espectadores alemães. Nessa narrativa, eles expressam que ficaram surpresos com o comportamento aparentemente passivo dos torcedores alemães em comparação ao grupo de torcedores brasileiros que estavam “fazendo muito barulho”, parecendo estar mais felizes que os alemães, mesmo tendo perdido a partida.

²⁹ KÖVECSES, *Metaphor in culture*, 2005.

³⁰ Esses mesmos estudantes participaram de uma interação filmada no início do período de intercâmbio. Na ocasião, eles discutiram suas expectativas com relação à Alemanha e à cultura alemã. Nessa segunda interação, eles confrontam suas expectativas iniciais com suas vivências e experiências reais nesse país. A interação é parte do Corpus NUCOI - Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação.

Observamos, sobretudo, em toda a narrativa, a ocorrência das metáforas FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO representadas de forma monomodal e multimodal. Nesse primeiro trecho, B2 descreve o comportamento dos brasileiros durante o segundo tempo do jogo, quando a seleção brasileira já perdia o jogo, esclarecendo que os brasileiros voltaram a “fazer muito barulho” mesmo depois de a seleção alemã ter marcado muitos gols e estar à frente no placar.

Sequência 1: 2014MuBr01 ((19:12 - 20:03))

01 B2: MAS;;
02 velho no interVALo e tAl,
03 e pelo segundo tempo aDENTro,
04 a gente voltou fazer barulho <<levantando o rosto,
apontandO o queixo para cima> MAIS::->=
05 intenso do que: no início.
06 <<rindo> a gente fez uma roda de paGode lá,>
07 e começamos a rir da nossa prÓpria situaÇÃO;
08 enquanto os aleMÃES tipo;
09 com todos os motivos do MUNdo;=
10 =pra tarem comemORANdo e;;
11 <<jogando os braços lentamente para cima desenhando com as mãos um
12 semicirculo de dentro para fora> sei lá> (.) mega felIzes;
13 continuaram assistindo o jogo sentA:do,=
14 =e de certa forma também pasSÍveis assim.
15 (.) então tipo foi um;
16 um um UM;
17 ((gesticula as mãos))uma diferença gritante da forma de lidAR,=
18 =com: situações exTREmas assim.
19 tipo: enQUANto;=°h;
20 as pessoas normalmente esperaRIam;=
21 =<<movimenta ligeiramente as mãos com a palma aberta
22 para baixo> que a gEnte ficasse> quieto retraído;
23 e:: angustIAdo,=
24 =a gente tava °hh <<jogando os braços lentamente para cima
desenhando com as mãos um semicírculo de dentro para fora>
explodINDo de:;>

25 B1: [((ri))]
 26 B2: [<<repetindo o mesmo gesto> sei LÁ de que;=>]
 27 =<<repetindo o mesmo gesto> mas a gente tava feLIZ;>
 28 B3: Uhum.
 29 B2: e:: Eles,
 30 podiam atÊ tat feLIZ,=
 31 =mas ?não tavam demonsTRANdo isso.=

Nesse trecho, observamos uma série de ocorrências de metáforas orientacionais e/ou primárias. Entre as linhas 08 e 14, B2 demonstra certa surpresa ao dizer que os alemães continuavam sentados e passíveis, mesmo tendo todos os motivos do MUNdo;= pra tarem comemORando e:: [...] sei lá> (.) mega feLizes; Ao dizer “mega felizes”, B2 levanta os braços lentamente desenhando um semicírculo com as mãos. Um gesto parecido é repetido por três vezes entre as linhas 24 e 27, quando B2 relata que os brasileiros que assistiam ao jogo no refeitório estavam “explodindo” e “felizes”.



Figura 3: Gesto produzido juntamente às metáforas linguísticas “mega felizes” e “explodindo de...”.
 Fonte: corpus NUCCI

Aqui temos dois exemplos de metáforas verbo-gestuais que podem ser atribuídas às metáforas orientacionais FELIZ É PARA CIMA e MAIS É PARA CIMA. Primeiramente, o gesto produzido por B2 ao dizer “mega felizes” representa o esquema imagético “para cima” presente no domínio-fonte de FELIZ É PARA CIMA. Assim, a produção multimodal da metáfora aliada ao emprego do acento focal em feLizes configuram um processo cognitivo de figuração dessa metáfora conceptual, aumentando assim o grau da metaforicidade na metáfora linguística por ele utilizada.³¹

³¹ CIENKI; MÜLLER, Words, gestures, and beyond, 2009. MÜLLER; TAG, The Dynamics of Metaphor, 2010.

Além disso, o adjetivo “mega” também apresenta características do esquema imagético PARA CIMA presente no domínio-fonte da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson³² MAIS É PARA CIMA e da metáfora primária de Grady³³ QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL. Essas metáforas estão baseadas em nossa percepção de que, ao aumentarmos a quantidade de algo, como um líquido num contêiner ou objetos em uma pilha, percebemos que o nível destes se eleva. Segundo Lakoff e Johnson,³⁴ as metáforas conceptuais MAIS É PARA CIMA e FELIZ É PARA CIMA são coerentes entre si e demonstram como essa experiência orientacional faz parte de um sistema conceptual mais presente em boa parte das línguas europeias ocidentais, como é o caso do português.

Da mesma maneira, ao dizer nas linhas 24 a 27 “a gente tava explodindo de... sei lá de que... mas a gente tava feliz”, B2 repete o mesmo gesto de semicírculo de baixo para cima:

Sequência 02: 2014MuBr01

24 =a gente tava °hh <<jogando os braços lentamente para cima
desenhando com as mãos um semicírculo de dentro para fora>
explodINDo de:;>
25 B1: [((ri))]
26 B2: [<<repetindo o mesmo gesto> sei LÁ de que;=>]
27 =<<repetindo o mesmo gesto> mas a gente tava feLIZ;>

Porém, desta vez, podemos associar sua representação gestual às metáforas conceptuais O CORPO É UM CONTÊINER PARA AS EMOÇÕES e FELICIDADE É UM LÍQUIDO EM UM CONTÊINER³⁵ já estabelecidas em outras línguas ocidentais, como o inglês e o húngaro. Em nosso exemplo, percebemos que felicidade pode ser uma substância contida no corpo e que podemos, assim, explodir quando essa substância exceder o volume máximo. Sabemos que a explosão de uma substância em um contêiner é gerada pelo aumento da pressão que geralmente vem do aquecimento dessa substância. Assim, a conceptualização de felicidade aqui também é

³² LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003, p. 15.

³³ GRADY, *Foundations of Meaning*, 1997.

³⁴ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003, p.17.

³⁵ KÖVECSES, *Metaphor in culture*, 2005, p. 36-38.

coerente com a metáfora primária de Grady³⁶ INTENSIDADE DE EMOCÃO É CALOR, que tem sua motivação baseada na correlação entre a temperatura da pele e a agitação da pessoa.

Da mesma maneira, temos a metáfora conceptual mais geral estabelecida por Kövecses³⁷ UMA PESSOA EM UM ESTADO EMOCIONAL INTENSO É UM CONTÊINER PRESSURIZADO. Segundo ele, as metáforas conceptuais podem ser compartilhadas por diferentes culturas/línguas, mas perfiladas e elaboradas de formas diferentes. Dessa forma, podemos dizer que em nosso exemplo B2 ao dizer “explodindo de ... sei lá de que” e afirmar em seguida “mas a gente tava feliz”, conceptualiza felicidade como FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA EM UM CONTÊINER PRESSURIZADO, evidenciando, por meio da repetição do gesto que faz com os braços, o esquema de contêiner explodindo/transbordando presente no domínio-fonte dessa metáfora.

Por outro lado, nas linhas 17 e 23, B2 contrasta o comportamento dos brasileiros e alemães nessa situação dizendo: “as pessoas normalmente esperariam que a gente ficasse quieto, retraído angustiado”.

Seqüência 03: 2014MuBr01

17 ((gesticula as mãos))uma diferença gritante da forma de lidar,=
18 =com: situações extREmas assim.
19 tipo: enQUANTo;=°h;
20 as pessoas normalmente esperaRIam;=
21 =<<movimenta ligeiramente as mãos com a palma aberta
22 para baixo>> que a gEnte ficasse> quieto retraÍdo;
23 e:: angusTIAdo,=



Figura 4: gesto produzido por B2 que representa o domínio-fonte da metáfora TRISTE É PARA BAIXO. Fonte: corpus NUCOI

³⁶ GRADY, *Foundations of Meaning*, 1997.

³⁷ KÖVECSES, *Metaphor in culture*, 2005, p. 42.

O gesto feito por B2, que antecede os adjetivos “quieto”, “retraído” e “angustiado”, representa o esquema “para baixo”, presente no domínio fonte da metáfora conceptual TRISTE É PARA BAIXO, pois ele movimenta as mãos ligeiramente para baixo. Trata-se, aqui, de uma metáfora monomodal, representada apenas no modo gestual.

A partir desse trecho, os estudantes começam a estabelecer um contraste entre o comportamento dos torcedores brasileiros e alemães que assistiam ao jogo no refeitório. Por meio de suas conceptualizações de felicidade e tristeza, os estudantes brasileiros se deparam com um paradoxo: os espectadores brasileiros estão felizes mesmo com a derrota, enquanto que os torcedores alemães estão passivos e quietos, mesmo com a vitória, como mostra o trecho a seguir:

Seqüência 04: 2014MuBr01

01 B4: [eu também]fiquei choCAda.
02 o jogo acaBOU,
03 aí eu falei aSSIM;=
04 =ah acabou eles vão comemoRAR;=né?
05 (.) aí eu tava esperando todo mundo levantAR,
06 <<ergue ligeiramente os antebraços, movimentando-os de um lado
para o outro> UHUH alemAnha começar a cantAR;=
07 =sei lá: o que que eles [CANTam?]>
08 B2: [uHUM,]
09 B4: todo mundo levantTOU.
10 pegou as COIsas e [saíram do mensa.]

Novamente aqui observamos a conceptualização de felicidade a partir da metáfora orientacional FELIZ É PARA CIMA. Nas linhas 05 e 07, B4 descreve suas expectativas em relação à reação dos alemães diante da vitória da seleção alemã na copa. O gesto produzido nesta seqüência representa a comemoração típica do torcedor, que eleva os braços, sacudindo de um lado para outro, além de erguer também o queixo e o rosto. Müller³⁸ já havia descrito esse gesto de torcida, bem como uma postura corporal ereta como uma típica representação gestual da metáfora FELIZ

³⁸ MÜLLER, Gestures as a medium of expression, 2013, p. 210.

É PARA CIMA. Neste trecho, essa metáfora é produzida de forma monomodal (somente gesto) e, portanto, não estaria ativada na interação de maneira a ficar evidente aos outros participantes.



Figura 5: gesto produzido por B4 que representa a metáfora FELIZ É PARA CIMA.
Fonte: corpus NUCCI

Entretanto, outro elemento interacional irá reforçar a fala de B4. Ao dizer UHUH alemAnha na linha 06, B4 o faz por meio de polifonia, encenando a voz que seria dos torcedores alemães comemorando a vitória, sendo que o acento focal recai sobre a interjeição “Uhuh”, tipicamente utilizada em situações de comemoração. Segundo Günthner,³⁹ ao relatar um acontecimento presenciado no passado, o falante usualmente lança mão de uma estratégia prosódica que a autora chama de sobreposição de vozes (*layering of voices*), em que o falante sinaliza, por meio do uso de diferentes características prosódicas e de qualidade de voz, o ponto em que o discurso indireto começa e termina, bem como a voz de qual pessoa está sendo citada. Além disso, a autora afirma que esse recurso também pode ser utilizado para relatar discursos fictícios, isto é, que não aconteceram de fato, mas que seriam esperados pelo falante. Assim, a sobreposição de vozes também seria um meio da avaliação do relator da situação/pessoa relatada. Dessa forma, apesar de estar relatando apenas o que seria uma reação adequada (mas que não aconteceu na realidade), a sobreposição de vozes de B4 reforça sua opinião de que os alemães deveriam comemorar a vitória de forma mais “animada”.

Esse contraponto entre expectativas dos estudantes brasileiros sobre o que é felicidade e a reação de fato dos alemães diante da vitória conquistada por sua seleção de futebol nos revela como as

³⁹ GÜNTNER, Polyphony and the 'layering of voices' in reported dialogues, 1999.

conceptualizações de felicidade e tristeza dos participantes estão embasadas nas metáforas FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO. No trecho abaixo, B2 diz nas linhas de 01 a 04 que o único momento de “felicidade” identificado por ele no comportamento dos alemães foi quando estes se levantaram ao fim do jogo e aplaudiram os jogadores, o que para ele foi mais um sinal de esportividade.

Sequência 5: 2014MuBr01

01 B2: tipo (.) eu interpreEI isso como;;
 02 enfim eles aplaudiram a seleção alemã,
 03 mas aplaudiram também a GENTE e tudo;=
 04 =aplaudiram o JO[go em si;=
 05 B4: [o JOgo;]
 06 B2: =então foi foi uma (.) esportiviDade;=né;=
 07 =que eles demonsTRaram,
 08 °hh (-) ma::s É;=
 09 =enFIM;

Essa aparente contradição entre a reação alemã e o sentimento de felicidade será problematizada mais adiante na interação, quando os estudantes defenderão a ideia de que os brasileiros são mais otimistas por rirem da própria desgraça, como demonstra o trecho a seguir:

Sequência 6: 2014MuBr01

01 B4: então eu achei isso muito leGAL;=sabe;=
 02 =de::;
 03 (1.3)
 [de::]?é: (.) daí que a gente sabe rir da das
 nos[sas des]GRAças. =sabe;
 04 B3: [m_HUM;]
 05 B2: <<olhando para o chão>[é::>]
 06 B3: ((ri))
 07 B4: e foi aí a conclusão que eu tiREI;=sabe;=
 08 =por mais que tem tenha gente que fala que °hh nós tamo sempre
 de bom huMO:R;=

09 =nós não: (-) conseguimos enxergar o que que tem de
 ruim no brasIL,=
 10 = pra gente tá sempre tudo BOM;=
 11 =não sei o QUÊ;
 12 (-- eu acho que eu consigo ter esse pensamento posiTIvo;=
 13 =e ainda ser crítica [com a situação do] [meu pa][ÍS;=]
 14 B2: [é acho que uma coisa] [não] [exclui a]
 [a OUtra;]
 15 B3: [m_HUM;]
 16 B4: [=uma coisa num ex] [clui a OUtra;]
 17 B2: [ah exataMEN]te;
 18 °h eu acho que assim agente conSEgue;;
 19 e ah (-- e a gente tá (em xxx) tempo de mudAR,
 20 °h essa quesTÃO;=
 21 tipo de (.) de ser pouco crí:tico com relação às COISas;
 22 B3: [umHUM.]
 23 B2: [que: eh] [bem] ao contrário do que aqui na aleMANha;=
 24 B3: [hum.]
 25 B2: =que as pessoas são muito CRíticas;=
 26 =elas deBA:tem;
 27 os assuntos impoRTANtes;=
 28 =e TUdo;=°h;
 29 =e é uma coisa que falta no brasIL,
 30 mas ao mesmo TEM:po;
 31 ((funga)) (-) eh isso (---) debaTE:R ser crítico velho;=
 32 =não:: implica necessariamente ser sé:rio e não curtir as COISas;
 =sabe;=
 33 =tipo as duas coisas elas (.) podem eh coexisTIR,
 34 °h e: aí nesse aspecto eu acho <<all> que os alemães têm alguma
 coisa a aprender com a GENTE,=
 35 =e a gente tem alguma coisa a aprender tambBÉM.>

Nesse trecho, nas linhas 12 e 13, B4 diz ter aprendido com essa experiência que, ao contrário do que alguns dizem, os brasileiros conseguem, simultaneamente, ter bom humor e serem críticos. Sua opinião é corroborada por B2 que concorda na linha 14 dizendo, em sobreposição, é acho que uma coisa não exclui a OUtra;. Mais à frente na interação, B2 vai contrapor esse otimismo brasileiro à seriedade e

alta criticidade alemã, afirmando que essas duas características, aparentemente opostas, podem coexistir e conclui que os alemães podem aprender a ser otimistas como os brasileiros, enquanto que os brasileiros podem aprender a ser mais críticos como os alemães.

Conclusão

Em nossas análises, portanto, percebemos a ocorrência das metáforas orientacionais FELIZ É PARA CIMA, MAIS É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO de Lakoff e Johnson,⁴⁰ bem como metáforas primárias QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL e INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR, estabelecidas por Grady,⁴¹ que configuram a motivação cognitiva das conceptualizações de felicidade e tristeza na interação entre quatro estudantes brasileiros. Os esquemas imagéticos presentes no domínio fonte das metáforas sobre tristeza e felicidade foram representados nos gestos produzidos pelos participantes da interação, aumentando o grau de metaforicidade das metáforas linguísticas produzidas por eles. Além disso, percebemos a ocorrência de metáforas mais gerais como UMA PESSOA EM UM ESTADO EMOCIONAL INTENSO É UM CONTAINER PRESSURIZADO de Kövecses⁴² em que o conceito de felicidade foi perfilado pelos estudantes brasileiros como FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA EM UM CONTAINER PRESSURIZADO.

As conceptualizações culturais de tristeza e felicidade, comprovadas pela produção de metáforas gestuais e verbo-gestuais e reforçadas por elementos prosódicos como acentos focais e sobreposição de vozes, serviram como base para a percepção das diferenças culturais vividas pelos estudantes e funcionaram como base para a formação de uma cognição compartilhada, em que brasileiros são vistos como otimistas e felizes por manterem, de forma geral, uma postura corporal orientada “para cima” (levantando-se e falando alto), enquanto os alemães são vistos como passivos, organizados e comportados por manterem uma postura corporal orientada “para baixo” (permanecendo sentados e em silêncio). Entretanto, os estudantes chegaram à conclusão de que o comportamento

⁴⁰ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980].

⁴¹ GRADY, *Foundations of Meaning*, 1997.

⁴² KÖVECSES, *Metaphor in culture*, 2005.

aparentemente feliz dos brasileiros não contrapõe conceitos como criticidade e respeitabilidade.

Sendo assim, podemos concluir que a análise dos dados aponta para a existência de conceptualizações culturais compartilhadas entre membros de um mesmo grupo cultural, como apontado por Sharifian.⁴³ A análise das metáforas verbo-gestuais também revelaram como o processo cognitivo de figura e fundo ajudam a salientar, por meio de gestos, a metaforicidade de expressões linguísticas, como proposto pelo modelo da dinamicidade da metáfora.⁴⁴ Além disso, o processo de ativação da metáfora via gesto reafirma o caráter emergente da cognição cultural, pois foi na interação que as conceptualizações culturais de felicidade e tristeza se fizeram evidentes.

Referências

- CIENKI, Alan. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David; TEBENDORF, Sedinha (orgs.). *Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 1. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 182-201.
- CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. Metaphor, gesture, and thought. In: GIBBS, Raymond (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. London: Cambridge University Press, 2008. p. 2-32.
- CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. Words, gestures, and beyond: Forms of multimodal metaphor in the use of spoken language. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Edurado (eds.), *Multimodal Metaphor*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 297-328.
- GÜNTNER, Susanne. Polyphony and the 'layering of voices' in reported dialogues: An analysis of the use of prosodic devices in everyday reported speech. *Journal of Pragmatics*, 31 (5), 1999. p. 685-708.
- GRADY, Joseph. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. (Tese). dissertation, University of California, Berkeley, 1997.
- KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: CUP, 2005.
- KÖVECSES, Zoltán. *Where metaphors come from*. New York: OUP, 2017.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 (Edição para Kindle).
- MÜLLER, Cornelia. Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures. In: MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David; TEBENDORF, Sedinha (orgs.). *Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 1, Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 202-217.

⁴³ SHARIFIAN, *Cultural Conceptualisations and Language*, 2011.

⁴⁴ MÜLLER; TAG, *The Dynamics of Metaphor*, 2010.

MÜLLER, Cornelia; TAG, Susanne. The Dynamics of Metaphor: Foregrounding and Activating Metaphoricity in Conversational Interaction. *Cognitive Semiotics*, 6, 2010. p. 85-120.

SILVA, Augusto Soares. A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista portuguesa de humanidades*, 1 (1-2), 1997. p. 59-101.

SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Conceptualisations and Language: Theoretical framework and applications*, Amsterdam, Philadelphia: JohnBenjamins Publishing, 2011. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/clsc.1>

A mudança de tópico na perspectiva da Análise da Conversa: análise de uma interação eliciada

Frederico Amorim Cavalcante

Introdução

Neste trabalho abordo a noção de *tópico*, conforme definida nos quadros da Análise da Conversa.¹ Mais especificamente, analiso como se configuram algumas estratégias de *mudança de tópico*² e como essas estratégias são implementadas e reguladas em uma interação entre estudantes brasileiros que se encontram em intercâmbio acadêmico na Alemanha.

Nesse sentido, apresento uma análise de excertos de uma transcrição que faz parte do *corpus* NUCOI, um corpus compilado pela equipe do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter)Cultural em Interação (NUCOI).³ Essa transcrição, 2014MUBR02, corresponde a uma gravação realizada em 2014 e consiste em uma interação face-a-face entre quatro estudantes universitários brasileiros – três do sexo masculino e um do sexo feminino. Trata-se de uma interação eliciada, com 1h40min. de duração, em que os quatro estudantes, falantes de alemão como língua adicional, discutem suas experiências na Alemanha.

O *corpus* é parte do projeto II *Comunicação (Inter-)cultural em contextos de duração maior: processos linguísticos e (auto-)reflexivos* (2012-2016), coordenado pela Professora Ulrike Schröder (FALE/UFMG) e

¹ GARFINKEL, *Studies in ethnomethodology*, 1967. LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983]. SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010.

² SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 233-240.

³ O *corpus* encontra-se disponível online. Para mais informações, cf.: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi/>.

motivado por questionamentos envolvendo a interação entre indivíduos de uma mesma cultura em contato *in situ* com outra cultura. O *corpus* é transcrito em conformidade com o sistema GAT 2⁴, uma versão atualizada do GAT, que incorpora não apenas as convenções criteriosamente concebidas para a representação de aspectos fonéticos e prosódicos da fala-em-interação, como também convenções atentas às necessidades metodológicas trazidas pelos avanços técnicos observados nos últimos anos. Os excertos utilizados na análise são apresentados de acordo com essas mesmas convenções.

É objetivo central deste trabalho examinar como se operam algumas das mudanças de tópico em uma interação cujos tópicos são determinados externamente, o que representa uma restrição a ser acomodada e respeitada pelos interactantes. A eliciação tópica da interação apresenta-se como uma oportunidade privilegiada para que se possa examinar como os interactantes se comportam verbalmente nas transições entre tópicos, assegurando o andamento da interação a despeito das disposições individuais ou do grupo como um todo.

Este artigo está organizado do seguinte modo. Primeiramente, apresento uma breve introdução à Análise da Conversa, seguida da seção 2, que contém uma exposição dos conceitos necessários à análise da mudança de tópico. Na seção 3 encontra-se a análise propriamente dita, com exemplificações e discussões a respeito da mudança de tópico com base em excertos da interação acima referida. Finalmente, na seção 4, exponho alguns comentários à guisa de conclusão. Passemos, então, à apresentação do panorama teórico.

Pressupostos teóricos

A Análise da Conversa (AC) é uma abordagem eminentemente empírica e de orientação indutiva que vê as interações verbais como um fenômeno constitutivo da vida humana em sociedade e que objetiva

⁴ Sigla em alemão para Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (sistema de transcrição para análise da conversa). SELTING *et al.*, Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2, 2016.

descrever, analisar e compreender tal fenômeno a partir de um ponto de vista sociológico.⁵

Essa abordagem teve início com os trabalhos de H. Garfinkel⁶ (1917-2011), dentre outros, os quais se filiam à tradição da etnometodologia, como aponta Liddicoat.⁷ A etnometodologia, por sua vez, ainda segundo Liddicoat,⁸ procura entender como se estruturam as práticas e os procedimentos de que se valem os sujeitos de uma dada sociedade para a produção e o reconhecimento de práticas, eventos e objetos compartilhados. Cumpre apontar que, como argumenta Koyama,⁹ a AC é uma abordagem independente da sociologia, caracterizando-se por uma maior formalização e miniaturização em resposta a uma demanda por maior rigor e de certa resistência a uma alegada ambiguidade interpretativa da sociologia.

Dentre outros nomes importantes para o estabelecimento da AC como disciplina acadêmica,¹⁰ podemos citar: E. Goffman¹¹ (1922-1988), com seus estudos sobre regras e rituais culturais em interações face-a-face; H. Sacks¹² (1935-1975), E. Schegloff¹³ (1937-) e G. Jefferson¹⁴ (1938-2008), os quais estabeleceram um novo paradigma metodológico possibilitado pelos avanços na tecnologia de gravação e armazenamento de dados. O foco original nas conversações aos poucos se ampliou para abarcar situações de interação em contextos clínicos (por exemplo: médico-paciente), sala de aula, noticiários, entrevistas etc. Tal alargamento é uma das razões principais porque, hoje, o termo *fala-em-interação*¹⁵ é preferido à conversação.¹⁶

⁵ SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 1. LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983], p. 364.

⁶ Cf. GARFINKEL, *Studies in ethnomethodology*, 1967.

⁷ LIDDICOAT, *An introduction to conversation analysis*, 2007, p. 2.

⁸ LIDDICOAT, *An introduction to conversation analysis*, 2007.

⁹ KOYAMA, *Anthropology and Pragmatics*, 2009 [1998], p. 19.

¹⁰ MAZELAND, *Conversation Analysis*, 2009 [1998], p. 132.

¹¹ Ver GOFFMAN, *Strategic interaction*, 1969.

¹² Ver SACKS, *An analysis of the course of a joke's telling in conversation*, 1974.

¹³ Ver SCHEGLOFF, *Sequencing in conversational openings*, 1968.

¹⁴ Ver JEFFERSON, *Notes on 'latency' in overlap onset*, 1986.

¹⁵ Tradução para *talk-in-interaction*, conforme o Glossário inglês-português sobre Análise da Conversa (AC) e Linguística interacional, organizado pela Professora U. Schröder e disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi/>.

¹⁶ MAZELAND, *Conversation Analysis*, 2009 [1998], p. 132.

A noção de tópico nos quadros da Análise da Conversa

O termo *tópico* é usado em diferentes abordagens linguísticas, formalistas ou funcionalistas, por vezes, com sentidos bem dessemelhantes.¹⁷ Na AC, a noção de tópico relaciona-se àquilo de que trata uma unidade de fala, sendo, nesse sentido, equivalente a *assunto*. Entretanto, os trabalhos sobre tópico¹⁸ normalmente dão mais relevo aos *procedimentos tópicos* do que de fato ao *conteúdo tópico* em si. Isso porque, como mostra Sidnell,¹⁹ é frequentemente problemático determinar de modo inequívoco qual é o tópico de uma unidade de fala, além do risco de que um foco exacerbado no conteúdo possa escamotear questões caras à AC, particularmente com relação aos procedimentos tópicos, a serem esclarecidos abaixo, realizados pelos interactantes.

Os procedimentos tópicos, suas regras e variabilidades referem-se, entre outros, à observância, escolha, geração, localização, busca ou recusa com relação ao tópico conversacional.²⁰ O exemplo abaixo, originalmente apresentado em Schegloff²¹ e aqui tomado de Levinson,²² ilustra, em alguma medida, tais procedimentos.

- 01 R: Alô
02 C: Alô, Rob. Aqui é Laurie. Como vão as coisas?
03 R: ((funga)) Tudo bem. E você?
04 C: Bem. Eu estou telefonando para pedir

O exemplo acima oferece uma oportunidade para que vislumbremos a estrutura esquemática de uma seção de abertura em chamadas telefônicas, que normalmente conta com: chamada (o soar do telefone), resposta (L01), anúncio de reconhecimento do interlocutor, autoidentificação e saudação (L02), resposta à saudação, seguida de outra saudação

¹⁷ Para uma discussão das diferentes definições em abordagens de cunho funcionalista, Cf.: CAVALCANTE, *The topic unit in spontaneous American English: a corpus-based study*, 2015, p. 55- 78.

¹⁸ SACKS, On the Preferences for Agreement and Contiguity in Sequences in Conversation, 1987 [1973]. SCHEGLOFF, *Sequence organization in interaction*, 2007.

¹⁹ SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 223.

²⁰ SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 226.

²¹ SCHEGLOFF, Identification and Recognition in Telephone Conversation Openings, 1979, p. 47.

²² LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983], p. 397.

(L03), a qual segue o turno em que o falante que realizou a chamada dá início à introdução do motivo (tópico) da ligação. Nos termos da AC, pode-se interpretar esse exemplo em termos de *sequência de chamada-resposta*,²³ um princípio organizador que subjaz esse e outros tipos de interação.

Aos propósitos deste artigo, o exemplo interessa porque ilustra uma estratégia comum de introdução de tópico em interações telefônicas. Antes da introdução do tópico, procede-se à realização de um ritual, por assim dizer, padrão em que os interactantes se chamam–respondem, apresentam–reconhecem para então procederem ao tratamento daquilo que realmente motivou a ligação. É interessante notar que, nessa ótica, o que interessa não é tanto o tópico em si, mas sim o encaixamento dele no que diz respeito à estrutura convencionalizada de uma fala-em-interação.

O objetivo deste trabalho harmoniza-se com essa tradição, uma vez que a mudança de tópico é entendida como um conjunto de práticas e negociações direcionadas positiva ou negativamente ao tópico conversacional. A seção abaixo apresenta uma discussão mais pormenorizada sobre a mudança de tópico.

A mudança de tópico

O estudo das mudanças ou transições de tópico atenta-se para o modo como se dá a passagem de um tópico para outro na fala-em-interação.²⁴ Um dos aspectos a ser considerado, por exemplo, refere-se a casos em que um interactante sugere, de algum modo, a transição para um tópico distinto daquele que a interação aborda em dado momento. Como aponta Sidnell,²⁵ esse tipo de transição representa uma questão delicada, que comumente se revela no uso de *tokens de reconhecimento* e *tokens de*

²³ LEVINSON, *Pragmatics*, 1983, p. 393. SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 63-66. Tradução para *suommons-answer sequence, conforme o Glossário...* (Nota 15).

²⁴ SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 232.

²⁵ SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010.

avaliação,²⁶ ou seja, expressões que demonstram a consideração, por assim dizer, do falante com relação ao tópico em curso.

O trabalho de Clift e Helani²⁷ é elucidativo a esse respeito. Os autores mostram como a expressão árabe *inshallah* (“se Deus quiser”, “queira Deus”) e equivalentes são consistentemente usadas em mudanças de tópico, indicando a um só tempo reconhecimento/respeito por parte do falante – ainda que às vezes de modo meramente ritualizado – com relação ao tópico em curso e também um direcionamento para outro assunto. O uso de expressões religiosas desse tipo nas mudanças de tópico é tão prevalente no árabe, argumentam os autores,²⁸ que os falantes as empregam em diferentes contextos, a despeito do fator “filiação religiosa”.

Outro aspecto de interesse envolvendo mudanças de tópico são as transições implementadas por *turnos avaliativos*, os quais não apenas demonstram atenção ao tópico em curso, como também fornecem uma espécie de resumo apreciativo (ou depreciativo) do tópico.²⁹ Esse tipo de avaliação-resumo ocorre frequentemente em mudanças bruscas de tópico, com um falante demonstrando um apreço protocolar ao assunto em curso e logo propondo um outro, como no exemplo abaixo³⁰ (L05), adaptado de Sidnell:³¹

01 LES so HE had a good inni:ngs didn't he
então ele teve muito sucesso profissional não teve

02 MUM I should SAY so:
eu devo dizer que sim

03 Ye:s
sim

04 TRANS (0.2)

²⁶ *Acknowledgment and assessment tokens*, conforme o *Glossário* (Nota 15). Conforme SIDNELL (*Conversation analysis*, 2010, p. 232-235), o *token* de reconhecimento é um tipo de *token* de pré-mudança utilizado para demonstrar atenção a tópicos anteriores antes de anunciarem um novo tópico; os *tokens* de reconhecimento, ao contrário dos avaliativos, não veiculam qualquer avaliação com relação ao tópico vigente.

²⁷ CLIFT; HELANI, *Inshalla: religious invocations in Arabic topic transitions*, 2010. Trabalho realizado com base em um *corpus* com 12 horas de interações telefônicas espontâneas em árabe levantino, gravadas na Síria e no Reino Unido. Além da rica análise, o artigo desperta interesse por aplicar o aparato analítico da AC a uma língua semítica de ampla relevância.

²⁸ CLIFT; HELANI, *Inshalla: religious invocations in Arabic topic transitions*, 2010, p. 358-359.

²⁹ SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 236-237.

³⁰ Todas as traduções usadas neste capítulo são de responsabilidade do autor.

³¹ SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 238.

05 MUM marvelous
 formidável

06 LES °hhhh anyway we had a very good evening o:n
 enfim nós tivemos uma noite muito boa no

07 Saturday
 Sábado

Sidnell,³² porém, argumenta que a estratégia não marcada de mudança de tópico envolve uma mudança progressiva, chamada de *transição gradual*.³³ Esse tipo de mudança se dá não através do encerramento brusco de um tópico e a iniciação de outro, mas sim por meio de um *pivô de tópico*³⁴ que conecte o tópico em curso ao tópico desejado de modo não abrupto. O pivô de tópico pode ser tanto uma expressão quanto um enunciado inteiro. Por exemplo, Jefferson³⁵ discute uma interação entre duas pessoas em que uma delas começa a descrever o estado de saúde ruim de sua sogra e, sem qualquer disjuntura, a conversa migra para o quanto ela havia se divertido em uma festa. Trata-se de uma mudança em que o tópico em pauta dá ensejo a um subtópico que culmina em um pivô, o qual, por sua vez, viabiliza uma introdução orgânica e posterior estabilização de um tópico completamente diferente do inicial.

Feitas as considerações necessárias a este estudo, passemos à análise das mudanças de tópico extraídas do *corpus*.

A mudança de tópico em uma interação eliciada

Como já dito, os dados aqui analisados provêm de uma interação eliciada em que se discute uma série de assuntos previamente estabelecidos e providos aos participantes via cartões dispostos sobre uma mesa em torno da qual a conversa se dá. Dada essa característica, é de se esperar que as transições de um tópico a outro se deem de modo frequentemente brusco, já que a restrição externa dos tópicos provavelmente

³² SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 240-244.

³³ Tradução do autor para *stepwise transition*.

³⁴ Conforme o *Glossário...* (ver Nota 15).

³⁵ JEFFERSON, On stepwise transition from talk about a trouble to inappropriately next-positioned matters, 1984 *apud* SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 242.

dificulta as transições mais graduais. Teremos oportunidade de verificar a validade dessa expectativa.

Os falantes da interação são identificados como B1, B2, B3 e B4. A análise vai se concentrar em B4, única participante do sexo feminino, dado o seu papel preponderante como mediadora nas mudanças de tópico, como ficará claro nos parágrafos a seguir.³⁶

No trecho abaixo, a participante B4, logo após oferecer sua contribuição final sobre o (sub)tópico “aprendizado de alemão”, o qual estava sendo discutido em acordo ao tópico “expectativas realizadas e não realizadas” presente em um dos cartões dispostos à mesa, resume o que havia sido discutido até então e propõe, de modo aparentemente injuntivo e não gradual, a progressão para outro subtópico. Vejamos o excerto abaixo.

Sequência 1: 2014MuA102 ((05:32-05:50))

- 01 B3: é (.) chegou (.) É aquele pOnto.
02 da que é muito difícil (-) avanÇAR;=
03 B2: =é::;
04 B4: tipo eu quero ser a (XXX xxx).
05 ((barulhos))
06 B4: (-) tá (.) LINDo:.
07 (.) qual OUtra expectativa.
08 B2: (--) é. ((ri))
09 B4: ((ri))
10 B2: conhecer pesSOas.
11 [eu acho que i]a conheCER;
12 B1: [é: (.) leGAL.]
13 B2: mil pesSOas?

O momento que precede imediatamente aquele em que B4 diz: (-) tá (.) (L06) é caracteristicamente propício à mudança de tópico, uma vez que todos os falantes já haviam dado suas respectivas contribuições

³⁶ A própria disposição dos falantes em torno da mesa diante da qual a interação se desenrola parece sugerir que B4 desempenha um papel distinto dos demais participantes, já que muitas vezes os falantes do sexo masculino como que se aglutinam do lado esquerdo, ficando B4 à esquerda, em uma posição que faz pensar em preponderância.

sobre a experiência de cada um com relação ao aprendizado de alemão. As linhas 01 e 03, elucidativas a esse respeito, parecem constituir um tipo de *token de pré-mudança*,³⁷ que é uma estratégia comumente empregada por falantes para demonstrar consideração ao tópico em discussão (ou ao interlocutor e ao que ele diz) antes de lançarem/proporem um novo tópico. A função das linhas 01 e 03 seria, pois, de a um só tempo resumir o que vinha sendo dito e abrir caminho para a progressão tópica.

Como seria de se esperar em uma situação em que os participantes precisam cobrir tópicos previamente estabelecidos, B4 encerra deliberada e abertamente o subtópico relacionado ao aprendizado de alemão e incita os demais participantes a migrarem para outro subtópico: qual OUTra expectativa (L07). Esse enunciado parece funcionar como uma exortação aos interlocutores a participarem na decisão do próximo tópico, impondo, contudo, uma restrição: a conversa deverá ser sobre alguma outra expectativa, em harmonia com o que é sugerido no cartão.

Dois outros pontos ainda merecem menção. Primeiramente, antes de B4 encerrar o assunto com um token de reconhecimento (-) tá (.) observa-se que houve tempo o bastante e condições para que outro participante se manifestasse. Isso é indicado pela pausa que precede o “tá” e pelo uso generalizado de um volume de voz mais baixo. Em outras palavras, não é que B4 unilateralmente tenha se decidido pela mudança de tópico. Pelo contrário, ela propõe a mudança e os demais falantes aceitam-na. O participante B2, então, sugere outro tópico, “pessoas”, o qual é aceito, e a conversa então progride para esse novo assunto: “expectativas quanto às pessoas na Alemanha” (L10).

Vale insistir sobre o caráter explícito e não gradual com que a mudança de tópico foi conduzida. Se fosse numa interação de outra natureza, isto é, uma interação não eliciada, talvez a mudança de tópico fosse mais gradual, sem o contorno explícito delineado pelos enunciados nas linhas 06 e 08. Uma vez que “língua alemã” e “pessoas” são partes de um mesmo assunto – as já mencionadas “expectativas” –, uma transição mais orgânica seria mais provável em uma interação não eliciada em que os participantes também tratassem de tais questões. Essa é

³⁷ Tradução nossa para *pre-shift token*. Cf.: SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 234.

uma suposição intuitivamente plausível e também balizada por Sacks,³⁸ que sugere que a mudança gradual é um traço característico das interações espontâneas.

Examinemos como ocorre a próxima transição de tópico, nitidamente mediada por B4.

Sequência 2: 2014MuA102 ((09:56-10:10))

01 B3: [ela fez suCESSo.]
02 B4: [<<len> tadinha] ela tá tão TRISTe;>
03 B2: HM a;
04 B4: da gente tá indo emBOra;
05 nossa ela vai fica bem [mal:.]
06 B2: [nossa] eu nem converSEI com ela.
07 enFIM;=uhm;
08 B4: é:.
09 B2: não:. ((ri))
10 TR: (1.3)
11 B4: tá não se realiZaram quais se realizaram.
12 TR: (1.8)
13 B3: hum: pensANdo.

Na sequência acima, observa-se que B4 utiliza novamente a expressão “tá” (linhas 06 e 11 nas Sequências 1 e 2, respectivamente), como uma peça no maquinário, usada para conduzir a interação para um outro tópico. Na verdade, no trecho que antecede o ponto em que se inicia a Sequência 1, os interactantes estavam tratando das expectativas deles que não se realizaram até aquele momento em suas experiências na Alemanha. Notando o esgotamento desse tópico, que é sinalizado por pausas e volume mais baixo de voz, B4 assume novamente o papel que poderíamos chamar de regulador, e se vale do token de reconhecimento é:. (L08) seguido de tá (L11) para estimular a continuidade da interação, seguindo as instruções da ficha.

Uma possibilidade de análise da linha 11 da Sequência 2 seria considerar o “tá” também como um token de pré-mudança, devido a sua

³⁸ SACKS, *Lectures on conversation*, 1995, p. 566 *apud* SIDNELL, *Conversation analysis*, 2010, p. 240.

função de certa forma também introdutória, desempenhando um papel menos neutro do que outros tokens similares, tais como “é”, “pois é”, “uhun” etc. “Tá”, pelo menos quando usado por um falante cumprindo um papel regulatório, como o que exerce B4, parece indicar tanto consideração por parte do falante com relação ao que o(s) seu(s) interlocutor(es) acabam de dizer, quanto também que o tópico foi exaurido e que, portanto, deve-se partir para um outro. As características prosódicas com que o “tá” acima foi realizado parecem corroborar essa análise, como a próxima figura indica.

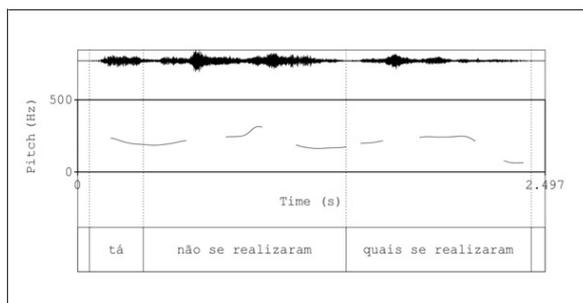


Figura 1: Excursão de f0 e forma de onda de trecho da Sequência 2. Fonte: produção própria

No topo da figura, tem-se o oscilograma e na parte intermediária, a variação de *pitch*, que aqui se refere à frequência fundamental (f0) medida em hertz. Nota-se o perfil descendente de f0 com que “tá” é realizado.³⁹ Isso, combinado à intensidade relativamente alta⁴⁰ e ao fato de que a curva de f0 desce, mas não chega a atingir níveis muito baixos, parece ser responsável por conferir ao “tá” a função introdutória mencionada acima.

Seria interessante identificar as ocorrências de “tá” em contextos equivalentes, inclusive em outras interações, para que se pudesse fazer um estudo mais detalhado de suas possíveis funções e características prosódicas associadas a cada função eventualmente identificada, bem como de seu papel como um elemento empregado para a transição de

³⁹ Apesar de a imagem não permitir uma percepção tão clara, os valores máximo e mínimo de f0 no “tá” são respectivamente 240 e 191 Hz.

⁴⁰ A intensidade média do trecho todo é de 75 dB, ao passo que a média do “tá” é 76 dB.

tópico. Tal estudo, entretanto, está fora do escopo deste trabalho, já que requereria uma metodologia fonética refinada.

Ainda sobre o papel exercido por B4 na interação, é interessante observar o que ocorre no próximo excerto.

Sequência 3: 2014MuA102 ((13:57-14:39))

- 01 B4: é:: hm <<pp> eu queria falar uma COIsa.>
02 ((todos silenciam))
03 B2: que MAIS;
04 B4: expectativas que realizaram;
05 é porque a gente tava falando de outra coisa no
comeCInho;
06 sem ser na na universiDade.
07 relacioNada a [universi][dade-]
08 B2: [de viAgens?]
09 B3: [sobre umas][amiZA]des;
10 B4: É de viAgem é.
11 B2: é ISso;
12 B4: não (.) na verdade não não é ISso.
13 na verDAde o o (.) bom.
14 uma expectativa que se realizou foi o MODO de vida que eu
achei que ia ter aqui,
15 (.) e que realmente FOI,
16 e QUE (.) eu acho que tivesse ser;
17 meio diFícil voltar pro brasil.
18 [me] aDAPtar à realidade.
19 B1: [uHM.]
20 B2: [é uHUM.]
21 B4: que eu tinha mEsMo essa expectatIva de morar numa cidade [seGUra?]
22 B2: [((tosse))]
[NOSsa;]
23 B4: [ONde eu] possa;

A participante B4 exerce um papel ativo na recuperação de um tópico que havia sido abandonado ou perdido e que ela aparentemente considera oportuno naquele momento. Isso é feito mediante a percepção de que a interação estava perdendo força e é estimulado por B2, com o

seu metacomentário; que MAIS; na linha 3. Interessantemente, os falantes do sexo masculino não se opõem à atuação de B4 como agente regulador nas transições de tópico. Isso sugere certa hierarquização tácita e harmoniosa, construída naturalmente em uma interação eliciada.

Ao analisarmos o trecho de gravação que antecede a Sequência 3, nota-se que os falantes tinham se proposto a falar sobre “a oportunidade de conhecer lugares durante sua estada na Alemanha” como subtópico dentro de “expectativas que se realizaram”. Entretanto, eles se põem a falar sobre a qualidade da universidade, dos equipamentos e da infraestrutura disponíveis para os estudantes, abandonando o subtópico “conhecer lugares”. Ao esgotarem a discussão sobre a infraestrutura da universidade, a interação perde força e instaura-se um silêncio de aproximadamente sete segundos, que não é pequeno para uma conversação. A participante B4, então, com a anuência dos demais falantes, recupera o subtópico “conhecer lugares”, mas, incapaz de desenvolvê-lo – seja por não ter o que dizer ou por considerar que outro tópico seja mais interessante – e diante do silêncio dos demais interactantes, traz outro subtópico à baila, “qualidade de vida”.

A participante B4, mais uma vez, realiza o papel regulador que vinha exercendo desde o início da interação. Ainda a esse respeito, é interessante notar que B4 é quem mais parece fazer perguntas e que frequentemente sobrepõe sua fala à fala dos demais – com exceção do trecho em que a perda do Brasil para a Alemanha na copa do mundo é discutida, momento em que todos os participantes se empolgam muito. Isso constitui mais um indício de seu papel como um agente regulador na interação.

A assimetria no número de participantes do sexo masculino (3) e feminino (apenas 1) leva à conjectura de que o papel mais ativo realizado por B4 nas mudanças de tópico seja de alguma maneira influenciado por tal assimetria. Uma verificação mais informada dessa conjectura, entretanto, exigiria o estudo de outras interações com diferentes distribuições no que se refere ao número de participantes de cada sexo, entre outros aspectos.

Voltando à análise da Sequência 3, concluída a discussão sobre as expectativas de cada um, B4, que se mantinha calada durante o final da

discussão do tópico anterior, seleciona um cartão com o próximo tópico a ser discutido. Seu silêncio talvez se justifique pelo fato de que B2 traz à baila um assunto que não tem tanto a ver com “expectativa”, a saber, “o modo como os alemães lidam com a saúde”, especificamente através de alimentação e atividades físicas.

A participante B4, possivelmente insatisfeita com o desvio da discussão, detecta um momento oportuno (outra vez silêncios entrecortados por falas com volume muito baixo) e propõe abruptamente uma mudança de tópico: *vamo pra PRÓxima então*, (L02 a seguir). Ao fazê-lo, ela se curva em direção à mesa, pega o novo cartão e lê para os demais o próximo tópico (L11 em diante).

Sequência 4: 2014MuA102 ((17:47-18:00))

01 (4.0)
02 B4: *vamo pra PRÓxima então*,
03 [*<<p> senão] a gente NUNca (for).>*
04 B3: [*<<pp> VAmos.>*]
05 B1: [*((ri))*]
06 B2: [*((sorri))*]
07 B3: [*<<sorrindo> acaba NUNca eih;>*]
08 B1: [*((ri))*]
09 B2: [*((ri))*]
10 (1.5)
11 B4: *(.) qual sua experiência aGOra.*
12 *existem diferenças cultuRAIS? (...)*

Conclusão

Este trabalho apresentou uma análise das transições de tópico em uma interação eliciada entre estudantes universitários brasileiros em intercâmbio acadêmico na Alemanha. As transições de tópico constituem oportunidades ricas para o estudo das dinâmicas das práticas envolvidas nas negociações tópicas. Tendo isso em vista, seria interessante investigar como se dão as mudanças de tópico em diferentes interações, em diferentes culturas, já que culturas diferentes podem implicar diferentes implementações de uma mesma prática.

Outro ponto a ser examinado refere-se a como se dá a distribuição de papéis em interações eliciadas quando os falantes são todos do mesmo sexo e também quando o número de participantes do sexo feminino excede o número de participantes do sexo masculino. Naturalmente, o sexo dos falantes é apenas um fator, mas seria interessante determinar o peso desse fator no que diz respeito à atribuição de papéis reguladores nas mudanças de tópico.

Uma implementação metodológica que viria a enriquecer, e mesmo facilitar, o estudo das mudanças de tópico seria a anotação dos pontos de transição tópica no *corpus*, uma vez que se poderia alcançar uma visão mais global não apenas sobre a questão da regulação, a qual recebeu atenção especial nesse trabalho, mas também de outros aspectos, tanto qualitativos quanto quantitativos. Uma anotação das diferentes peças do maquinário, por exemplo, pivôs, tokens de reconhecimento e avaliação etc., enriqueceria as possibilidades de estudo.

Finalmente, a quantificação das ocorrências de mudanças de tópico em diferentes interações – o *corpus* NUCOI conta com outras transcrições, inclusive com interações entre indivíduos de nacionalidade alemã – poderia possibilitar uma caracterização empiricamente mais sólida da variabilidade do fenômeno que foi aqui analisado.

Agradecimentos

Agradeço à equipe do NUCOI, pela disponibilização do corpus, e aos pareceristas, pela leitura atenta e as valiosas sugestões.

Referências

- CAVALCANTE, Frederico A. *The topic unit in spontaneous American English: a corpus-based study*. 2015. 184 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- CLIFT, Rebecca; HELANI, Fadi. Inshalla: religious invocations in Arabic topic transitions. *Language in Society*, 39(3), p. 357-382, 2010.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity, 1967.
- GOFFMAN, Ervin. *Strategic interaction*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1969.
- HINKEL, Eli. Classroom talk. In: MEY, Jacob L.; BROWN, Keith. *Concise Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2009 [1998]. p. 64-66.

- JEFFERSON, Gail. Notes on 'latency' in overlap onset. *Human Studies*, 9(2-3), p. 153-184, 1986.
- JEFFERSON, Gail. On stepwise transition from talk about a trouble to inappropriately next-positioned matters. *Structures of Social Action*. ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. (org.). Cambridge: Cambridge University press, p. 191-221, 1984.
- KOYAMA, Nobuko. Anthropology and Pragmatics. In: MEY, Jacob L.; BROWN, Keith. *Concise Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2009[1998]. p. 16-24.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1983.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LIDDICOAT, Anthony J. *An introduction to conversation analysis*. London: Continuum, 2007.
- MAZELAND, Harrie. Conversation Analysis. In: MEY, Jacob L.; BROWN, Keith. *Concise Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2009 [1998]. p. 132-142.
- SACKS, Harvey. An analysis of the course of a joke's telling in conversation. In: BAUMAN, Richard; SHERZER, Joel. (org.) *Exploration in the ethnography of speaking*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974. p. 337-353.
- SACKS, Harvey. On the Preferences for Agreement and Contiguity in Sequences in Conversation. In: BUTTON, Grahah; LEE, John R. E. (org.). *Talk and Social Organisation*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987 [1973]. p. 54-69.
- SACKS, Harvey. *Lectures on conversation*, v. 2. Oxford: Basil Blackwell, 1995.
- SCHEGLOFF, Emanuel. Sequencing in conversational openings. *American Anthropologist*, 70, p.1075-1095, 1968.
- SCHEGLOFF, Emanuel. Identification and Recognition in Telephone Conversation Openings. In: PSATHAS, George (org.). *Everyday Language: Studies in Ethnomethodology*. New York: Irvington, 1979. p. 23-78.
- SCHEGLOFF, Emanuel. *Sequence organization in interaction: a primer in Conversation Analysis I*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SELTING, Margret; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar *et al.* Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2. 2011. Tradução de SCHRÖDER, Ulrike; MENDES, Mariana C.; PIRES, Caroline.; SILVA, D.H.A., NASCIMENTO, T.C.; PAULA, F.F. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016.
- SIDNELL, Jack. *Conversation analysis: an introduction*. Oxford: John Wiley & Sons, 2010.

O encerramento conversacional sob a perspectiva da Análise da Conversa

Flavia Fidelis de Paula

Introdução

O presente trabalho pretende analisar como ocorre o encerramento conversacional no ambiente da fala eliciada.¹ Além disso, este artigo também busca investigar como é feita a saída de uma conversa eliciada, entendendo que a construção da atividade de fechamento conversacional é orientada por uma estrutura bem organizada que geralmente projeta a conversa para um fim e não simplesmente realiza uma interrupção conclusiva.

Na seção teórica serão apresentados alguns termos técnicos da Análise da Conversa (doravante AC), tais como as unidades de construção do turno de fala ou turnos de fala (UTC) e lugares relevantes para transição de turno (LRT), bem como alguns conceitos propostos por Sacks, Schegloff e Jefferson² e Sidnell³ a respeito do encerramento conversacional, como a definição de troca terminal (*terminal exchange*) e de pré-fechamento (*pre-closing*), em consonância com as ideias defendidas por Heritage.⁴ Para compor a análise, será utilizado um trecho extraído

¹ A conversa eliciada consiste em um método de coleta de dados empíricos, cujo objetivo é conduzir os participantes através de tópicos conversacionais potencialmente intrincados e pré-estabelecidos pelos pesquisadores, estimulando as pessoas a falarem sobre determinados assuntos para cumprir determinados objetivos de pesquisa.

² SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

³ SIDNELL, *Conversation Analysis: an introduction*, 2010.

⁴ HERITAGE, A change-of-state token and aspects of its sequential placement, 1984.

de uma gravação⁵ realizada com quatro estudantes brasileiros durante o período de intercâmbio na Alemanha. Nesta gravação, os participantes tentam concluir uma conversa sobre as experiências vivenciadas enquanto estiveram distantes de seu país.

Abordagens teóricas

Em sua obra *Conversation Analysis*, Jack Sidnell⁶ discute as aberturas e encerramentos conversacionais no capítulo “*Opening and Closings*”. Uma das questões levantadas pelo referido autor diz respeito ao fato de que as conversas, claramente, não podem ser finalizadas em qualquer ponto da interação. Para que o encerramento aconteça é necessário que um contexto ou lugar bastante específico na interação mostre para os falantes que a conversa está sendo conduzida para o fim. Em um encontro social, por exemplo, conferir as horas em um relógio pode ser entendido como um sinal de preocupação e/ou limitação de horários e, por conseguinte, uma manifestação do desejo ou necessidade de abandonar o local e a conversa. Já em uma conversa telefônica, é possível que as pessoas precisem encerrar a chamada para cuidarem de outros afazeres ou atenderem a outros compromissos, um sinal de campainha ou batida à porta pode fazer com que as pessoas interrompam, de modo mais ou menos abrupto, a ligação telefônica, e assim por diante.

Convém, antes de passar às especificidades do encerramento conversacional, esclarecer alguns pontos e termos chaves da AC para melhor entendimento da análise que será realizada neste trabalho. Inicialmente, é preciso definir o que são “turnos de fala” ou “turnos conversacionais”. Para Marcuschi⁷ esses dizem respeito “[à]quilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio”. Destes termos sucede a ideia de sistema “de troca” ou “tomada de turnos” que de acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson⁸ trata das regras de ordenamento da conversa e da distribuição das oportunidades de fala e,

⁵ Para mais informações sobre este gênero, ver Fidelis de Paula, *As contribuições do silêncio na conversa eliciada: um estudo à luz da Análise da Conversa e das teorias de polidez*, 2018, p. 45.

⁶ SIDNELL, *Conversation Analysis: an introduction*, 2010.

⁷ MARCUSCHI, *Análise da Conversação*, 2003, p. 18.

⁸ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*, 1974.

adicionalmente, da noção de “locais relevantes para a transição” (LRT), que são sinais indicativos na fala do participante, como uma pergunta ou um marcador de contato (*não é?, entendeu?*) ou ainda pausas, marcações prosódicas, hesitações, direcionamento do olhar etc., que podem sinalizar o fim de um turno de fala.

Sidnell⁹ identifica que a atividade de saída da conversa precisa ser entendida como uma ação que é iniciada, gerida em seu curso e completada.¹⁰ Logo, existem vários movimentos capazes de operacionalizar tais ações de finalização e, por isso, o encerramento conversacional deve ser entendido também como uma seção, a qual pode incluir movimentos de “pré-fechamento”, em que um ou mais participantes dão mostras de que a conversa está caminhando para o fim, ou ainda, no caso das tentativas mais drásticas e assertivas para a saída da conversa, as “trocas terminais” (*terminal exchange*), em que o encerramento é anunciado por um participante. Segundo os postulados de Schegloff e Sacks, a troca terminal consiste em:

a primeira parte de par adjacente de uma troca terminal é colocada corretamente no possível final de uma seção de fechamento. Ou seja, uma mudança de terminal é a última peça de uma organização maior – uma seção dedicada ao encerramento da conversa.¹¹

Os contextos ou lugares de encerramento também podem ser sinalizados na fala dos participantes com marcadores conversacionais,¹² como *tá certo, então, então tá, ok, é isso* etc. Esses marcadores são significativos em contextos de encerramento e retiradas da conversa, pois ilustram momentos em que o falante poderia tomar a palavra e produzir

⁹ SIDNELL, *Conversation Analysis: an introduction*, 2010, p. 447.

¹⁰ Do original: “The “closing section” is perhaps best thought of not as a single action or as a single sequence but rather as an activity which is initiated, managed in its course and completed.”

¹¹ SACKS; SCHEGLOFF, *Opening up closings*, 1973 *apud* SIDNELL, *Conversation Analysis: an introduction*, 2010, p. 445. Tradução nossa do original: “[...] the first part of a terminal exchange is properly placed at the possible end of a closing section. That is, a terminal exchange is the last piece of a larger organization – a section devoted to closing down the conversation.”

¹² Para análise mais detalhada do uso dos marcadores conversacionais do português, ver: MARCUSCHI, *Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções*, 1989; MARCUSCHI, *Análise da Conversação*, 2003; e MENDES, *As expressões tipo, assim, tipo assim e assim tipo e suas funções nas falas de uma interação em grupo*, 2019.

um turno de fala mais substancial, desenvolvendo um tema ou tópico já em curso, ou ainda, trazendo novos assuntos ou ideias para a conversa.

Conforme observam Sacks e Schegloff,¹³ os falantes não possuem garantias de que esses ou quaisquer outros sinais que sirvam à organização da trajetória de encerramento, incluindo até mesmo os anúncios de retirada da conversa, possam de fato contribuir e, consequentemente, levá-los à saída da interação. Mesmo um silêncio prolongado, muitas vezes entendido como indisposição, desconhecimento do assunto ou desinteresse dos participantes, pode ser preenchido por uma piada, comentário, história etc. e despertar nos participantes o desejo de dar continuidade à conversa.

Desse modo, no desenvolvimento das atividades de finalização conversacional, os participantes podem recorrer a estratégias comunicativas que os permitam retomar o encerramento, quando esse for adiado ou prolongado, organizando novas sequências/pares conversacionais ou expandindo aquelas que estão em curso. Segundo Kerbrat-Oreccioni,¹⁴ “a sequência pode ser definida como um bloco de trocas ligadas por um forte grau de coerência semântica ou pragmática”.

As sequências de (pré-)fechamento podem ser incorporadas com marcas conversacionais, a exemplo de expressões votivas, despedidas, agradecimentos, avaliação da conversa etc., e geralmente apresentam certo padrão de recorrência – a organização em pares conversacionais – como *a gente se vê amanhã/a gente se vê, foi bom falar com você/foi muito bom, ok/ok*. O que se observa nessas práticas é a possibilidade de se criar um ambiente favorável para a saída da conversa em que se permita aos participantes a compreensão de que o encerramento está sendo delineado.

Metodologia

A sequência analisada neste artigo pertence à base de dados coletados pelo Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação (NUCOI),¹⁵ coordenado pela Professora Doutora Ulrike Schröder

¹³ SACKS; SCHEGLOFF, *Opening up closings*, 1973.

¹⁴ KERBRAT-ORECCHIONI, *Análise da Conversação: princípios e métodos*, 2006, p. 56.

¹⁵ Cf: www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi

na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trata-se de uma conversa eliciada¹⁶ filmada na Universidade de Münster (Westfälische Wilhelms-Universität Münster, WWU), na Alemanha, em 2014, cuja transcrição e vídeo estão disponíveis no site do NUCOI.

A gravação em questão ocorre em um contexto de conversa eliciada¹⁷ – no qual quatro estudantes intercambistas brasileiros, três do sexo masculino e uma do sexo feminino, foram convidados a responder e comentar várias questões que tratam de suas experiências e percepções interculturais. Desse modo, os estudantes brasileiros receberam alguns cartões de perguntas sobre diversos temas, tais como: família, sociedade, universidade e relações interpessoais. Esse método de coleta de dados está em consonância com o procedimento padrão do NUCOI, cujas pesquisas e trabalhos desenvolvidos visam ao entendimento de processos e fenômenos linguísticos co-construídos em sua relação de (inter) dependência entre língua e cultura.

Após as filmagens, os dados foram transcritos no programa EXMARALDA,¹⁸ conforme as convenções do GAT2 (*GesprächsAnalytisches Transkriptionssystem*),¹⁹ um sistema de transcrição para notação da fala e prosódia da fala-em-interação, em acordo com a metodologia adotada pelo NUCOI. A análise apresentada na sequência consiste na aplicação dos conceitos de autores precursores da Análise da Conversa, como Sacks, Schegloff e Jefferson, além das contribuições mais recentes, como as de Sidnell,²⁰ com os seus devidos acréscimos.

A Análise

As sequências de encerramento da conversa servem à notificação e à organização da retirada da conversa e, em geral, incluem os anúncios prévios que sinalizam a intenção de se retirar do encontro da maneira

¹⁶ KASPER; ROSE, *Pragmatic development in a second language*, 2002.

¹⁷ KASPER; ROSE, *Pragmatic development in a second language*, 2002. FIDELIS DE PAULA, *As contribuições do silêncio na conversa eliciada: um estudo à luz da Análise da Conversa e das teorias de polidez*, 2018.

¹⁸ SCHMIDT; WÖRNER, EXMARALDA – *Creating, Analysing and Sharing Spoken Language Corpora for Pragmatic Research*, 2009.

¹⁹ Sistema de Transcrição para Análise da Conversa, SELTING, et al. Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2, 2016.

²⁰ SIDNELL, *Conversation Analysis: an introduction*, 2010.

mais suave, harmônica e organizada possível, ou ainda, através de expressões que permitam que os falantes, entre outros, façam uma avaliação positiva do momento, retomem parte do que foi dito para sintetizar o encontro, estabeleçam planos de continuidade da conversa em outro momento, expressem gratidão e façam votos. A análise realizada nesta seção consiste na aplicação dos conceitos de Sacks e Schegloff,²¹ Sacks, Schegloff e Jefferson²² e Sidnell,²³ com os devidos adendos.

Sequência 1: 2014MuBrp3 ((28:55-31:05))

01 (2.5)
02 B3: eu lembro de uma de um mal entendido de AU:la assim;=
03 =mas isso já faz bastante TEMpo também;
04 (.) que hm (.) ah DUas colegas minhas,
05 o trabalho <<all> a gente tava fazendo> o trabalho em TRIo?>
06 e elas (.) tinham uma saída de CAMpo,
07 (-) e elas me disseram que por eXEMplo;=AH;
08 va_vamos saIR: bah (.) por dois dIas;
09 a gente não vai (.) não vai (.) enFIM.
10 (-) conseguir TÁ na n:: no laboratÓrio;=enFIM;
11 para conduzir experimento?=e TAL;
12 a gente começa na_na seGUNda.
13 B4: ((começa a olhar as mensagens no seu celular))
14 B3: °hh ao menos foi isso que_eu tinha entenDido.
15 °h (.) quando eu cheguei na seGUNda,=
16 =eu descobri que elas foram na SEXta.
17 (.) e não tinham me aviSado.
18 (.) e daí elas falaram que passaram MUI:to trabalho;
19 e na sexta fazendo MUIta de coisa;
20 monte de_de_d:_de: (.) atividades e TAL,
21 (.) e DESde da do;
22 isso foi tipo na no fINAL do de um módulo-
23 da_dessa de_do final dessa terceira semana para QUARta semana,
24 era o Último última semAna,=

²¹ SACKS; SCHEGLOFF, *Opening up closings*, 1973.

²² SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*, 1974.

²³ SIDNELL, *Conversation Analysis: an introduction*, 2010.

25 =°h elas ficaram MUITo ah: (-) de mA:l assim;=SAbE;
26 tipo ficou um clima muito ru ;IM entre nós assim.
27 e tipo (-) °h e mais <<movendo suas mãos> porque eu realmEnte
não não tinha sido avis`Ado direto.>
28 tipo do do que tava aconteCENdo.
29 (-) e: não foi por falta de busCAR:;=
30 =porque mandei eMAIL e tudo mais?>
31 (.) e (.) NOSsa. ((bate com as mãos nas coxas))
32 ficou um clima muito ruIM assim tipo entre nÔ:s assim.
33 até o trabalho fInAL assim: bE:m;
34 NOssa (.) eu me senti MUITo (-) <<p> sei lá.>
35 (0.9) retraí:do assim pra pra poder ajudAr e tudo mais,
36 assim tipo Elas me botavam numa situação tipo ah-
37 (.) faz isso aQUI.
38 e daí_daí é um negócio sUPer diFícil assim?
39 °h e (.) tipo (.) uma_uma coisa que poderia ter sido(.)
<<olhando para B2 e movendo as mãos em círculos> fei_feito
em três pessoas> discu[TINdo;]
40 B2: [hm aHã;]
41 B3: [seria !FÁ!cil de fazer rÁpido;>]
42 B2: [((incompreensível, 1.4s))]
43 B3: [de fazer elas_fazer lá <<lançando mão para frente> FAZ tudo>]
44 B2: [((incompreensível, 2.0s))]
45 B1: [((incompreensível, 2.0s))]
46 B3: aqui daí a gente discuTe.
47 B3: e [ai tipo ;PÔ.]
48 B2: [aHAM,]
49 (0.8)
50 B3: ;TÁ be_lEza Faço `fiz,
51 daí: (cê) chegava para discutir (elas) falavam tá Tudo errado.
52 (.) vamo fazer aGOra.
53 daí tipo (.) ;POxa-
54 B2: <<p> NOSsa.>
55 B3: (0,9) foi tipo a `piOR experi`ência que_eu tive aqui.
56 e isso é mas tiPO:;
57 (-) talvez;

58 eu não sei se isso foi (.) por mal entendido;
59 sei LÁ mas;
60 °hhh (.) é:;
61 só não foi uma situação agradável.
62 (3.3)
63 B2: hum.
64 B3: não me recordo de mais NADA.
65 (8.3)
66 B3: <<olhando para B4, voz tensa> alguém mAIs (.) para contar
alguma COIsa?>
67 B4: ((pega o celular na bolsa e começa a digitar no aparelho))
68 estamos FEItos.
69 B4: [<<rindo, p> esta:mos (.) É:;>]
70 B3: [°hhh hh°]
71 B4: acho que é> [ISso.>]
72 B3: [<<olhando para B1> enTÃO.>]
73 B1: VAmos;

O trecho acima apresenta a última sequência narrativa, elaborada pelo participante B3 para responder à questão: “Quais foram as fontes principais para mal-entendidos e como vocês lidaram com eles?”; que consistia, por sua vez, na última pergunta lida durante a interação. Para uma melhor compreensão das ações de pré-fechamento, que ocorrem a partir da pausa notada na linha 62, é preciso recorrer às ações de B3, imediatamente anteriores, cujo contexto da narração é o relato de uma experiência negativa com duas colegas de sala alemãs, etiquetada pelo falante como uma de suas piores experiências na universidade: a ‘piOR experi`ência que_eu tive aqui (L55).

A narrativa de B3 tem início logo após B4 comentar suas experiências sobre o tópico em questão, quando a estudante afirma não ter vivido nenhum mal-entendido com alemães. O estudante B3, por outro lado, faz uma longa e detalhada apresentação de um episódio vivido buscando explorar ao máximo sua contribuição a respeito do tema “desentendimentos”. Contudo, os demais participantes não manifestam interesse nessa narrativa e não emitem praticamente nenhum sinal de que estão acompanhando a história de B3 (com exceção das linhas 40, 42,

44, 45, 48, 54, 63), ao contrário, todos parecem estar apenas esperando o participante concluir sua fala para saírem da interação:

Sequência 2: 2014MuBrp3

58 eu não sei se isso foi (.) por mal entenDido;
59 sei LÁ mas;
60 °hhh (.) é:;
61 só não foi uma situação agraDável.
62 (3.3)
63 B2: hum.
64 B3: não me recorde de mais NAda.

O participante B3, desconhecendo ou ignorando a falta de engajamento dos demais à sua narrativa, prossegue envolvendo-se cada vez mais com sua própria história, explorando detalhes do relato, com notórias marcas de enfoque e alteração prosódica durante a narração. B3 finaliza sua fala refletindo sobre a validade da sua contribuição: eu não sei se isso foi (.) por mal entenDido; (L58) e salientando sua percepção sobre o ocorrido: só não foi uma situação agraDável (L61). Na sequência, surge um considerável silêncio de 3.3 segundos de duração (L62), acompanhado de uma contribuição mínima de B2: hum na linha 63 e do turno conclusivo de B3: não me recorde de mais NAda.

O resultado disso é um “silêncio esmagador” na interação,²⁴ que atua como um marcador de rompimento brutal da conversa, indicando que a interação deveria ser interrompida. Esse silêncio é recebido e percebido pelos participantes como um momento de extrema apreensão, intimidação e constrangimento:

Sequência 3: 2014MuBrp3

64 B3: não me recorde de mais NAda.
65 (8.3)
66 B3: <<olhando para B4, voz tensa> alguém mAIs (.) para contar alguma COIsa?>
67 B4: ((pega o celular na bolsa e começa a digitar no aparelho))

²⁴ MARLANGEON, Contribuições para o estudo da descortesia verbal, 2007, p. 99 *apud* SCHRÖDER, A questão do lócus da face e seu impacto conversacional e cultural, 2018, p. 12.

68 B3: estamos FEItos.
 69 B4: [<<rindo, p> esta:mos (.) Ê:;>]
 70 B3: [°hhh hh°]
 71 B4: acho que é> [ISso.>]
 72 B3: [<<olhando para B1> enTÃO.>]
 73 B1: vamos;

Por fim, logo após o considerável silêncio de oito segundos na interação (L65), B3 pergunta se algum outro participante gostaria de emitir outra contribuição: alguém mAIs (.) para contar alguma COIsa? (L66), tentando selecionar B4 pelo olhar, o que sugere a tentativa do estudante de alocar e transferir o turno seguinte à colega. Ademais, nesse momento, a ação de B3 sugere a projeção da atividade de conclusão do tópico, quando o participante “força” um encerramento interferindo nas ações dos demais ao propor uma nova contribuição ao mesmo tópico: para contar alguma COIsa?

Vale destacar que, já nesse momento, os participantes dão sinais ainda mais fortes de que já entendem a conversa como encerrada – B4 está conferindo mensagens e digitando no celular, enquanto B1 e B2 parecem simplesmente aguardar por um sinal mais assertivo de que eles podem se levantar da cadeira e sair da sala onde ocorre a gravação. No entanto, como B3 não recebe nenhuma ação de retorno, ele prossegue com o turno projetando a ação de encerramento com a pergunta: esta-mos FEItos (L68) que traça a primeira tentativa de término mais radical que as demais, configurando, dessa forma, uma primeira parte de par conversacional de troca terminal (*terminal exchange*). Na sequência, B4 aceita a alocação, toma o turno para si e emite uma resposta preferida. Respostas preferidas “são normalmente mais breves e produzidas tão logo quanto possível”.²⁵ Na segunda parte do par da troca terminal, B4 concorda com B3 e emite a assertiva: esta:mos (.) (L69).

No entanto, mesmo após B4 concordar com B3, indicando que a conversa já estava concluída e que todos já haviam terminado com suas contribuições, a interação não se encerra imediatamente. B4 produz contribuições mínimas na linha 71, enquanto B3 segue endereçando

²⁵ LODER; SALIMEN; MÜLLER, Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência, 2008, p. 51.

o olhar a outro participante, B1, que finalmente evoca aos demais participantes com o turno *vamos*; na linha 73, o fechamento definitivo da conversa e saída da sala, em uma nova tentativa de troca terminal (*terminal exchange*).

Segundo Sidnell,²⁶ a troca terminal é um recurso que permite a um dos falantes alocar um turno de convocação de encerramento em busca de uma resposta de tipo preferido – a aceitação – e, principalmente, procura evitar a formação de um novo turno conversacional. No entanto, na execução da troca terminal, existe um problema relacionado à questão de turnos de fala. Entendidos como um modo de se organizar a conversa, os turnos de fala viabilizam que essa seja distribuída localmente, organizando e permitindo, ou não, as ocorrências de turnos seguintes. A organização da tomada de turnos para a conversa se apresenta, ao mesmo tempo, independente do contexto de uso e sensível a ele. Isto é, a orientação dos participantes para essa organização de tomada de turnos se dá tanto de forma independente do contexto de fala – sendo tanto aplicável às múltiplas situações interacionais –, como também é sensível a ela, uma vez que é orientada pelo desenrolar das ações dos integrantes a cada encontro social.

Dessa forma, a expectativa sequencial para o turno produzido por B1, na linha 73, seria a produção de uma segunda parte do par, produzida para expressar a aceitação dos demais, como *vamos/vamos*. Isso configuraria a execução bem-sucedida da troca terminal, delineando e incorporando ações que pudessem parear turnos de simples despedidas: *tchau/tchau, até mais/até mais*, até o encerramento definitivo da conversa e a conseqüente saída do local.

Seqüência 4: 2014MuBrp3 (31:05-31:12)

73 B1: VAmos;
74 B3: [°hhh hh°]
75 B3: agradecemos a Oportu[nidade;]
76 B1: ((ri))
77 B2: ((ri))
78 B3: de poder estar <<rindo> aQUI: novamente> e (-) compartilhar.

²⁶ SIDNELL, *Conversation Analysis: an introduction*, 2010, p.445.

79 B1: ((ri))
 80 B2: ((ri))
 81 B3: nossas (.) experiÊNcias.
 82 B1: ((sorri))
 83 B2: ((sorri))
 84 B2: [°hh]
 85 B1: [ah (.) é bem leGAL.]

O trecho apresentado na Sequência 4, entretanto, demonstra que a execução da troca terminal feita na linha 73: *VAMOS*; não resultou em completude do turno, ao contrário, tornou-se um ponto relevante para a transição, representando uma oportunidade para B3 tomar novamente o turno a si, ao evocar uma estrutura de agradecimento (L74-L81). Segundo Schegloff, "por relevância condicional de um item em relação ao outro, queremos dizer: dado o primeiro, o segundo é esperado; em ocorrendo, pode ser visto como segundo item em relação ao primeiro, em não ocorrendo, pode ser visto como oficialmente ausente".²⁷

Nota-se, então, que as ações e as pistas comunicativas utilizadas para traçar o fechamento da conversa não asseguram que isso efetivamente aconteça. Em consequência disso, as seções de encerramento e saída da conversa quase sempre apresentam variadas sequências de "pré- fechamento". Desse modo, os turnos em que B3 se dedica aos agradecimentos (L74-81) podem ser interpretados como outra ação de ruptura que seria incorporada às sequências de pré-fechamento da conversa. Porém, o participante a faz de maneira jocosa, rindo, o que, por sua vez, permite a inserção de outras sequências de agradecimento (que não ocorrem) e de apreciação dos demais interagentes, como ocorre na linha 85, quando B1 faz a avaliação: [ah (.) é bem leGAL.]

Cabe destacar, neste momento, que diferentemente do que ocorre em outros contextos comunicativos mais conhecidos dos participantes, como a conversa cotidiana, trivial, ao telefone etc., o ambiente da fala eliciada parece provocar, nos participantes, a ideia de que é preciso demonstrar constante engajamento e disposição para a conversa,

²⁷ SCHEGLOFF, Sequencing in conversational openings, 1968, p. 1083. *apud* LODER; SALIMEN; MÜLLER, Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência, 2008, p. 46.

o que pode tornar o fechamento da conversa uma atividade ainda mais laboriosa, se comparada a outros contextos e gêneros comunicativos. Os participantes dessa interação sabem que a filmagem ocorre para fins de pesquisa, no entanto, eles desconhecem quais seriam os pontos, atitudes e comportamentos que são esperados do pesquisador e isso parece ser suficiente para fazer com que eles, ao final da leitura dos cartões de eliciação, ainda sintam a necessidade de conferir o que está sendo produzido e verificar se todos falaram e emitiram suas contribuições, para não haver dúvidas de que, realmente, o encontro poderia ser encerrado.

Sequência 5: 2014MuBrp3 ((31:16-31:22))

85 B1: [ah (.) é bem leGAL.]
86 (1.3)
87 B1: queria ver o vídeo da priMEIra.
88 [(-) AH hehe ia ser diver]
89 B2: [ah ISso é verdade;]
90 B2: [QUERia ter;]
91 B3: [QUERia ver se é]
92 B2: eu queria ver os Vídeos.
93 B1: ((tosse)) B3: (parecido);
94 B4: é:: eu QUERo,
95 B2: ah É:;

Depois de B3 “agradecer a oportunidade” (L75) e B1 emitir sua apreciação [ah (.) é bem leGAL.] (L85), nenhum dos participantes insere um novo movimento de saída da seção de finalização conversacional ou retorna ao percurso que estava sendo projetado. Novamente, surge uma pausa de 1.3 segundos (L86) que viabiliza a construção de um novo turno por outro falante. Dessa forma, o ambiente de encerramento perde sua relevância quando B1 toma o turno a si e diz que gostaria de assistir ao vídeo da seção conversacional anterior (L87). Na sequência, ainda de posse dos turnos, B1 segue fazendo apreciações a respeito da possibilidade de se rever as sessões realizadas no início do intercâmbio, suspendendo, dessa forma, a relevância do encerramento da conversa. Os participantes B2 e B4 se mostram engajados a continuar a sequência inserida a partir do comentário de B1 e criam um novo ambiente de

combinação de pares ao concordarem com a ideia, conforme se observa nas linhas:

94 B4: é:: eu QUERO,
95 B2: ah É; ;

Sequência 6: 2014MuBrp3 ((31:22-31:25))

96 B4: a gente pode ver com Ela agora;
97 como é que vai ser ISSO.=
98 B2: =é;
99 [AH;]
100 B4: [queria ver tamBÉM.]
101 B1: hm,
102 B2: é.

A continuação da conversa, como se observa na Sequência 6, entretanto, representa uma tentativa, por parte de B4, de retomar o percurso de encerramento, uma vez que a participante projeta uma ação para o futuro imediato: a gente pode ver com Ela agora; referindo-se à possibilidade de consultar a professora responsável pelo projeto de gravação conversacional sobre a viabilidade de rever a primeira filmagem da qual participaram, cujo vídeo havia sido gravado um ano antes.

Sequência 7: 2014MuBrp3 ((31:26-32:25))

103 B4: mas eu ↑Acho que (.) que:;
104 (-) que mais ou menos o que a gente espeRAva,
105 a gente vivenCIOU assim.
106 B2: [é;]
107 B3: [hm.]
108 B4: no <<p> final das CONTas.>
109 B3: hm (.) <<sorrindo> vai ser engra[çado]
110 B2: [É;]
[ver o outro video no fInAL>=eheheHE;]
111 B4: [tipo_eu não TIve nenhu]
ma:: [(.) grande surPREsa assim;]
112 B2: [É;]
113 B4: NOSSa [não achei que] seria;
114 B3: [hm_HM ;]

Sequência 8: 2014MuBrp3 ((32:26-33:14))

117 B2: (-) (exato) <<p> e o alemÃO também;>
118 B3: (eu fiz muitas amiZAdes).
119 B4: coisa que MAIS me deixou;;
120 (-)
121 B3: (-) é PÔ;
122 B4: (.) ah É:.
123 para mim no 'MAIS foi o alemÃO.
124 que eu achei que eu ia (-) que eu ia TÁ. ((levanta a mão))
125 B3: hm_HM;
126 B1: (-) mas acho que se a gente voltar pro braSI:L e;;
127 (.) começar a conviver de novo com as pessoas que falam
alemão LÁ:,
128 que não vieram para CÁ?
129 eu acho que_é capaz que a gente [vê QUE.]
130 B3: [não É que;]
131 B1: [a gente aprendeu muito mais moRANdo aqui.]
132 B2: [é muito diFÍcil se torNAR um nativo;]
133 B1: [((acena com a cabeça)) hm,]
134 B3: [é uma coisa muito diFÍcil;=viu VELho]
135 isso_é fato;
136 mas que_eu acho que melhorou !MUI:!to assim tipo;
137 (.) eh nossa (.) foi logaRÍTmico.=eh,
138 B2: eheHE;
139 B3: progressão no aprendiZAdo assim,
140 (3.2)
141 B2: [é:;]
142 B3: [ok]
143 B1: acho que exponenCIAL,=não é.
144 [<<desenhando curva no ar> logaRÍTmico:;>]
145 B3: [<<rindo> tsc ah!;>]
146 vai dá ISso;=fica bem NO;
147 B2: ((ri))
148 ((incompreensível, 1.6))
149 B2: ((ri))
150 B3: ((levanta-se))

151 B4: (---) ai desCULpa,
152 B1: ((ri))
153 B2: ((ri))
154 B4: GENte (.) eu esqueci do jAne-
155 ((levantam-se e saem conversando))

Após B3 utilizar-se da metáfora “logarítmico” para descrever o progresso de seu aprendizado da língua (L137 a 139), ocorre uma pausa de 3.2 segundos (L140). A pausa faz com que o projeto de encerramento se torne novamente relevante, permitindo a B3 emitir uma primeira parte do par de pré-fechamento, *ok* (L142). Isso sugere a abdicação do falante em criar um novo turno e a orientação para a construção de uma segunda parte do par de pré-fechamento de tipo preferido, que no caso poderia ser um *ok, tá certo, é isso*, ambas antecedendo o turno conversacional terminal. No entanto, mais uma vez, a aceitação para mover-se ao fim é atrasada, pois B1 responde à primeira parte do par com um tipo despreferido, estendendo o tópico com uma retificação à apreciação de B3: *acho que exponenCIAL, =não é* (L143). Apropriando-se de um termo matemático para descrever seu percurso e desempenho com a língua alemã, B3 procura transpor a noção de ascensão muito rápida à sua trajetória. No entanto, o emprego da palavra “logarítmico” no lugar de “exponencial” faz com que B1 construa um novo turno para corrigir e confirmar o emprego ideal dos vocábulos, traçando no ar movimentos que ilustram as diferentes funções matemáticas. Por ser um comentário que é recebido como uma piada, a relevância de continuidade do turno de B1 é perdida e, dessa vez, os falantes realizam, finalmente, o encerramento. B3 levanta-se da cadeira para sair do local e, aos poucos, os demais fazem o mesmo e seguem conversando rumo à porta da sala onde ocorria a gravação.

Conclusão

Por fim, ratifica-se a ideia de Schegloff e Sacks²⁸ de que concluir a conversa é sempre uma atividade trabalhosa e complicada. Para esses autores, a ação de encerramento conversacional é quase sempre uma atividade incerta, pois é difícil identificar em quais momentos a conversa

²⁸ SACKS; SCHEGLOFF, Opening up closings, 1973.

pode e/ou deve ser interrompida, sem que haja a ocorrência de silêncios. Da mesma maneira, reconhecer o momento mais adequado para marcar um encerramento organizado e consentido pelos outros participantes configura-se uma tarefa difícil para o falante.²⁹ Por conseguinte, as seções de encerramento e saída da conversa quase sempre são prefaciadas com marcadores conversacionais que indicam a disposição para a conclusão da conversa e também com sequências de *pré-fechamento*, como pode ser verificado nos excertos acima.

A noção do senso comum de que concluir uma conversa nem sempre é uma tarefa simples é sustentada nessa breve análise. Conforme Sidnell³⁰ descreve em suas análises, não é em qualquer ponto da interação que se pode encerrar uma conversa, por isso, criar um local ou contexto específico em que se possa preparar a ação de finalização é fundamental para que o interlocutor entenda e também possa participar ou recusar as ações de término no curso da conversa. Observando-se as ações realizadas pelos participantes desde a primeira tentativa de encerramento, na fala de B3 “estamos feitos” (L68), até o momento em que se efetivou a finalização da seção, quando os estudantes se levantaram e abandonaram o local, conclui-se que movimentos de saídas das seções de encerramento são inúmeros e muito variáveis em suas ocorrências. E mais, que a Análise da Conversa em que os falantes interagem face a face, diferentemente de estudos que utilizaram como *corpus* chamadas telefônicas, é ainda mais complexa.

Referências

ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. *Structures of Social Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FIDELIS DE PAULA, Flavia. *Contribuições do silêncio na conversa eliciada: um estudo à luz da análise da conversa e das teorias de polidez*. 2018. 125 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

HERITAGE, John. A change-of-state token and aspects of its sequential placement. In: ATKINSON, J. Maxwell, HERITAGE, John. (1984). *Structures of Social Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 299-345.

²⁹ SCHEGLOFF; SACKS, Opening up closings, 1973, p. 73.

³⁰ SIDNELL, Conversation Analysis: an introduction, 2010.

- KASPER, Gabriele; ROSE, Kenneth R. *Pragmatic development in a second language*. Michigan: Blackwell, 2002.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- LODER, L.; SALIMEN, P. G.; MÜLLER, M. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, Leticia L.; JUNG, Neiva M. *Fala Em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 95-126.
- MARLANGEON, Sílvia Kaul de. Contribuições para o estudo da descortesia verbal. In: CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SEARA, Isabel Roboredo; GUARANHA, Manoel Francisco (org.). *Descortesia e Cortesia: Expressões de Cultura*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 93-108.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p. 281-319.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*, São Paulo: Ática, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, Dino (org.). *Estudos de Língua Falada. Variações e Confrontos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p. 15-45.
- MENDES, Mariana Carneiro. As expressões tipo, assim, tipo assim e assim tipo e suas funções nas falas de uma interação em grupo. In: SCHRÖDER, Ulrike; CARNEIRO MENDES, Mariana (org.). *Comunicação (Inter-)Cultural em Interação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019, p. 219-224.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A. Opening up closings. *Semiotica* 8, 1973. p. 69-99.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50, p. 696-735, 1974.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas*, v. 7, n. 1-2, 2003. Tradução de: SACKS, H.; SCHEGLOFF, A.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, V. 50, p. 696-735, 1974.
- SCHEGLOFF, Emanuel. Sequencing in conversational openings. *American Anthropologist*, v. 70, p. 1075-1095, 1968.
- SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARALDA – Creating, Analysing and Sharing Spoken Language Corpora for Pragmatic Research. *Pragmatics*, v. 19, n. 4, p. 565-582, 2009.
- SCHRÖDER, U. A questão do lócus da face e seu impacto conversacional e cultural. In: CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto (org.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face na constituição do discurso*. Belo Horizonte: Editora POSLIN/UFMG, 2018. (e-book).
- SELTING, Margret; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar *et al.* A system for transcribing talk-in-interaction: GAT2; translated and adapted for English by Elizabeth Couper-Kuhlen and Dagmar Barth-Weingarten. *Gesprächsforschung – Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, v. 12, p. 1-51, 2011. Disponível em: <http://www.gespraechsforschung-ozs.de/fileadmin/dateien/heft2011/px-gat2-englisch.pdf>. Acesso em ago. 2016.
- SELTING, *et al.* Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT2. Tradução de: Ulrike Schröder *et al.* *Veredas atemática*, V. 20, nº 2. 2016. p. 6-61.
- SIDNELL, Jack. *Conversation Analysis: an introduction*. West Sussex, UK: Wiley- Blackwell, 2010.

Uma narrativa anedótica sobre diferenças culturais entre o Brasil e a Alemanha: um estudo sob o viés da Análise da Conversação

Claudiene Diniz da Silva

Introdução

Esta pesquisa, utilizando uma narrativa anedótica como objeto de análise, tem o objetivo de apresentar relatos sobre diferenças culturais entre o Brasil e a Alemanha no que tange ao comportamento dos dois povos em relação à torcida durante jogos de futebol. Para tal, utilizaremos os pressupostos da Análise da Conversa traçados por Sidnell.¹ Para alcançarmos o objetivo proposto, dividimos este artigo em referencial teórico, descrição do *corpus* e análise de dados, além da introdução e da conclusão.

Assim, na seção teórica, apresentamos noções propostas por Sidnell² sobre narrativa, tais como: definição, classificação dos narradores, dos destinatários e prefácio da narrativa. Já na descrição do *corpus*, fazemos uma exposição sobre a procedência da narrativa analisada, que foi extraída de uma conversa eliciada³ realizada com estudantes brasileiros durante o intercâmbio na Alemanha, em 2014. A sequência filmada entre os quatro estudantes brasileiros foi motivada por cartões de perguntas sobre diversos temas, tais como: família, sociedade, universidade, relações interpessoais; com o intuito de fazer com que os participantes comentem sobre suas experiências durante esse período. A seção

¹ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010.

² SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010.

³ KASPER; ROSE, *Pragmatics in language teaching*, 2001.

reservada à análise consiste na aplicação dos conceitos de Sidnell,⁴ com os devidos adendos.

Referencial teórico

No capítulo nove do livro *Conversation Analysis*, Jack Sidnell⁵ trata das narrativas. Nele, além de conceituar, o autor apresenta tipologias e elementos que constituem as histórias narradas, tais como diferentes tipos de narradores e de destinatários. Este tópico se destina à apresentação desses e de outros conceitos, fundamentais para a análise que iremos realizar.

Segundo Sidnell, uma das coisas que as pessoas fazem com frequência é contar histórias. O autor explica que “Uma história pode ser vista como um pacote ou formato que oferecem ao falante oportunidades únicas para comunicar o que tem para dizer”.⁶ Sidnell⁷ também declara que as narrativas servem para descrever algo, como, por exemplo, uma série de ações ordenadas e relacionadas entre si e que devem ser contadas por alguma razão, com algum objetivo.

Além da definição, Sidnell⁸ aborda questões relacionadas aos narradores e aos destinatários das narrativas. O primeiro ponto a ser destacado é o conhecimento do narrador sobre a história contada. Para Sidnell, o narrador pode ter testemunhado os eventos, participado deles ou ouvido falar sobre eles de um amigo.⁹ Outro ponto é o tipo de narrativa contada em relação ao número de narradores. Sidnell¹⁰ apresenta dois tipos de narrativa: contada por um único narrador (tipo 1) e a contada por dois ou mais narradores (tipo 2).

Quanto aos destinatários, também podem ser classificados quanto ao grau de conhecimento do evento narrado. Conforme Sidnell,¹¹ os

⁴ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010.

⁵ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010.

⁶ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 364. Tradução nossa do original: “A story can be seen as a package or format which affords its speaker unique opportunities for delivering what it is she has to say.”

⁷ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 380.

⁸ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010.

⁹ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 365. Tradução nossa do original: “the teller witnessed the events, participated in them, heard about them from a friend has a range of consequences for how the story is told.”

¹⁰ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 365.

¹¹ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 365.

destinatários podem ser conhecedores do ocorrido em diferentes graus ou podem ser completos desconhecedores da narrativa. Sobre os graus de conhecimento que os destinatários têm da narrativa, o autor afirma que:

é bastante típico que um público contenha alguns que sabem muito mais sobre os eventos que estão sendo contada do que outros. As formas particulares e diversas em que diferentes destinatários são informados com relação aos eventos, tais como pessoas, atividades e configurações, têm consequências importantes para a narração.¹²

Além desses elementos, Sidnell¹³ explicita as estratégias de reconhecimento de uma narrativa dentro de uma conversa. Isso é importante porque a narrativa só atingirá seu objetivo se o destinatário identificar que uma história está sendo contada. Para indicar o começo de uma narrativa, o narrador utiliza o prefácio como recurso,¹⁴ o qual consiste na descrição do tempo ou espaço em que a história se desenrola. Na citação a seguir, o autor apresenta estratégias para reconhecer uma narrativa.

Cada história começa com uma indicação da configuração em que a ação a ser narrada aconteceu. Então, uma coisa que pode fazer uma história reconhecível como uma história é a descrição de um cenário da ação. É claro que nem todas as histórias começam com uma especificação clara da configuração física ou geográfica, mas muitos a fazem e aqueles que não costumam fazer em primeiro plano, apresentam algum outro tipo alternativo de contexto da ação narrada que é particularmente relevante. Assim, uma característica recorrente dos começos da história é a caracterização do ambiente em que a ação acontece.¹⁵

¹² SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p.365. Tradução nossa do original: "it is quite typical for an audience to contain some who know significantly more about the events being recounted than others. The particular and diverse ways in which different recipients are informed with respect to the events, people, activities and settings being talked about again has important consequences for the telling".

¹³ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 365.

¹⁴ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 380.

¹⁵ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 373. Tradução nossa do original: "Each story begins with an indication of the setting in which the to-be-narrated action took place. So one thing that may make a story recognizable as a story is the provision of a setting for the action. Of course not all stories start with such a clear specification of the physical or geographic setting, but many do and those that don't often foreground some other alternative kind of context of the narrated action that is particularly relevant".

Considerando os pressupostos de Sidnell,¹⁶ em especial seus postulados sobre a narrativa, nosso trabalho apresenta um estudo utilizando uma narrativa, com o objetivo de ilustrar diferenças culturais entre brasileiros e alemães.

Descrição e exposição do corpus de análise

A narrativa selecionada para alcançar o objetivo proposto para este estudo foi extraída do *corpus* NUCOI, elaborado pelo Grupo de Estudos em Comunicação (Inter)Cultural em Interação, ligado ao projeto de pesquisa *Comunicação intercultural em contatos de duração maior: processos linguísticos e (auto-)reflexivos* e vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.¹⁷

Assim, para demonstrar como são abordadas as diferenças culturais entre as formas de torcer para os times de futebol de brasileiros e alemães, apresentamos uma narrativa produzida por quatro estudantes brasileiros (três homens e uma mulher) que fizeram intercâmbio na Alemanha e relatam suas experiências no país – em uma conversa eliciada realizada pelo projeto supracitado do NUCOI.

O relato selecionado diz respeito ao jogo da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no qual o Brasil perdeu para a Alemanha por 7 à 1. Tal jogo é considerado a pior derrota da seleção brasileira de futebol, conforme afirmam diversos sites sobre esportes.

O trecho a ser analisado a seguir foi transcrito pelo NUCOI com o auxílio do *software* EXMARALDA,¹⁸ bem como das convenções de transcrição GAT 2. Os participantes estão identificados como B1 (Sexo: M); B2 (Sexo: M); B3 (Sexo: M); B4 (Sexo: F).

¹⁶ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010.

¹⁷ A filmagem feita na Alemanha pode ser acessada no link: <https://drive.google.com/file/d/0B4065pqma9RCOUJWcGZzYS0yMzA/view?usp=sharing>.

¹⁸ EXMARALDA - Extensible Markup Language for Discourse Annotation.

Corpus de análise:¹⁹

Sequência 1: 2014MuA102 ((17:52-20:21))

01 B4: (.) qual sua experiência aGOra.
02 existem diferenças cultuRAIS?
03 [lado posiTIvo,]
04 B2: [((ri))]
05 B4: como se exPRImem.
06 como liDaram com elas.
07 (1.2) <<p> como liDAR.>
08 [((sorri))]
09 B1: [((sorri))]
10 B3: [°h]
11 B2: [como liDAR.]
12 [bom.]
13 [((sorrisos))]
14 (1.8)
15 B4: [<<sorrindo> sim exIstem diferenças cultuRAIS,>]
16 [((sorrisos))]
17 B2: [<<sorrindo> vimos TERça;>]
18 B1: [((sorri))]
19 B3: [((sorri))]
20 B4: [((ri))]
21 B3: [<<sorrindo> (-) ah é verDAde né,>]
22 B4: [NOSsa se eu começar a falar de tERça,]
23 B1: [((sorri))]
24 B2: [((sorri))]
25 B3: <<sorrindo> NOSsa (.) nem tinha pensado nisso.>
26 (0.7)
27 B4: como se exPRImem.
28 vamo dar um do dar um exemplo de [TERça] então.
29 B2: [ah É;;]
30 B4: [(.) uhm.]
31 B2: [ah.]
32 B3: [uhm.]

¹⁹ Disponível em:

http://www.lettras.ufmg.br/padroao/cms/documentos/nucleos/nucoi/2014_M%C3%BCnster_Brasileiros2-Parte1.pdf.

33 B4: [<<sorrindo> cê quer faLAR->]
34 [((sorrisos))]
35 B2: ah pode tá vamo cês me aJUdam então.
36 [bom terça-FEIra;=°h]
37 B4: [((ri))]
38 B2: [fatídico de <<rindo> !JO!GO!;>]
39 B4: [<<abaixando e cobrindo os rosto com as mãos> AH::.>]
40 B1: [((sorri))]
41 B3: [((sorri))]
42 B2: [<<rindo> brasil aleMANha;>]
43 B4: [((sorri, cobre o rosto com a mão, passa a mão no cabelo))]
44 B1: [((ri e cobre o rosto com uma mão))]
45 B3: [((sorri e coça a cabeça))]
46 B4: [hisTÓria,]
47 B1: [((sorri))]
48 B3: [((sorri))]
49 B2: [((sorri))]
50 ah os brasileiros aqui de MÜNster,
51 a gente se reuNIU,
52 no MENsa (.) junto com todo o resto da galera alemã,
53 (--) e aí foi muito biZArro;=
54 =porque no inÍcio (.) a gente tava super animAdo.
55 levamos instruMENTos;=
56 =e já tavamu fazendo baRULho.=°hh
57 e aí tinha uma muLHER no Mensa;=
58 [=que tava proibindo a gente <<rindo> de fazer baRULho.>]
59 B1: [((ri))]
60 B3: [((sorri))]
61 B4: [((ri))]
62 B2: e os alemães todos senTAdos;=
63 [=e: quiEtos e organiZAdos;]
64 B1: [((sorri))]
65 B3: [((ri))]
66 B4: [((sorri))]
67 B2: e: TAL.
68 aí beLEza.=
69 =e a gente aniMAdo e tudo.=°hh

70 aí vieram os (.) <<rindo> GO:LS,>
71 TR: ((risos))
72 B2: [<<sorrindo> a gente amou um POUco?>]
73 B4: [<<sorrindo> OS gols.>]
74 B1: [((ri)]
75 B3: [((ri)]
76 B2: MAS;;
77 velho no interVALo e tAl,
78 e pelo segundo tempo aDENTro,
79 a gente voltou fazer barulho MAIS::-=
80 =inTENso do que: no início.
81 <<rindo> a gente fez uma roda de paGOde lá,>
82 e começamos a rir da nossa prÓpria situaÇÃo;
83 enquanto os alemÃES tipo; ((cruza as mãos indicando contrição))
84 com todos os motivos do MUNdo;=
85 =pra tareM comemORANdo e;;
86 sei lá (.) mega feLIZES;
87 continuaram assistindo o jogo senTA:do,=
88 =e de certa forma também passÍveis assim.
89 (.) enTÃo tipo foi um;
90 um um UM; ((gesticula as mãos))
91 uma diferença gritante da forma de lidAR,=
92 =com: situações exTREmas assim.
93 tipo: enQUANto;=°h
94 as pessoas normalmente esperaRIam;=
95 =que a gEnte ficasse quieto retraído;
96 e:: angusTIAdo,=
97 =a gente tava °hh exploDINDo de;;
98 [sei LÃ de que;]=
99 B1: [((ri)]
100 B2: =mas a gente tava feLIZ;
101 B3: Uhum.
102 B2: e:: Eles,
103 podiam atÉ tá feLIZ,=
104 =mas não tavam demonsTRANdo isso.=
105 =velho era bizARro.
106 [(.) e::] (.) enFIM.

107 B3: [uHUM.]
 108 B2: [é é ISSo.]
 109 B4: [eu também] fiquei choCAda.
 110 o jogo acaBOU,
 111 aí eu falei asSIM;=
 112 =ah acabou eles vão comemoRAR;=né?
 113 (.) aí eu tava esperando todo mundo levantTAR,
 114 u!HUH! alemAnha começar a cantTAR;=
 115 =sei LÁ: o que que eles [CANTam?]
 116 B2: [uHUM,]
 117 B4: todo mundo levantTOU.
 118 pegou as COISas e [saíram do mensa.]
 119 B1: [((incompreensível, 1.3s))]
 120 B2: [e não aplaudIram,]
 121 [<<aplaudindo> eu não achei isso muito leGAL:,>]
 122 B1: [((ri))]
 123 B3: [((sorri))]

Análise dos dados

Nossa análise consistirá na aplicação dos conceitos propostos por Sidnell²⁰ relacionados às narrativas. Além de classificarmos os tipos de narrador e de destinatário, também explicitaremos os trechos que demonstram o “prefácio” presente na narrativa.

O primeiro elemento da nossa análise trata do número de narradores presentes no trecho selecionado. Ainda que o *corpus* de análise tenha sido produzido por quatro falantes, a narrativa é contada por um narrador, o B2, com algumas intervenções de B4. Logo, temos uma narrativa do tipo 2, uma vez que esta é contada por dois narradores.

Considerando a classificação de Sidnell²¹ sobre o conhecimento do narrador em relação ao fato narrado, isto é: narrador participante, narrador testemunha e narrador que ouviu de um amigo sobre o evento, afirmamos que os narradores da sequência analisada são do primeiro

²⁰ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010.

²¹ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 365.

tipo (narrador participante). Isso porque os dois narradores estavam no refeitório universitário, o Mensa (local onde ocorre a história narrada) e participaram do evento, como se comprova nas linhas 50 a 53:

Sequência 2: 2014MuA102

50 ah os brasileiros aqui de MÜNster,
51 a gente se reuNIU,
52 no MENsa (.) junto com todo o resto da galera alemã,
53 (--) e aí foi muito biZArro;=

Quanto à narrativa realizada por dois narradores, não existe uma especificação para contribuição do segundo narrador durante a explicitação do evento. Sidnell²² identifica o *prompt* da narrativa, isto é, quando um falante incita outro falante a narrar algo já conhecido por ambos. Na conversa analisada, a participante B4 faz a pergunta, selecionando o próximo falante, no caso o B2, [*<<sorrindo> cê quer faLAR->*] (L33). Podemos ver que, apesar de não ser uma incitação direta, ao direcionar a palavra em forma de pergunta, B4 sugere que B2 conte a história, e ele concorda.

Outra tipologia de narrativa apresentada por Sidnell²³ é a denominada *spouse talk*²⁴. Segundo ele, é uma prática comum entre pessoas casadas, na qual um cônjuge conta uma história para um destinatário, conhecida pelo outro cônjuge. O cônjuge ouvinte monitora a narrativa, fazendo acréscimos ou correções, para que ela seja contada adequadamente. Na narrativa em questão, os narradores não são casados, mas a história contada já é de conhecimento de todos, prova disso é o riso desencadeado em todos os participantes no momento em que B4 fala sobre o ocorrido na “terça”, explicitado no trecho a seguir:

²² SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 380.

²³ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 397.

²⁴ conversa de cônjuges.

Sequência 3: 2014MuA102

- 27 B4: como se exPRImem.
28 vamo dar um do dar um exemplo de [TERça] então.
29 B2: [ah É;;]
30 B4: [(.) uhm.]
31 B2: [ah.]
32 B3: [uhm.]
33 B4: [<<sorrindo> cê quer faLAR->]
34 [((sorrisos))]
35 B2: ah pode tá vamo cês me aJUdam então.
36 [bom terça-FEIRA;=°h]
37 B4: [((ri))]
38 B2: [fatídico de <<rindo> !JO!GO!;>

Outros trechos que comprovam uma ocorrência de *spouse talk* estão nas linhas 28 e 35. A narradora B4 convida os demais narradores a contar um fato ocorrido que demonstra diferenças culturais entre alemães e brasileiros. O narrador B2 se dispõe a contar a história, mas pede a contribuição dos demais para que a narrativa seja adequadamente apresentada, como vemos no trecho: ah pode tá vamo cês me aJUdam então. (L35).

Assim como os narradores, os destinatários também são classificados segundo seu grau de conhecimento do evento: conhecedores (com diferentes graus de conhecimento) e não-conhecedores. Com isso, nesta narrativa temos os dois tipos de destinatários, pois há aqueles que estão presentes, que conhecem e participaram do evento narrado e os destinatários desconhecedores, englobando todos aqueles que terão acesso a essa narrativa disponibilizada pelo grupo NUCOI.

Segundo Sidnell,²⁵ há muitas partes de uma conversa que podem ser chamadas de narrativa, por isso, o destinatário precisa reconhecer que se trata de uma narrativa para não criar um problema de interação. Para isso, o narrador deve utilizar estratégias para mostrar ao seu

²⁵ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 364.

interlocutor que ele está contando ou contará uma história. Uma estratégia muito eficiente é o “prefácio da narrativa”.²⁶

Seqüência 4: 2014MuA102

35 B2: ah pode tá vamo cês me aJUdam então.
36 [bom terça-FEIRA;=°h]
37 B4: [((ri))]
38 B2: [fatídico de <<rindo> !JO!GO!;>]
39 B4: [<<abaixando e cobrindo os rosto com as mãos> AH::.>]
40 B1: [((sorri))]
41 B3: [((sorri))]
42 B2: [<<rindo> brasil aleMANha;>]
43 B4: [((sorri, cobre o rosto com a mão, passa a mão no cabelo))]
44 B1: [((ri e cobre o rosto com uma mão))]
45 B3: [((sorri e coça a cabeça))]
46 B4: [histÓria,]
47 B1: [((sorri))]
48 B3: [((sorri))]
49 B2: [((sorri))]
50 ah os brasileiros aqui de MÜNster,
51 a gente se reuNIU,
52 no MENsa (.) junto com todo o resto da galera alemã,

No trecho acima, temos um prefácio da narrativa, que consiste na descrição temporal e espacial do cenário²⁷ em que ocorre o evento e o *background*. O acontecimento narrado acontece numa terça-feira, num jogo do Brasil e Alemanha (o *background* dos destinatários possibilita saber que se trata da partida de futebol da Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014); *Mensa* (o *background* faz saber que se trata de um restaurante universitário onde também são exibidas partidas de futebol). Também faz parte do prefácio da narrativa quem participou do evento: a gente se reuNIU no MENsa (.) junto com todo o resto da galera

²⁶ Do original: *story-preface*. SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 368.

²⁷ Do original: *temporal/local setting*

alemã, (L51, L52) referindo-se àqueles que estão ouvindo a narrativa e aos alemães que participaram do evento narrado.

Elementos típicos do prefácio, como descrições temporais e geográficas também servem, conforme aponta Sidnell,²⁸ para mostrar ao destinatário quando será a conclusão da história.

Sequência 5: 2014MuA102

72 B2: [[<<sorrindo> a gente amou um POUco?>]]
73 B4: [[<<sorrindo> OS gols.>]]
74 B1: [((ri))]
75 B3: [((ri))]
76 B2: MAS;;
77 velho no interVALo e tAl,
78 e pelo segundo tempo aDENTro,
79 a gente voltou fazer barulho MAIS::-=
80 =inTENSso do que: no início.
81 <<rindo> a gente fez uma roda de paGode lá,>

Sequência 6: 2014MuA102

109 B4: [eu também] fiquei choCAda.
110 o jogo acaBOU,
111 aí eu falei asSIM;=
112 =ah acabou eles vão comemORAR;=né?
113 (.) aí eu tava esperando todo mundo levantAR,

Na Sequência 5, o narrador estabelece uma nova marcação temporal para a narrativa, pois os próximos fatos da história acontecem no segundo tempo do jogo de futebol em questão, como marca a expressão: e pelo segundo tempo aDENTro, (L78). Já na Sequência 6, a narradora dá outra marcação temporal: o jogo acaBOU, (L110). Nesses exemplos, podemos ver/perceber que descrições temporais podem funcionar como indicadores de que a história está chegando ao fim. Como a narrativa analisada é sobre um jogo de futebol, o trecho: e pelo segundo tempo aDENTro, (L78) indica a metade da narrativa e: o jogo acaBOU, (L110) mostra o fim da história.

²⁸ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 368.

Vale lembrar que, apesar de os exemplos apresentados nos trechos acima se referirem ao cenário temporal da narrativa, existem outras formas que servem para indicar a introdução da narrativa, como mostram as Sequências 7 e 8 a seguir.

Sequência 7: 2014MuA102

27 B4: como se exPRImem.
28 vamo dar um do dar um exemplo de [TERça] então.
29 B2: [ah É;;]
30 B4: [(.) uhm.]
31 B2: [ah.]
32 B3: [uhm.]
33 B4: [<<sorrindo> cê quer faLAR->]
34 [((sorrisos))]
35 B2: ah pode tá vamo cês me aJUdam então.
36 [bom terça-FEIRA;=°h]

A pergunta de B4 aliada à resposta de B2 explicitados na Sequência 7 são indicadores de que a narrativa vai começar, já *bom terça-FEIRA* (L36) é um exemplo de prefácio da narrativa. Isso comprova a afirmação de Sidnell,²⁹ para quem toda história começa com uma indicação da configuração em que a ação a ser narrada ocorreu.

Outro elemento apontado por Sidnell³⁰ presente em narrativas – mais especificamente as engraçadas, com humor – são os *tokens* de riso,³¹ que servem regularmente como convite para o outro rir também. Na conversa analisada, que narra um fato considerado engraçado pelos seus narradores, é repleta de *tokens* do riso.

²⁹ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 373.

³⁰ SIDNELL, *Conversation analysis: An introduction*, 2010, p. 395.

³¹ Do original: *laugh tokens*.

analisado é composto por dois narradores, a narrativa é composta por dois tipos de avaliação, que neste caso estão em harmonia.

Seqüência 9: 2014MuA102

102 B2: e:: Eles,
103 podiam atÉ tá feLIZ,=
104 =mas ;não tavam demonsTRANdo isso.=
105 =velho era bizARro.
106 [(.) e::] (.) enFIM.
107 B3: [uHUM.]
108 B2: [é é ISso.]
109 B4: [eu também] fiquei choCAda.

Como mostra o trecho, tanto B2 quanto B4 têm uma avaliação de estranhamento da postura dos alemães em relação ao jogo, como mostram as palavras *bizARro* e *choCAda* (L105 e L109, respectivamente). Ambos, conforme o costume do Brasil, esperavam que os alemães que assistiam ao jogo fossem comemorar bastante a vitória, a forma de vencer e a consequência dessa vitória (garantia de vaga para a final da Copa do Mundo de Futebol). O comportamento dos alemães demonstra uma diferença cultural em relação aos brasileiros, como comprova o trecho a seguir:

Seqüência 10: 2014MuA102

77 velho no interVALo e tAl,
78 e pelo segundo tempo aDENTro,
79 a gente voltou fazer barulho MAIS::-=
80 =inTENso do que: no início.
81 <<rindo> a gente fez uma roda de paGode lá,>
82 e começamos a rir da nossa prÓpria situaÇÃO;
83 enquanto os alemÃES tipo; ((cruza as mãos indicando contrição))
84 com todos os motivos do MUNdo;=
85 =pra tarem comemORANdo e;;
86 sei lá (.) mega feLIZES;
87 continuaram assistindo o jogo senTA:do,=
88 =e de certa forma também passÍveis assim.
89 (.) enTÃO tipo foi um;

90 um um UM; ((gesticula as mãos))
 91 uma diferença gritante da forma de liDAR,=
 92 =com: situações extREEmas assim.
 93 tipo: enQUANTo;=°h
 94 as pessoas normalmente esperaRIam;=
 95 =que a gEnte ficasse quieto retraído;
 96 e:: angusTIAdo,=
 97 =a gente tava °hh exploDINdo de:;
 98 [sei LÁ de que;]=
 99 B1: [((ri))]
 100 B2: =mas a gente tava feLIZ;
 101 B3: Uhum.
 102 B2: e:: Eles,
 103 podiam até tá feLIZ,=
 104 =mas ;não tavam demonsTRANdo isso.=
 105 =velho era biZARro.
 106 [(.) e::] (.) enFIM.
 107 B3: [uHUM.]
 108 B2: [é é ISso.]
 109 B4: [eu também] fiquei choCAda.
 110 o jogo acaBOU,
 111 aí eu falei asSIM;=
 112 =ah acabou eles vão comemoRAR;=né?
 113 (.) aí eu tava esperando todo mundo levantaR,
 114 u!HUH! alemAnha começar a canTAR;=
 115 =sei LÁ: o que que eles [CANTam?]
 116 B2: [uHUM,]
 117 B4: todo mundo levantaTOU.
 118 pegou as COIsas e [saíram do mensa.]
 119 B1: [((incompreensível, 1.3s))]
 120 B2: [e não aplauDIRam,]
 121 [<<aplaudindo> eu não achei isso muito leGAL:,>]
 122 B1: [((ri))]
 123 B3: [((sorri))]

Assim, voltamos ao objetivo da narrativa: mostrar as diferenças culturais entre brasileiros e alemães. Primeiro, marcamos a diferença de comportamento ao assistir uma partida de futebol. Os brasileiros fazem

barulho e são animados, como mostra o trecho: a gente voltou fazer barulho MAIS: := (L79) Já os alemães assistiram ao jogo sentados e sem fazer barulho, é o que mostram as linhas 87 e 88: continuaram assistindo o jogo senTA:do, = =e de certa forma também passÍ-veis assim.

A reação esperada ao garantir uma vaga para a final da Copa do Mundo de Futebol também marca uma diferença cultural. Os brasileiros esperavam que os alemães cantassem e comemorassem a vitória, conforme ilustrado nas linhas 110 a 114: o jogo acaBOU, aí eu falei asSIM; = =ah acabou eles vão comemoRAR; =né? (.) aí eu tava esperando todo mundo levantAR, u!HUH! alemAnha começar a canTAR; =. Diferentemente de uma reação típica dos brasileiros após ganhar uma partida de futebol, os alemães: não aplauDIRam, todo mundo levantOU. pegou as COIsas e [saíram do mensa (L120, L117, L118).

Assim, vimos que o comportamento de brasileiros e alemães durante uma partida de futebol é um exemplo de diferença cultural.

Conclusão

Um estudo que se propõe apresentar como são construídas diferenças culturais entre povos em uma narrativa sob o viés da Análise da Conversa precisa adotar um referencial que relacione o linguístico ao cultural.

Ao entendermos a narrativa como um “pacote” ou “formato”, composto por várias unidades entonacionais que destacam informações e que fornecem ao falante oportunidades específicas, tais como: queixar-se, vangloriar-se, informar, alertar, provocar, explicar, desculpar, justificar etc., consideramos que toda narrativa é contada por alguma razão social. Observamos, além disso, que, para que a narrativa atinja seu objetivo, o interlocutor precisa reconhecer que algo está sendo narrado. Por isso, o narrador faz um prefácio, apresentando elementos temporais e geográficos que localizam a história narrada. Vimos também que a relação do fato narrado com o narrador pode determinar a produção da narrativa, assim como o *background* dos coparticipantes. Vimos ainda que, durante a narrativa, o narrador pode levar o ouvinte a sorrir, como mostraram os *tokens* de riso, mesmo que o objetivo principal da narrativa não seja a comicidade.

Sobre as diferenças culturais, a forma de torcer dos brasileiros e alemães se mostraram bem distintas. Enquanto os brasileiros, na vitória ou na derrota, comemoram com alegria e euforia, os alemães não demonstram nenhum sentimento, nem mesmo com uma grande e histórica vitória. A narrativa expressou essa diferença e mostrou como uma mesma prática social (assistir a uma partida de futebol) pode ser realizada de forma diferente por diferentes grupos culturais.

Referências

KASPER, Gabriele; ROSE, Kenneth. *Pragmatics in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SIDNELL, Jack. *Conversation analysis: An introduction*. West Sussex, UK: Wiley- Blackwell, 2010.

A construção e tomada de turno: observações empíricas no *corpus* NUCOI

Thiago da Cunha Nascimento

Introdução

Em seu artigo de 1974, “Uma sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa”,¹ Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson compreendem que os participantes de uma conversa orientam-se por meio de um sistema de ações ratificadas mutuamente e governadas de maneira ritualística,² no qual os interlocutores podem tomar a palavra ou desistir de fazê-lo, organizar as contribuições de cada um. Ou seja, subjacente à conversa, existe uma “sistemática elementar” que rege a tomada de turno entre os interlocutores. Tal sistemática é constituída por dois componentes basilares para a organização da fala-em-interação, a saber, o componente de construção de turno, chamado Unidade de Construção de Turno – UCT, e o componente de alocação de turno, chamado Local Relevante de Transição – LRT. Esses componentes proveem os interlocutores com os meios necessários para gerir suas ações durante a conversa,³ haja vista que é pelo reconhecimento

¹ Todas as traduções usadas nesse capítulo são de responsabilidade do autor – com as modificações necessárias em relação a gênero e número. Título original: “A simplest systematics for the organisation of turn-taking for conversation”.

² SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974, p. 697.

³ SELTING, Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructional units in conversation, 2005, p.18.

da completude de UCTs que eles observam as possibilidades para as transições de turno.⁴

Posto isso, nosso objetivo com o presente trabalho é ilustrar o funcionamento dessa “sistemática elementar de tomada de turno”. Visamos aplicar a noção de UCT, bem como explicar outros termos-chave em Análise da Conversa, tais como Projetabilidade e Local Relevante para Transição, em um *corpus* criado pelo Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação – NUCOI.

A propósito dos dados aqui analisados, estes são oriundos do *corpus* do grupo de pesquisa NUCOI, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenado pela Professora Dra. Ulrike Schröder. Esse *corpus* consiste em uma filmagem de 1h 47min. de uma “conversa eliciada”⁵ de quatro estudantes brasileiros que estavam realizando intercâmbio na Alemanha, na cidade de Münster.

É oportuno destacar que uma conversa eliciada consiste num evento comunicativo organizado em torno de tarefas conversacionais determinadas pelo pesquisador, isto é, os participantes envolvidos são instruídos a discorrem sobre assuntos gerais, tais como: família, amizade, estudos, etc., conforme os objetivos da pesquisa em questão. No caso da pesquisa realizada pelo NUCOI, os participantes discutiram tópicos como os acima mencionados, porém numa perspectiva de experiências interculturais.

A identificação dos participantes foi feita com os seguintes códigos: B1, B2, B3 e B4, sendo: B1, B2 e B3 do sexo masculino e B4 do sexo feminino, todos estudantes universitários. O material foi transcrito com o suporte do programa EXMARaLDA,⁶ seguindo as convenções de transcrição do GAT 2.⁷ As transcrições do material encontram-se disponíveis no site do grupo de pesquisa⁸ sob as seguintes nomenclaturas:

⁴ SELTING, Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructural units in conversation, 2005. AUER, On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996.

⁵ KASPER, Data collection in pragmatic research, 2008, p. 281.

⁶ SCHMIDT; WÖRNER, EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research, 2009.

⁷ SELTING; AUER; BARTH-WEINGARTEN, *et al.* Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2, 2016.

⁸ http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/?web=nucoi&lang=1&page=&menu=&tipo=1.

2014_Münster_Brasileiros2-Parte1, 2014_Münster_Brasileiros2-Parte2 e 2014_Münster_Brasileiros2-Parte3.

Como dito, procuramos, por meio de uma análise *in situ* da língua em uso, observar como os interlocutores de uma conversa se orientam e coordenam suas ações de modo a negociar e alocar suas contribuições interacionais, ou seja, seus turnos. Vejamos a seguir como essas noções da AC são operacionalizadas, bem como as regras de tomada de turno funcionam.

Do turno: as noções de UCTs, projetabilidade e LRT

A *tomada de turno* é uma das características mais óbvias e fundamentais da fala-em-interação. Falamos em turnos, os quais são distribuídos de tal forma na conversa, que vários fenômenos interacionais, tais como: organização sequencial, reparo, pares adjacentes, preferência, ganham forma em virtude dessa distribuição particular na qual os turnos ocorrem.⁹ Posto isso, pode-se afirmar que a “conversa” é regulada por um sistema de troca de turnos, sendo o *turno* sua unidade básica.¹⁰ Tão grande a relevância dessa unidade, perguntamo-nos então: o que é o turno? O que o constitui? Que regras regulam sua alternância no “maquinário”¹¹ da conversa?

Freitas e Machado¹² afirmam que o turno é “um segmento construído a partir de Unidades de Construção de Turno (UCTs), as quais podem corresponder, em linhas gerais, a unidades como: sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais¹³ ou mesmo recursos prosódicos”.¹⁴ É

⁹ SIDNELL, *Conversation Analysis: An Introduction*, 2013.

¹⁰ Quanto ao *turno* ser a unidade básica da conversa, pode ser – como veremos mais adiante no texto – que esta seja uma ideia questionável, uma vez que é sobre as unidades constituintes do turno que o sistema de troca de turnos atua, o que faz delas as unidades básicas da conversa. FREITAS; MACHADO, *Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação*, 2008. SIDNELL, *Conversation Analysis: An Introduction*, 2013. MARCUSCHI, *Análise da conversação*, 2007.

¹¹ Cf. Parte 3, palestra 1. SACKS; JEFFERSON, *Lectures on Conversation*, 2006 [1995], p. 169.

¹² FREITAS; MACHADO, *Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação*, 2008, p. 62.

¹³ Essas unidades são chamadas por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974, p. 702) e Sidnell (2013, p. 41) de unidades-tipo (*unit-types*): construções de caráter primordialmente sintático.

¹⁴ Cf. SCHEGLOFF, *Repair after next turn: the last structurally defence of intersubjectivity provided in conversation*, 1992.

sobre essas unidades mínimas que o componente de alocação de turno atua.¹⁵ Para ilustrar o conceito de UCT, vejamos os excertos a seguir:

Sequência 1: 2014Br02 ((12:31-12:35))

01 B1: [<<sorrindo> aí eu acho que a gente]
02 B4: [((ri))]
03 B2: [((ri))]
B1: [é a Única pessoa que entrega em dUpla;>]
04 B4: [<<sorrindo> diviDIR o trabAlho.>]
05 B2: [((ri))]
06 B1: [((ri))]
07 B4: [((ri))]
08 B3: <<sorrindo> NOSsa.>
09 B1: [((ri))]
10 B2: [((ri))]
11 B4: [um confia no OUTro;=hahahaha;]

Sequência 2: 2014Br02 ((12:53-12:57))

01 B3: hm_HM,
(--)
02 B3: [ISso.]
03 B1: [e:] mas falar com o professor <<h> é super tranQUIlo> sim;
[man]dei email para Ele;=
04 B3: [hm;]
05 B1: =na SALa conversei com [Ele;]
06 B2: [é.]

Considerando a estrutura da superfície linguística, vemos na Sequência 1, linha 8, que o turno de B3 constitui-se por uma UCT do tipo lexical NOSsa precisamente uma interjeição lexical. Esse mesmo tipo de UCT, isto é, uma unidade lexical isolada, pode ser observada na Sequência 2, linha 2, no turno de B3 ISso, e no turno de B2, linha 6, é.

Como exemplos de um turno composto por UCTs sentenciais, isto é, sentenças que se configuram como “unidades-tipo” de UCTs, vemos que na Sequência 1, linha 1, o turno de B1 é constituído por uma sentença:

¹⁵ LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983], p. 377.

aí eu acho que a gente é a Única pessoa que entrega em dUpla; da mesma maneira na Sequência 2, linhas 3, 4 e 5, seu turno também é: mas falar com o professor <<h> é super tranQUiLo> sim; [man] dei email para Ele;= =na SAla conversei com [Ele;].

Marchuschi¹⁶ afirma que o turno pode ser compreendido como aquilo que um falante “faz” ou diz enquanto tem a palavra, inclui-se nisso a possibilidade de silêncio.¹⁷ Desse modo, podemos ter como constituintes de um turno elementos que transcendem o plano puramente verbal: gestos, sons, risos. Consoante a isso, observando, pois, a Sequência 1, linhas 5 a 10, vemos que os risos de B2, B1 e B4 são tidos como turnos legítimos. Convém salientar que elementos vocais-verbais também são vistos como unidades-tipo de UCTs, como podemos constatar nas linhas 1 e 4 da Sequência 2: os turnos de B3 consistem em continuadores: hm_HM, hm; .

A noção de UCTs é muito frutífera e importante para averiguarmos qual é o momento favorável para a ocorrência da mudança de turno. A troca de turno acontece exatamente com a completude do turno, ou seja, quando há nele os indícios sintáticos, semântico-pragmáticos e prosódicos de seu encerramento, sua conclusão. Conseqüentemente, o interlocutor reconhece nessa completude o momento oportuno para tomar o turno ou não.

É pertinente comentar que Auer¹⁸ e Selting¹⁹ concordam ao criticar a definição de UCT proposta por Sacks, Schegloff e Jefferson,²⁰ a qual é baseada numa noção estritamente sintática. Auer²¹ vê a ideia de estrutura sintática, enquanto mero resultado de regras gramaticais, como algo

¹⁶ MARCUSCHI, *Análise da conversação*, 2007, p. 18.

¹⁷ Essa ideia de Marchuschi (*Análise da conversação*, 2007), a nosso ver, ainda que muito profícua, mostra-se problemática em certas situações, pois, como veremos mais adiante, na análise da aplicação das regras de tomada de turno, em alguns momentos torna-se difícil dizer quem é o falante corrente, ou, se no contexto no qual acontece o (sor)riso, podemos considerá-lo como um turno propriamente dito. E especialmente quando se trata da atribuição de uma pausa como turno de um participante específico.

¹⁸ AUER, *On the prosody and syntax of turn-continuations*, 1996.

¹⁹ SELTING, *Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructural units in conversation*, 2005.

²⁰ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*, 1974.

²¹ AUER, *On the prosody and syntax of turn-continuations*, 1996, p. 59.

problemático, dado o caráter multifacetado e interacionalmente complexo da construção de um turno e sua cedência. O autor argumenta a favor de caracterizar a sintaxe no âmbito da fala-em-interação como uma pista de contextualização para a realização da tomada de turno, ou seja, as estruturas sintáticas devem ser vistas “como eventos comunicativos e cognitivos reais no tempo”.²² Auer²³ propõe, assim, a noção de “*gestalt* sintática”²⁴ em detrimento da ideia de estrutura sintática na fala-em-interação. Tendo em mente essa noção de *gestalt* sintática, o autor define um “possível ponto de completude sintática” como aquele no qual uma *gestalt* sintática é fechada,²⁵ sendo propícia a transição de turno.

Por sua vez, Selting²⁶ advoga pela imprescindibilidade da prosódia na formulação de UCTs, haja vista que, na definição de UCT de Sacks, Schegloff e Jefferson,²⁷ a primazia é dada à estrutura sintática, relegando o aspecto prosódico a um plano meramente secundário. Conforme a autora, as “formulações sintáticas são arranjadas como unidades interacionalmente relevantes via prosódia. A prosódia, portanto, apresenta um papel constitutivo, e não somente um papel concomitante”,²⁸ na elaboração de UCTs. Selting argumenta que UCTs podem ser percebidas – e

²² AUER, On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996, p. 59. Tradução nossa do original: “as communicatively and cognitively real events in time”.

²³ AUER, On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996.

²⁴ AUER (On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996. p. 61) define uma *gestalt* sintática mínima como “consistindo em um verbo finito mais seus argumentos obrigatórios (na íntegra ou anaforicamente abreviado) / consisting of a finite verb plus its obligatory arguments (in full or anaphorically abridged)”.

²⁵ Convém salientar que a abordagem *gestalt* da sintaxe e a noção de sintaxe como pista de contextualização estão interligadas de tal sorte, que a sintaxe consegue contextualizar a completude e a cedência de um turno em função somente de seu potencial de projeção, o qual, por sua vez, só é possível graças à percepção em tempo real dos interlocutores em termos de *gestalt* emergentes. Isto é, a percepção dos interlocutores acontece holisticamente. Essa noção, inclusive, flexibiliza a extensão que uma unidade-tipo pode ter e ser percebida pelo interlocutor. Na análise da Sequência 3 mais adiante podemos visualizar a noção de *gestalt* sintática de Auer (AUER, On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996).

²⁶ SELTING, Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructive units in conversation, 2005.

²⁷ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

²⁸ SELTING, Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructive units in conversation, 2005, p. 37. Tradução nossa do original: “Syntactic formulations are packaged as interactionally relevant units via prosody. Prosody thus plays a constitutive, not just a concomitant role”.

elaboradas – de diversas maneiras em termos prosódicos, seja como uma unidade, seja como várias unidades prosódicas.²⁹ Por consequência, esse fenômeno influencia interacionalmente a negociação e alocação dos turnos entre os interlocutores.

Nesse sentido, relacionadas às UCTs, estão as noções de “Projetabilidade” e “Locais Relevantes para Transição” (LRT) por serem determinadas em função da completude das UCTs e, por conseguinte, estarem envolvidas na tomada de turno entre os participantes de uma conversa. No tocante à projetabilidade, “os participantes podem prever, no curso da UCT, que tipo de unidade está sendo produzida pelo interlocutor e em que ponto, provavelmente, o turno pode vir a terminar”.³⁰ Nesse ponto onde termina o turno, tem-se o Local Relevante para Transição (LRT), ou seja, o local mais favorável para que a troca de turnos aconteça. São nos LRTs que as regras de troca de turno entram em ação. Todavia, “isso não significa que os falantes mudarão nesse ponto, mas simplesmente que podem fazê-lo”.³¹ Observemos a Sequência 3, logo abaixo. Após alguns minutos narrando uma situação de sua experiência na Alemanha, referente à forma como os universitários alemães lidavam com dúvidas que apareciam durante as aulas, bem como sua própria forma de lidar com suas dúvidas e a liberdade para fazer perguntas à professora da disciplina, B3 encerra a narrativa da maneira como ilustra a Sequência 3.³²

Sequência 3: 2014Br02 ((12:53-12:57))

01 B3: <<all>melhoROU assim n nesse sentIdo> <<p>mas (.) é;>
02 (0.8)
03 B4: ((ri, olhando para o lado e coçando a orelha))
04 B3: esTRAnho.
05 (2.5)
06 B4: <<vira a cabeça para o círculo de participantes>é.>
07 essa relação entre E:les;=
08 =às vezes eu também aCHEI bem competitIvo assim?

²⁹ Veremos mais adiante, com a análise da Sequência 3, como isso acontece.

³⁰ FREITAS; MACHADO, Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação, 2008, p. 62.

³¹ LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983], p. 377.

³² B1 e B2, nesse momento, olhavam para o chão e “somente” ouviam essa troca entre B3 e B4.

Notamos, pois, nesse excerto que, apesar de haver uma pausa na linha 2, B4 não toma a palavra para si por ter projetado que a construção do turno de B3 não atingira sua completude com a sentença: melho-ROU assim n nesse sentIdo> <<p>mas (.) é; Logo, para B4, isso não configurou um LRT. Podemos notar, aqui, que a projetabilidade está fortemente relacionada com a estrutura sintática da UCT: B3 dá indícios de certa incompletude à UCT, pois, com a sentença usada, pode-se perceber que ainda falta algo a ser dito – “melhorou assim nesse sentido mas é _?_”. Falta ao verbo um argumento para sua saturação sintática, o qual só é produzido na linha 4: esTRAnho.

É pertinente comentar que, durante a emergência de uma *gestalt* sintática, as chances de prever corretamente a parte que ainda não foi produzida da *gestalt* – e, portanto, projetar sua completude – é crescente e contínua. Sendo assim, na produção de uma *gestalt* em tempo real se tem: (a) no início, uma fase mínima de projetabilidade, que implica tanto uma carga alta de trabalho cognitivo-perceptual da parte do interlocutor, quanto uma carga alta de trabalho cognitivo-produtiva da parte do falante; e (b) no final, uma fase máxima de projetabilidade, na qual o falante se beneficia dos padrões já ativados em seu interlocutor que permitem uma projeção quase automática de completude; por sua vez, o interlocutor se beneficia da baixa carga informacional provida pela parte agora já produzida da *gestalt* sintática.³³ Posto isso, inferimos que, por perceber que a *gestalt* sintática da UCT sentencial de B3 ainda não estava completa na linha 1, embora haja a presença de uma pausa na linha 2, B4 não toma a palavra. Entretanto, ela o faz na linha 6, quando o grau máximo de projetabilidade é alcançado na linha 4, com o item lexical esTRAnho e potencializado pelo silêncio na linha 5.

Cabe lembrar que a prosódia é um elemento constitutivo na formulação e percepção de UCTs.³⁴ Assim, B4 parece se orientar também pelas pistas prosódicas de B3. Primeiramente, na linha 1, B3 inicia seu turno numa velocidade rápida: <<all>melhoROU assim n nesse sentIdo> <<p>mas (.) é;> e, ao final de sua UCT sentencial, há uma mudança na

³³ AUER, On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996, p. 59.

³⁴ SELTING, Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructural units in conversation, 2005, p. 37.

qualidade do volume de sua fala, isto é, ele fala baixo. No tocante ao contorno entonacional, observa-se que este é descendente (:); desse modo, nesse trecho de fala, presumimos que, com a alteração na qualidade do volume da fala de B3 em contraste com o ritmo de fala no início da UCT, o movimento entonacional descendente não foi projetado por B4 como uma completude de turno. Entrementes, na linha 4, quando B3 continua sua UCT com uma unidade-tipo lexical *esTRAnho*, a qual apresenta um contorno entonacional baixo-descendente (.), B4 projeta um possível LRT e toma a palavra na linha 6. Ainda, a pausa de 2.6 segundos na linha 5 – mais longa que a da linha 2 (0.8) – sugere, em termos sequenciais, que B3 encerrara seu turno, reforçando a possibilidade de um LRT.

Queremos ressaltar que dizemos que B4 “toma o turno efetivamente”, contrapondo-nos com “tomar a palavra”, no sentido de produzir material propriamente verbal, devido ao fato de descaracterizarmos a força do riso como UCT, e, portanto, como turno válido nesse excerto, haja vista que nesse momento da interação B4: (a) ri comedidamente, (b) seu olhar sequer está direcionado a B3, nem ao “círculo” criado entre os participantes e, (c) na linha 6, passa a produzir bastante material linguístico, com seu olhar voltado para o “círculo de participantes”.

Pode haver situações nas quais o interlocutor projeta a completude de uma UCT em pontos não favoráveis para uma possível mudança de turno, como é observado na Sequência 4:

Sequência 4: 2014Br02 ((19:20-19:28))

01 B4: =agora as aulas que eles acham que que: (.) que eles não
vão ganhar NAda;=
02 =<<h> eles não vão> [<<h> MESmo.>]
03 B2: [é.]
04 [hm_HM,]
05 B4: [ele não] tem (.) problema com ISso.[=sabe.]
06 B1: [é.]
07 [não tem que ter integraliDAde com isso.]
08 B4: [e sÀbe o que acontece;]
09 os professOres no final (-) discUtem;

Nesse excerto, podemos ver uma situação em que há a antecipação da projeção de um possível LRT por parte de B1 na linha 6. B1 iniciou seu turno em sobreposição ao de B4, porque projetou a completude do turno em um ponto anterior àquele em que realmente acontece, isto é, com o *tag* final de B4 na linha 5 =sabe. Notamos que a unidade-tipo da UCT constituinte do turno de B4 é uma sentença completa do ponto de vista sintático, bem como do ponto de vista prosódico.

Consoante a isso, podemos ver que o contorno entonacional final da UCT de B4 foi baixo-descendente: [ele não] tem (.) problema com ISSO. [=sabe.]. O que significa, pelo menos nesse contexto, que a ideia veiculada pela UCT, em termos informacionais, está completa e coesa.³⁵ Por isso, B1 deve ter visto, nesse momento, uma possibilidade para tomar o turno. No entanto, houve uma sobreposição das falas de B1 e B4, pois B4 realiza uma extensão de seu turno com o tag =sabe acrescido, o qual teve o mesmo contorno entonacional final (baixo-descendente (.)), sinalizando, finalmente, a completude real do turno de B4. A parte final do turno com o *tag*, permitiu a B1 projetar outra completude ao turno de B4, bem como acrescentar mais uma UCT ao seu próprio turno [não tem que ter integralidade com isso.]. O que fomentou a concorrência de turnos de B1 e B4, como podemos conferir nas linhas 7 e 8.

Uma vez apontadas essas noções que compõem o sistema de troca de turnos – UCT, projetabilidade e LRT, passemos propriamente às regras elaboradas por Sacks, Schegloff e Jefferson.³⁶

³⁵ Temos aqui um caso de expansão de uma *gestalt* sintática. Conforme Auer (AUER, On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996, p. 67), uma *gestalt* sintática fechada pode ser expandida de três formas: sintagmática-restrospectiva, na qual um constituinte é acrescido à *gestalt* sintática; paradigmática-restrospectiva, na qual a expansão da *gestalt* sintática ocorre por meio da substituição de um constituinte nela; e sintagmática-prospectiva, na qual é acrescido um "material parentético" que modifica semanticamente algum constituinte prévio da *gestalt* sintática, mas que não tem nenhuma relação sintática formal com a *gestalt*, isto é, nenhuma concordância gramatical. No caso aqui apresentado, classificamos o tipo de expansão sintática como sintagmática-retrospectiva, pois um novo elemento é acrescido à *gestalt* já fechada, bem como faz referência retrospectiva ao seu conteúdo proposicional.

³⁶ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

Procedimentos de tomada de turno

Com base em gravações de conversas espontâneas, Sacks, Schegloff e Jefferson³⁷ procuraram demonstrar que existe uma orientação entre os participantes de uma interação que os guia no gerenciamento da tomada de turnos. Sendo assim, esta orientação configura um sistema de regras que organiza a troca de turnos, de modo a ordenar as transferências de turno para minimizar lacunas e sobreposições. Isto posto, Sacks, Schegloff e Jefferson³⁸ propuseram duas regras básicas:

Regra 1:

- (a) Para qualquer turno, no lugar relevante para transição (LRT) de uma unidade de construção de turno (UCT): Se o falante corrente identificou ou selecionou um próximo falante em particular, então o falante selecionado deve tomar o turno nesse momento.
- (b) Se o falante corrente não selecionou o próximo falante antes do final da UCT, então qualquer próximo falante pode (mas não necessariamente precisa) se auto-selecionar nesse ponto. Se ocorrer auto-seleção, então o primeiro falante a se auto-selecionar tem direito ao turno.
- (c) Se nenhum próximo falante se auto-selecionou, então o falante corrente pode (mas não necessariamente precisa) continuar a falar com uma nova UCT.

Regra 2:

Se o falante corrente não identificou ou selecionou um próximo falante em particular (1a), ou se, ao final da UCT, um próximo falante não tiver se auto-selecionado (1b) e o falante corrente tiver continuado a falar (1c), então as regras 1a-c passam a valer novamente para o próximo LRT e assim recursivamente até que a transição de turnos se realize.³⁹

Esse não é um grupo de regras que caracteriza um sistema prescritivo, mas uma descrição da "orientação recorrente dos participantes para práticas demonstradas em tomadas de turno reais, localmente situadas".⁴⁰ Percebemos com isso que Sacks, Schegloff e Jefferson⁴¹ procuraram elaborar regras que fossem ao mesmo tempo independentes e sensíveis

³⁷ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

³⁸ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

³⁹ Tradução de FREITAS; MACHADO, Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação, 2008, p. 66-69.

⁴⁰ FREITAS; MACHADO, Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação, 2008, p. 66.

⁴¹ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

ao contexto, ou seja, as regras deveriam revelar uma universalidade do que ocorre em todas as conversas.

Entretanto, é necessário ressaltar que a aplicação dessas regras ocorre de acordo com as ações dos participantes em cada evento comunicativo, as quais estão também sujeitas às imposições do “gênero conversacional”.⁴² Ou seja, as ações dos participantes dependem das funções, propósitos, ações e conteúdo relacionados ao gênero do discurso que constitui o evento comunicativo, logo, a orientação da tomada de turno pode ser afetada por esse fator. No caso de nossa análise, o evento comunicativo observado é constituído pelo gênero conversacional “conversa eliciada”,⁴³ o qual se insere no domínio das “comunicações públicas” e que acreditamos se aproximar das “conversas espontâneas”.⁴⁴ O gênero “conversa eliciada” é um gênero muito frequente em pesquisas do campo da Pragmática. É usado, sobremaneira, como forma de eliciar dados para análises conversacionais. Cremos ser um gênero que está no limiar da conversa espontânea e da conversa institucional.

A seguir, vejamos alguns exemplos da aplicação das regras de troca de turno. Abaixo, na Sequência 5, temos o início de uma conversa em que os participantes deveriam começar a discorrer sobre assuntos relacionados às suas experiências acadêmicas na Alemanha. Observemos como a regra 1a opera nos turnos dos participantes:

Sequência 5: 2014Br02 ((00:26-00:35))

```
01  B1:  [((sorri)) ]
02  B2:  [((sorri)) ]
03  B3:  [((mexe no bigode e olha para baixo)) ]
04  B4:  [((sorri e olha para os participantes))]
      ((ruídos))
05      (2.6)
06  B1:  [(( coça os olhos e sorri)) ]
07  B2:  [((sorri)) ]
08  B4:  [((sorri)) ]
09  B3:  [°hhh° ((olha para B4, depois para os outros e sorri)) ]
```

⁴² MARCUSCHI, *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, 2008, p. 160.

⁴³ KASPER, *Data collection in pragmatic research*, 2008, p. 281.

⁴⁴ MARCUSCHI, *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, 2010, p. 41.

10 B2: ((ri))
 11 B1: [<<sorrindo> e aí?>] ((olhando para B4))
 12 B2: [((sorri))]
 13 B3: [((sorri))]
 14 B4: <<sorrindo>comeÇA né;> ((olhando para baixo))
 15 B2: [<<p> VAmo lá;>]
 16 B3: [<<pp> que BOM:..>]
 17 B2: <<p> vamos comeÇAR;>
 18 B4: parTIu.
 19 (1.3)

Ao analisarmos a Sequência 5, nosso primeiro questionamento é decidir quem, de fato, é o primeiro falante, haja vista que, em seus turnos, os participantes não produzem enunciado algum, mas ações não-verbais, tais como riso, suspiro, sorrisos, movimentos (coçada de olhos) e direcionamento de olhares. Esse questionamento é levantado posto o posicionamento de Marcuschi,⁴⁵ mencionado anteriormente, no tocante ao turno de fala, o qual consiste no que o falante “faz” ou diz. Nesse sentido, os quatro participantes “fazem” alguma coisa (L1- L8), o que constitui seus turnos, os quais estão, vale ressaltar, sobrepostos. Ou seja, em teoria, os quatro participantes são “falantes” correntes.⁴⁶ Talvez, o gênero conversacional aqui influencie o comportamento linguístico-conversacional dos interlocutores, posto que, como dito anteriormente, é um gênero utilizado no meio acadêmico como instrumento de coleta de dados, o que afeta a espontaneidade dos participantes da conversa, levando-os a retardar uma tomada efetiva de turno, ou seja, tomar a palavra literalmente.⁴⁷

Considerando essa perspectiva, nas linhas 9 a 11, temos três falantes correntes, B1, B2 e B3. No entanto, é B1 quem seleciona o próximo falante. Embora não exista um termo de interpelação na UCT de B1, a qual é uma pergunta e aí?, é com o direcionamento de seu olhar que

⁴⁵ MARCUSCHI, *Análise da Conversação*, 2007, p. 18.

⁴⁶ No entanto, se desconsiderarmos os risos como um turno efetivo, nesse trecho da interação, podemos considerar que, além da aplicação da regra 1a, podemos ter a ocorrência da regra 1b. Ou seja, B1 se auto-seleciona e, posteriormente, seleciona o próximo falante.

⁴⁷ Convmem ressaltar que mesmo com suas ações não verbais, afirmamos que os participantes já estavam em estado de interação em função das trocas de olhares, risos e sorrisos entre eles.

ele seleciona o próximo falante (B4). Com respeito ao olhar, Sidnell⁴⁸ comenta que frequentemente, ao invés do uso de algum termo de endereçamento/interpelação, o falante corrente sinaliza o endereçamento por meio do olhar. No tocante à completude, o turno de B1, em termos sintáticos, semânticos e prosódicos, está completo, o que caracteriza um bom LRT para a tomada de turno do próximo falante. Entretanto, como já dito, é com um elemento não verbal, direcionamento do olhar, que B1 sinaliza quem ele deseja que tome a palavra.

É curioso notar que, na situação da Sequência 5, os participantes parecem relutantes em tomar a palavra, isto é, ninguém parece muito propenso a iniciar trocas linguísticas efetivamente, por isso (sor)riem. E vez ou outra B1, B2 e B3, que são homens, parecem esperar que B4 comece a falar, por ser a única mulher nesse evento comunicativo. Provavelmente, por uma questão de polidez cavalheiresca oriunda da regra social geral “primeiro as damas”. Isso fica evidente talvez pelos excessivos olhares direcionados a B4 durante os sorrisos: apesar de todos se entreolharem, era em B4 onde os olhares sempre (re)caíam. Isso pode até reforçar uma escolha por parte dos três falantes correntes que o próximo falante seja B4.

Como postulado pela regra 1b,⁴⁹ há a possibilidade de o falante corrente não selecionar o próximo falante. No excerto a seguir, vejamos como ocorre a operação desta:

Sequência 6: 2014Br02 ((00:36-00:49))

01 B4: °h em comparaÇÃO com suas expectativas relacionAdas a sua
estadia na alemAnha;
02 ai: quais se realizAram;
03 e quais não se realizAram.
04 (2.1)
05 B2: <<sorrindo> NO:Ssa;>
06 B3: [diFícil.]
07 B2: [((sorri))]

⁴⁸ SIDNELL, *Conversation Analysis: An Introduction*, 2013, p. 46.

⁴⁹ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

08 B4: [<<pp> compliCAdo.>]
09 B2: [((ri))]
10 <<:-> é compliCAdo.>

É evidente que o turno de B4 requer um próximo falante, posto que sua UCT caracteriza-se por uma pergunta, embora o contorno entonacional dado não seja aquele prototípico de uma pergunta.⁵⁰ A pergunta, segundo Levinson,⁵¹ é um dispositivo direto que convida um próximo falante a tomar a palavra. Nesse sentido, na linha 3, temos um LRT, momento favorável para ocorrer a transição de turno. Desse modo, na linha 4, após um silêncio de 2.1 segundos, há a mudança do turno de fala. Ainda, se pensarmos no conceito de “pares adjacentes”,⁵² a pergunta é uma “primeira parte do par” que não necessariamente aloca um próximo falante em específico, sendo, portanto, necessário algum termo, ou forma, de endereçamento.⁵³ Porém, percebe-se que B4 não direciona a pergunta a nenhum dos participantes da conversa, ficando então à disposição de qualquer um tomar a palavra. E é justamente o que acontece: B2 e B3 falam sem serem endereçados deliberadamente (L5 e L6). Convém salientar que o não direcionamento da pergunta de B4 seja em função do gênero conversacional, uma vez que a maneira como as perguntas ou escolha dos tópicos discutidos acontecem reflete que não haja um mediador da conversa, mas sim uma distribuição simétrica das relações interpessoais estabelecidas na interação.

É importante comentar que casos de sobreposição, como o que ocorre nas linhas 8 e 9, são muito frequentes em situações de autosseleção e ocorrem, em geral, em LRTs, especialmente em “primeiros inícios rivais”.⁵⁴ Sendo assim, B2 e B4, simultaneamente, auto-selecionam-se para falar após o turno de B3. Isso, a propósito, revela que B2 e B4 “calcularam” a projetabilidade de um LRT em potencial de maneira

⁵⁰ No geral, associam-se perguntas a contornos entonacionais de caráter ascendente, e não descendentes como ocorre na Sequência 6.

⁵¹ LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983].

⁵² “o tipo de enunciações emparelhadas de que são protótipos pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, oferecimento-aceitação, desculpas-minimização, etc”. LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983], p. 385.

⁵³ SIDNELL, *Conversation Analysis: An Introduction*, 2013, p. 45-46.

⁵⁴ Ou ainda em caso de erros de projeção, como vimos na Sequência 4. LEVINSON, *Pragmática*, 2007 [1983], p. 379.

independente.⁵⁵ A respeito disso, Freitas e Machado⁵⁶ dizem que “a auto-seleção simultânea revela que o final projetável de uma UCT é um aspecto ao qual os próprios participantes estão atentos e orientados ao longo da interação”. Assim sendo, B1 e B4 estavam atentos à UCT do tipo lexical de B3 difícil, a qual atingira sua completude, sendo reforçada pelo contorno entonacional final (.) que indicou uma ideia completa, caracterizando assim uma LRT.

Concernente à regra 1c,⁵⁷ há a previsão de casos em que não ocorre auto-seleção. Encontramos na Sequência 7 uma situação ilustrativa dessa regra. Nesse excerto, os participantes discutiam acerca das relações de tratamento de pessoas em alemão, especificamente no tratamento de pessoas não muito próximas. B2 comentara algo sobre ter se endereçado a uma professora, parece que de maneira muito íntima, e não tê-la tratado pelo pronome *Sie*.⁵⁸ Quanto a isso, B3 manifesta sua experiência com essa professora – de não ter tido algum momento no qual tivesse falado com ela:

Sequência 7: 2014Br02 ((17:02-17:11))

01 B3: eu não (.) eu não (.) diriGI a palavra diretamente
02 [talvEz,]
03 B4: [((ri))]
04 (1.4)
05 B3: é.
06 (0.73)
07 B3: às vezes (.) fica até mEio autoMÁTico.=também,

⁵⁵ Cf. SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974, p. 706-707 e FREITAS; MACHADO, Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação, 2008, p. 72-73.

⁵⁶ FREITAS; MACHADO, Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação, 2008, p. 73.

⁵⁷ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

⁵⁸ Em alemão, utiliza-se o pronome *Sie* (senhor/senhora), tratamento formal. É uma maneira de mostrar respeito e educação com as pessoas, principalmente em relações assimétricas, tais como professor-aluno, chefe-empregado, idoso-jovem, etc. O uso desse pronome estabelece uma distância social entre os interlocutores, ou seja, não há o estabelecimento de relações de intimidade.

08 umas COI[sas,]
09 B2: [ah_É.]
10 B1: <<p> é.>

Observamos que na linha 2, a UCT de B3 alcança sua completude, principalmente se considerarmos a sintaxe da UCT sentencial, ou seja, B3 enuncia uma oração completa em termos sintáticos. Do ponto de vista prosódico, o contorno entonacional final ascendente (,) pode ter causado nos interlocutores alguma expectativa de que o turno ainda fosse continuar, por isso não projetaram, talvez, nesse ponto, um LRT, o que resultou na ausência de auto-seleção. Como ninguém toma a palavra, B3 continua a falar na linha 5 e, com um breve silêncio de 0.73 segundos, ainda deixa abertura para alguém tomar a palavra, na linha 6, o que não acontece. Sendo assim, B3 continua a falar nas linhas 7-8 até que B2 toma o turno na linha 9.

Uma vez mais, o riso parece ser um complicador para avaliar a tomada de turno, haja vista que, aparentemente, B4 poderia manter o turno após tê-lo tomado com o riso, na linha 3. No entanto, como podemos notar com o silêncio – de 1.4 segundos – subsequente na linha 4, B4 não o mantém. Talvez o que valida o riso como um turno efetivo seja o fato de B3 ter falado após esse tempo significativo de silêncio (1.4s), provavelmente porque B3 estivesse esperando que B4 fosse acrescentar algo. Já que isso não aconteceu, e ninguém tomou o turno, mesmo após certos segundos de silêncio, momento que pode ser favorável para a tomada de turno por parte dos outros participantes, B3 continua a falar (L7).

Conclusão

Com a breve análise que realizamos, além de discutir alguns conceitos-chave da Análise da Conversa, verificamos como as regras de tomada de turno se aplicavam a esse evento interacional representado pelos dados obtidos no *corpus* NUCOI.

No tocante à noção de UCT, as críticas de autores como Auer⁵⁹ e Selting⁶⁰ à caracterização da UCT proposta por Sacks, Schegloff e

⁵⁹ AUER, On the prosody and syntax of turn-continuations, 1996.

⁶⁰ SELTING, Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructional units in conversation, 2005.

Jefferson⁶¹ sugerem uma alteração na definição desse termo muito caro à AC. Desse modo, a operacionalização do conceito de UCT deve ser feita com base numa noção de estrutura sintática cujas categorias linguísticas sejam flexíveis e, portanto, sensíveis à dinâmica da fala-em-interação, sendo a prosódia um elemento igualmente fundamental na formulação e percepção dessas unidades constituintes do turno. Convém ressaltar que as noções de “Projetabilidade” e LRT são inerentemente influenciadas pela caracterização das UCTs, haja vista que projeção e alocação de turno estão diretamente relacionadas à completude de uma UCT.

Observamos que as regras de tomada de turno, propostas por Sacks, Schegloff e Jefferson,⁶² são localmente administradas e, em cada momento em que se tem um LRT, as regras de tomada de turno entraram em ação, fato que, por sua vez, está diretamente ligado às ações dos participantes do evento comunicativo, as quais, por sua vez, estão sujeitas às imposições do gênero conversacional.

Percebemos também que há a existência de uma regra tácita de “Fala um por vez” entre os participantes da conversa, muito embora, conforme Sidnell,⁶³ existam exceções a essa regra, em casos de risos, por exemplo, que, no geral, ocorrem em sobreposição. E notamos isso, inclusive, nos dados aqui analisados. Ainda, vimos que a extensão de um turno de fala pode ir de um simples *token* responsivo, ou mesmo gesto, até enormes complexos sentenciais.

Por fim, constatamos que, em muitos casos, elementos, como o riso, que podem constituir uma UCT, representam um problema quanto à definição inequívoca de turno.

Referências

AUER, Peter. On the prosody and syntax of turn-continuations. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; SELTING, Margret (orgs.). *Prosody in Conversation: Interactional Studies*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1996. p. 57-100.

⁶¹ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

⁶² SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, 1974.

⁶³ SIDNELL, *Conversation Analysis: An Introduction*, 2013.

- FREITAS, Ana; MACHADO, Zenir. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. *In*: LODER, Letícia; JUNG, Neiva (org.). *Fala-em-fala social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 59-94.
- KASPER, Gabrielle. Data collection in pragmatic research. *In*: SPENCER-OATLY, Helen. *Culturally speaking: culture, communication and politeness theory*. London: Continuum, 2008. p. 279-303.
- LEVINSON, Stephen. *Pragmática*. Tradução de Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983].
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, V. 50. N. 4, Part 1, p. 696-735, dec., 1974.
- SACKS, Harvey; JEFFERSON, Gail. *Lectures on Conversation*. Vol. 1 e 2. Oxford: Blackwell Publishing, 2006 [1995].
- SCHEGLOFF, Emanuel. Repair after next turn: the last structurally defence of intersubjectivity provided in conversation. *American Journal of Sociology*, v. 97, n.5, p. 1295-1345, 1992.
- SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARALDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics*, 19, p. 565-582, 2009.
- SELTING, Margret; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar. *et al.* Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2. Traduzido por Ulrike Schröder, Mariana Carneiro Mendes, Caroline Caputo Pires, Diogo Henrique Alves da Silva, Thiago da Cunha Nascimento, Flavia Fidelis Paula. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016.
- SELTING, Margret. Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructional units in conversation. *In*: HAKULINEN, Auli; SELTING, Margret (orgs.). *Syntax and Lexis in Conversation*. Amsterdam: Benjamins, 2005. p. 17-44.
- SIDNELL, Jack. *Conversation Analysis: An Introduction*. Malden; Oxford; Chichester: Wiley-Blackwell, 2013.

Intimidade e proximidade na interação intercultural: uma análise cognitivo-conversacional da experiência de brasileiros

Fernanda Roque Amendoeira
Thiago da Cunha Nascimento

Introdução

O presente artigo examina a forma como três brasileiros, a partir de suas experiências interculturais, expressam sua percepção acerca da dimensão das relações interpessoais na Alemanha. Com base no aporte teórico da Linguística Cognitiva (doravante LC), em especial da Teoria Cognitiva da Metáfora¹ e da abordagem discursiva da metáfora,² bem como nos procedimentos analítico-metodológicos da Análise da Conversa (doravante AC),³ inquirimos as dicotomias culturais no quesito “proximidade e distância” entre brasileiros e alemães.

Especificamente objetivamos analisar como os três participantes da conversa manifestam por meio de recursos verbais, verbo-gestuais e prosódicos suas conceptualizações sobre suas experiências interculturais no tocante a relacionamentos interpessoais. Esperamos, com essa análise cognitivo-conversacional da interação entre os três brasileiros, contribuir para os estudos da Linguística Cognitiva, da Análise da Conversa e da Comunicação Intercultural.

¹ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980]. LAKOFF; JOHNSON, *Filosofy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*, 1999.

² CAMERON, *Metaphor in educational discourse*, 2003. CAMERON, *Identifying and describing metaphor in spoken discourse data*, 1999.

³ DAY; WAGNER, *Ethnomethodology and Conversation Analysis*, 2011.

Metáfora e Pensamento

Conforme Lakoff e Johnson,⁴ o sistema conceptual humano é fundamentalmente metafórico. A metáfora está situada, portanto, no pensamento e não somente na linguagem (poética), sendo ubíqua na fala cotidiana. Os autores argumentam que as metáforas conceptuais são geradas a partir de nossas experiências sensório-motoras no ambiente sócio-físico-cultural. Ou seja, por meio de um mapeamento sistemático de um domínio fonte, em geral mais concreto, sobre um domínio alvo, em geral abstrato, conseguimos compreender conceitos abstratos.⁵ O cerne da metáfora é, portanto, a compreensão e experiencição de um conceito em termos de outro.⁶

Assim, um conceito abstrato, tal como AMOR é compreendido em termos de um conceito concreto, como FORÇA. Logo, a metáfora conceptual AMOR É FORÇA FÍSICA⁷ permite-nos compreender expressões metafóricas como “Eu me senti *atraída* por ele”. Observa-se, pois, que compreendemos um sentimento em termos de forças físicas que atuam sobre nosso corpo: o desejo que se tem por alguém corresponde a uma força compulsória, a satisfação de estar perto da pessoa amada corresponde a uma força de atração etc.

Ainda, por sua natureza cognitiva, a metáfora não se restringe ao plano puramente linguístico. Ela pode ser instanciada por outros modos de comunicação do ser humano, como, por exemplo, por meio de gestos. Conforme McNeill,⁸ fala e gesto são inseparáveis, este é tão parte integrante da linguagem quanto as palavras o são. O gesto é “uma ação expressiva que encena a imagética [...] constituinte do processo de fala”.⁹

⁴ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980]. LAKOFF; JOHNSON, *Filosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*, 1999.

⁵ JOHNSON, *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*, 2007, p. 177.

⁶ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980], p. 5.

⁷ LOVE IS PHYSICAL FORCE (LAKOFF; JOHNSON, 2003 [1980], p. 49). Todas as traduções realizadas neste trabalho são de responsabilidade dos autores.

⁸ MCNEILL, *Hand and mind: What gestures reveal about thought*, 1992. MCNEILL, *Why we gesture: the surprising role of hand movements in communication*, 2016.

⁹ “An expressive action that enacts imagery [...] that is part of the process of speaking”. MCNEILL, *How language began: gesture and speech in human evolution*, 2013 [2012], p.29.

Destarte, os gestos assumem as mesmas funções de falar sobre o mundo e expressar sentimentos que a língua apresenta.¹⁰ Logo, uma vez que a metáfora é uma questão de pensamento e não somente de língua, ela pode ser instanciada em um gesto. Frequentemente, segundo Müller,¹¹ o domínio fonte de uma metáfora verbal é descrito pelo gesto.¹² Tem-se, pois, uma metáfora multimodal, isto é, instanciada em dois modos semióticos de expressão.

É imperativo salientar que, embora Lakoff e Johnson¹³ reconheçam que a metáfora tenha uma dimensão dialógica, isto é, de construir uma relação com o outro, sua teoria tem um cunho solipsista, baseada em metáforas idealizadas e abstraídas de sua função comunicativa no uso concreto da língua.¹⁴ Em face disso, Cameron¹⁵ propõe uma abordagem discursiva da metáfora,¹⁶ cujo quadro teórico-analítico considera os elementos interacionais e os aspectos cognitivos em jogo no momento da interação. Na proposta de Cameron, linguagem e pensamento (metafóricos) são interdependentes, afetando um ao outro no processo dinâmico e dialógico do falar-e-pensar. Assim, tanto a metáfora linguística quanto a metáfora conceptual são consideradas na abordagem da metáfora à luz da dinâmica do discurso.¹⁷ Ainda, por incluir o aspecto dinâmico e comunicativo da metáfora na língua em uso, a abordagem discursiva da metáfora abre espaço para investigações acerca de seus aspectos multimodais¹⁸ na fala-em-interação.

¹⁰ MÜLLER, Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures, 2013, p.205.

¹¹ MÜLLER, Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures, 2013.

¹² Na seção de discussão dos dados, ilustraremos a instanciação de uma metáfora gestual.

¹³ LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors we live by*, 2003 [1980], p. 231.

¹⁴ SCHRÖDER, The interplay of verbal, vocal, and visual cues in the co-construction of the experience of alterity in exchange students' talk, 2015, p. 110.

¹⁵ CAMERON, *Metaphor in educational discourse*, 2003. CAMERON, Identifying and describing metaphor in spoken discourse data, 1999.

¹⁶ Convém ressaltar que, para Cameron (2003, p.3), discurso é concebido como língua em uso.

¹⁷ CAMERON, Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory, 2007. SEMINO, *Metaphor in discourse*, 2008.

¹⁸ Cf. MÜLLER; CIENKI, Words, gestures, and beyond: Forms of multimodal metaphor in the use of spoken language, 2009. MÜLLER; TAG, The dynamics of metaphor: foregrounding and activating metaphoricity in conversational interaction, 2010.

A seguir, introduziremos a perspectiva da Análise da Conversa, de modo a evidenciar as contribuições desse campo de pesquisa para os estudos da metáfora.

Fala-em-interação, Metáfora e Cognição

Em função de sua origem etnometodológica, com base em observações de conversas cotidianas, a Análise da Conversa se ocupa em investigar como as pessoas produzem sentido sobre o mundo em que vivem.¹⁹ É na situação face-a-face, conforme Berger e Luckmann,²⁰ que os participantes envolvidos apreendem um ao outro num presente vívido partilhado por eles; experienciam “um fluxo de consciência comum”²¹ no qual coconstroem e compartilham uma realidade recíproca de percepção de mundo. Desse modo, por meio da análise das ações conversacionais adotadas pelos interlocutores, tais como: tomada de turno, reparo, autorreparo, organização sequencial das ações, a AC inquirir a produção coletiva de significado(s) em situações sociais;²² preocupa-se, portanto, em compreender como ocorre a manutenção da “intersubjetividade”²³ na interação social,²⁴ observando os mínimos detalhes do desenrolar momento-após-momento da interação.²⁵

Em outras palavras, por meio de ações coordenadas, os participantes coconstroem uma realidade apresentada a eles, negociando os sentidos emergentes de suas ações. Assim, é na sequencialidade de suas ações conjuntas que temos os indícios da compreensão mútua, ou seja, “um entendimento comum quanto à ação proposta, refletida e aceita (ou reparada e aceita)”.²⁶ Tem-se que a interação social – e a língua em uso mais especificamente – está organizada num nível refinado

¹⁹ Cf. GARFINKEL; SACKS, Sobre estruturas formais de ações práticas, 2012. SACKS, Lectures on conversation, 1992.

²⁰ BERGER; LUCKMANN, A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento, 2014 [1966], p. 46.

²¹ SCHÜTZ, Relações interativas, 2012[1970], p. 206.

²² WATSON; GASTALDO, *Etnometodologia e análise da conversa*, 2015.

²³ SCHÜTZ, Relações interativas, 2012[1970], p. 179.

²⁴ DAY; WAGNER, *Ethnomethodology and Conversation Analysis*, 2011, p.33.

²⁵ FOX; THOMPSON; FORD; COUPER-KUHLEN, *Conversation Analysis and Linguistics*, 2013.

²⁶ GARCEZ, A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social, 2008, p.30.

de detalhes, isto é, num nível de detalhes em minutos, cujo produto é oriundo de métodos de raciocínio e ações dos quais todos os interactantes competentes participam.²⁷

Numa rede de influências bilaterais,²⁸ os participantes da conversa alinham, coordenam, harmonizam permanentemente seus respectivos comportamentos, por meio de padrões linguísticos, que são concebidos como “práticas” que se alocam em contextos sequenciais específicos.²⁹ Observa-se, então, que “o sentido de uma conversa é [...] parcialmente produzido na e pela organização serial, e ocorre como consequência dessa organização”.³⁰ Ao construírem seus turnos, por exemplo, os participantes evidenciam sua orientação e sua atenção para o relacionamento sequencial que sua fala estabelece com as demais.³¹

Partindo do pressuposto que a organização social se estabelece no nível microinteracional, a AC, portanto, com seus métodos de coleta e tratamento de dados,³² objetiva identificar as estruturas subjacentes à fala-em-interação através da microanálise das ações e práticas conversacionais *in situ* e *in vivo*.

Essa perspectiva teórico-metodológica da AC revela-se muito útil para os estudos da metáfora na interação face-a-face, posto que, de acordo com Gibbs e Cameron,³³ metáforas podem aparecer e desaparecer conforme o fluxo dinâmico da fala-em-interação. Esses autores afirmam que qualquer trecho de conversa cotidiana revela a presença de linguagem com significado metafórico. Assim, com seus procedimentos metodológicos e analíticos, a AC permite, por meio da inquirição sequencial das ações dos participantes, um escrutínio das metáforas verbais, verbo-gestuais e gestuais presentes nas ações conversacionais dos interlocutores.

²⁷ FOX; THOMPSON; FORD; COUPER-KUHLEN, *Conversation Analysis and Linguistics*, 2013, p. 2.

²⁸ Ou multilaterais, considerando interações sociais nas quais existem mais de dois participantes.

²⁹ KERBRAT-ORECCHIONI, *Análise da Conversação*. Princípios e Métodos, 2006, p. 9. FOX; THOMPSON; FORD; COUPER-KUHLEN, *Conversation Analysis and Linguistics*, 2013, p. 729.

³⁰ WATSON; GASTALDO, *Etnometodologia e análise da conversa*, 2015, p. 106.

³¹ LODER; SALIMEN; MÜLLER, *Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência*, 2008, p. 42.

³² Conforme Fox *et al* (FOX; THOMPSON; FORD; COUPER-KUHLEN, *Conversation Analysis and Linguistics*, 2013, p. 2), a coleta e preparação dos dados envolve o registro em áudio e vídeo de interações e posterior transcrição refinada desse material, o que facilita uma análise detalhada de turnos e sequências de fala.

³³ GIBBS; CAMERON, *The social-cognitive dynamics of metaphor performance*, 2008, p. 647.

Ademais, o “procedimento teste do próximo turno”, bem como a “análise sequencial”³⁴ oferecidos pela AC permitem que, na verificação da sequencialidade de ações, se possa delimitar o grau de “metaforicidade”³⁵ das contribuições linguísticas, não-verbais e visuais dos participantes. Destarte, a AC possibilita a observação tanto no nível linguístico quanto no nível comunicativo de como os participantes de uma conversa se baseiam em recursos verbais, prosódicos, visuais e cognitivos para se expressarem da melhor forma possível no furor da conversa, de modo a negociar e coconstruir sentidos via metáforas,³⁶ ajustando suas ações entre si para alcançar a manutenção da intersubjetividade.

Escrutinando a metáfora na fala-em-interação, consegue-se, portanto, chegar à conceptualização que os participantes da conversa colaborativamente constroem em relação ao mundo.

Procedimentos Metodológicos

Em junho de 2017, em Munique, na Alemanha, foi feita a filmagem de três estudantes intercambistas brasileiros que se voluntariaram a participar de uma “conversa eliciada”.³⁷ Dois deles eram homens e alunos do curso de direito (identificados com os códigos B1 e B3 nas transcrições), uma participante era mulher e aluna de medicina (identificada com o código B2 nas transcrições). Essa filmagem específica, que faz parte do *corpus* do NUCOI – Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural – da UFMG, nos oferece a descrição de diversas situações comunicativas interculturais vividas pelos participantes, em que as ideias de proximidade e distância são mencionadas.

³⁴ BARTH-WEINGARTEN, *Interactionallinguistics*, 2011, p. 87.

³⁵ Segundo Dienstbach (Metaforicidade: um aspecto do gênero, 2017, p. 1769), metaforicidade é “a possibilidade de uma metáfora ser reconhecida como tal – sejam quais forem os fatores que estariam por trás dessa possibilidade”. CAMERON, *Identifying and describing metaphor in spoken discourse data*, 1999.

³⁶ Gibbs e Cameron (GIBBS; CAMERON, *The social-cognitive dynamics of metaphor performance*, 2008) e Cameron (CAMERON, *Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitivemetaphor theory*, 2007) discorrem acerca de como a metáfora emerge e é negociada no discurso. Gibbs e Cameron, por seu turno, tratam dos vários fatores que subjazem a essa coconstrução e negociação de conceptualizações metafóricas em situações de língua em uso.

³⁷ KASPER, *Data collection in pragmatics research*, 2008.

Para estimular os participantes a falarem, foram utilizados cartões com perguntas sobre suas experiências interculturais na Alemanha, previamente lidos pelos participantes e que os ajudaram a traçar a linha de conversa, não necessariamente seguindo a ordem apresentada por eles ou se mantendo somente nesses tópicos. Os registros das interações foram transcritos com o suporte do *software Partitur-Editur* do pacote de programas EXMARALDA,³⁸ seguindo as convenções de GAT 2.³⁹

Uma vez que as transcrições foram finalizadas e revisadas por meio de uma “análise sequencial”,⁴⁰ selecionamos os trechos nos quais identificamos fenômenos metafóricos tanto verbais quanto gestuais, especialmente, aquelas instanciações referentes à metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE.

Acerca dos gestos, usamos o método de análise de gestos proposto por Bressemer, Ladewige e Müller,⁴¹ o qual privilegia sobremaneira o contexto em que o gesto aparece na interação. Ou seja, avaliamos os gestos em termos de sua relação temporal com a fala (por exemplo: se eles precedem ou sucedem a fala, se eles coocorrem com ela ou se ocorrem sozinhos – *gesture alone*), bem como de sua função semântica em relação à fala (por exemplo: redundantes, complementares/suplementares, contrários ou substitutivos).⁴² Procuramos não apenas apontar os gestos existentes na interação, mas também designar os princípios básicos que os permitem conter significado e conseqüentemente uma função.

Intimidade é proximidade

Na sequência abaixo, B1 discorre sobre um mal-entendido ocorrido logo em seu primeiro dia na Alemanha, algo que lhe evidenciou as primeiras diferenças culturais entre a sua cultura e a cultura alemã. Conforme Schütz,⁴³ quando inserido num novo ambiente social, o indivíduo se baseia

³⁸ SCHMIDT; WÖRNER, EXMARALDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research, 2009.

³⁹ SELTING *et al*, Um Sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2, 2016.

⁴⁰ BARTH-WEINGARTEN, *Interactionallinguistics*, 2011, p. 87.

⁴¹ BRESSEMER; LADEWIG; MÜLLER, *Linguistic Annotation System for Gestures*, 2013.

⁴² Para uma leitura detalhada dessas categorias analíticas conferir BRESSEMER; LADEWIG; MÜLLER, *Linguistic Annotation System for Gestures*, 2013, p. 1111.

⁴³ SCHÜTZ, *The stranger: an essay in social psychology*, 1944.

em seu “modo de pensar habitual”⁴⁴ para interpretar o mundo social que o circunda, bem como lidar com ações e pessoas, de modo a obter os melhores resultados em qualquer situação com o mínimo de esforço, evitando consequências indesejáveis. Esse “modo de pensar habitual” é estruturado pelo que Schütz nomeia de *recipiente*⁴⁵: um preceito para ações que serve como um esquema de expressão, isto é, quem quer que queira alcançar algum resultado tem que proceder conforme a “receita” provida para tal propósito. Essa ideia de Schütz se alinha com o conceito de *script* de Schank e Abelson:⁴⁶ “uma sequência estereotipada e predeterminada de ações que definem muito bem uma situação”.⁴⁷ Assim, entendemos muitas situações ao colocá-las em esquemas chamados *script*.

Desse modo, na Sequência 1 a seguir, conseguimos identificar na fala de B1 não apenas como esses esquemas mentais, os *scripts*, guiam as pessoas numa dada situação, mas também como eles são culturalmente moldados em essência:

Sequência 1: 2017Br3 ((10:29-10:43))

01 B1: um mal entendido por exemplo fo:i,
02 (-) quando eu cheguei aqui no primeiro dia,
03 (-) <<estende a mão direita para frente> que eu fui
cumprimentAR (-) uma alemã,>
04 <<all> que era do> (.) do meu apartamento;
05 do meu (.) andar,
06 e: pra <<estendendo a mão direita para frente> cumprimentAR:,>=
07 =eu dei <<girando a mão em meio círculo> aquele beijinho> no:
<indicando a bochecha com a mão> ROSTO;>

Nessa sequência narrativa, B1 relata uma situação de cumprimento à sua vizinha alemã. Observa-se, nos recursos verbais e não-verbais utilizados por B1, que a fonte de mal-entendido foi a maneira como ele cumprimentou a vizinha alemã a princípio, na linha 3, ao dizer:

⁴⁴ *Thinking as usual* (SCHÜTZ, The stranger: an essay in social psychology, 1944, p. 501).

⁴⁵ Receita (tradução nossa).

⁴⁶ SCHANK; ABELSON, *Scripts, Plans, Goals and Understanding: an Inquiry into Human Knowledge Structures*, 1977, p. 41.

⁴⁷ SCHANK; ABELSON, 1977, p. 41. Tradução nossa do original: “a predetermined, stereotyped sequence of actions that defines a well-known situation”.

<<estende a mão direita para frente> que eu fui cumprimentAR (-) uma alemã,>. B1 especifica a situação do mal-entendido, colocando inclusive o acento focal no verbo “cumprimentar”. Ainda, ele descreve a situação fazendo o gesto de cumprimento, isto é, estendendo a mão direita para frente. Essa coocorrência do gesto com a fala não somente reforça semanticamente o conteúdo proposicional do enunciado – gesto e fala apresentam correspondência semântica,⁴⁸ como também realiza uma função comunicativa apelativa,⁴⁹ de modo a atrair a atenção dos seus interlocutores, B2 e B3, como se pode ver na figura 1 mais adiante.

Na sequência, linhas 6 e 7, B1 detalha a situação de mal entendido: e: pra <<estendendo a mão direita para frente> cumprimentAR:,>= =eu dei <<girando a mão em meio círculo> aquele beijinho> no:. Vê-se que, tal como na linha 3, B1 realiza gestos coocorrentes à sua fala. Na linha 6, novamente, o gesto de cumprimento é incidente ao item lexical “cumprimentar”, que leva o acento focal. Na linha 7, dois itens lexicais são acentuados, “beijinho”, com acento secundário, e “rostão”, com acento focal, os quais são acompanhados por gestos coocorrentes. Ambos os gestos também reforçam semanticamente o conteúdo proposicional dos enunciados com os quais coocorrem, bem como apelam à atenção dos interlocutores, B2 e B3, como podemos ver nas figuras 2 e 3:



Figura 1: B1 à esquerda, fazendo o gesto correspondente à fala: eu fui cumprimentAR (-) uma alemã,
Fonte: *corpus* NUCOI

⁴⁸ Cf. BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, *Linguistic Annotation System for Gestures*, 2013, p. 1111.

⁴⁹ MÜLLER, *Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures*, 2013.



Figura 2: B1 à esquerda, fazendo o gesto correspondente à fala: e: pra cumprimentAR:,>=
Fonte: *corpus* NUCCI



Figura 3: B1 à esquerda, fazendo o gesto correspondente à fala: =eu dei aquele beijinho> no: ROSTo;>
Fonte: *corpus* NUCCI

Nota-se que o conjunto de ações de B1 nessa situação demonstra como brasileiros agem num momento de apresentação a alguém: além de estender a mão (L3 e L6), numa situação em que envolve um homem e uma mulher, o homem se aproxima para dar um ou dois beijos na bochecha da mulher (L7). Como dito anteriormente, o indivíduo faz uso de seu modo de pensar habitual, isto é, seu *script*, para interpretar seu novo ambiente social. No entanto, nem sempre essa estratégia parecerá ser adequada, visto que ele se defronta com uma ideia já formada do padrão supostamente válido dentro do grupo ao qual ele está inserido.⁵⁰ Com isso, nota-se que esse esquema de B1 choca-se com o esquema de cumprimento de sua vizinha alemã, como podemos ver na continuação do relato a seguir:

⁵⁰ SCHÜTZ, The stranger: an essay in social psychology, 1944, p. 502.

Sequência 2: 2017Br3 ((10:45-10:52))

08 B1: (---) <<cresc, all> e: (.)[a menina achou que eu já,>]
09 B2: [que aSSÉdio <<rindo> hein;>]
10 B1: (.) eXAtO.
11 [a menina me olhou com uma CAra;]
12 B2: [((rindo))]
13 B3: [((sorrindo))]
14 ((ri)) <<all> devia tá ligAndo pra poLÍcia [já;>]
15 B1: [((rindo))]
16 B2: [((rindo))]
17 B1 eXAtamente isso.=SAbe.

Vê-se, a partir dos *tokens* de compreensão de B2 e B3, sobremaneira, nas linhas 9 e 14, respectivamente, que eles partilham e compreendem os significados veiculados pelo relato de B1. Para os três participantes, o conjunto de ações de B1 é culturalmente aceitável no contexto brasileiro, porém, inaceitável no contexto alemão.

Ainda é interessante notar as ações de B2 e B3 em relação à fala de B1. B2, em sobreposição ao turno de B1, responde à narrativa dele com uma piada (L9), [que aSSÉdio <<rindo> hein;> , alinhando-se e mostrando afiliação à narrativa de B1. É imperativo ressaltar que a sobreposição de B2 complementa o turno de B1, visto que o contorno entonacional final do enunciado de B1 é ascendente (,), <<cresc, all> e: (.)[a menina achou que eu já,>, o que no contexto em que ocorre, bem como as pistas contextuais prosódicas presentes no seu enunciado, a saber, volume crescente de voz <<cresc>> e rapidez na velocidade de fala <<all>> , sugerem que B1 ainda continuaria a falar. No entanto, ele aceita a contribuição de B2, como se vê na linha 10, ao dizer: (.) eXAtO. Por seu turno, B3, na linha 14, também se afilia à narração de B1, fazendo igualmente uso de humor ao dizer: <<all> devia tá ligAndo pra poLÍcia [já;>, de modo a alinhar-se aos seus interlocutores, em especial a B1.

Vemos que, para brasileiros, essa forma de cumprimento se apresenta como usual e antes mesmo que B1 relate qual foi a reação concreta da alemã, B2 e B3 já inferem que ela não reagiu à situação positivamente. Ao avaliar a ação de cumprimento como "assédio", B2 já adianta a ideia

de aproximação física como negativa dentro do contexto cultural alemão. É importante destacar que a classificação desse ato como uma forma de assédio feita por B2 e B3 retrata não como a cultura alemã em si reage a esse tipo de contato, mas como os dois participantes, em suas experiências na Alemanha até então, conceptualizam de maneira hiperbólica a forma como a vizinha alemã de B1 tenha reagido. B1 afirma então, na linha 10, que a suposição de B2 estava correta.

É possível depreender, a partir da análise da Sequência 2, como o conceito de "intimidade" está associado, por meios metafóricos,⁵¹ ao conceito de "espaço físico", isto é, "proximidade", pois foi ao se aproximar fisicamente da alemã que B1 notou uma reação fora do usual. Convém ainda comentar que a conotação atribuída pelos três participantes à ideia de "proximidade" é negativa, pois, adotando a perspectiva da alemã, eles concluem que a ação de B1 constitui uma ocupação sem permissão do espaço pessoal da outra pessoa, o que resultou na associação de B2 ao conceito de assédio.

Na Sequência 3 essa associação entre os conceitos INTIMIDADE e PROXIMIDADE fica mais evidente:

Sequência 3: 2017Br3 ((10:53-11:07))

18 B2: <<colocando a mão direita em forma de telefone ao lado do
rosto, sorrindo> cento e DEZ;>

19 B1: [<<movimentando o corpo para trás, :-)> emPURrou pra trás,>=]

20 B2: [((rindo))]

21 B3: [((sorrindo))]

22 B1: =<:-)> e(.) que cê tá fazEndo cê hm> (.) <<rindo>
°h não me coNHEce;>

23 [((rindo))]

24 B2: [ela falou ISso,]

25 B3: [((rindo))]

26 B1: ela <<movimentando o corpo para trás> (XXX)>

27 B2: ela (.) deMONStrou;

28 B1: é.

51 Ou seja, o conceito abstrato INTIMIDADE é definido em termos da característica "proximidade física" do domínio ESPAÇO via projeção metafórica deste domínio mais concreto sobre aquele mais abstrato.

29 [ela ficou]traVAda assIm;
 30 B2: [ah::;]
 31 B1: (-) <<all> ai eu> <<p> ah tá bom é ISSo.>
 32 [nunca mais falei]
 33 B3: [((rindo))]
 34 B1: [com a pessOA;]
 34 B2: [que no braSIL a gente faz <<rindo> assIm,>]

Como se pode observar na sequência, linhas 19, 22 e 26, B1 recorre a dois recursos para dar expressividade à sua narrativa: primeiramente, nas linhas 19 e 26, ele faz uso de um movimento corporal para descrever a reação da alemã ao seu beijo de cumprimento, como se pode ver nas Figuras 4 e 5. Na linha 19, seu movimento de corpo coocorre com o enunciado: *emPURrou pra trás*, reforçando-o semanticamente, por partilharem o mesmo conteúdo. Na linha 26, no entanto, o mesmo movimento corporal acontece, porém, no que parece ser uma lacuna sintática, assumindo uma função semântica de substituição,⁵² especialmente pelo momento em que ocorre, B1 emite sons não compreensíveis. Porém, o que ele deseja comunicar é compreendido por B2, que demonstra seu entendimento na linha 27 ao afirmar: *ela (.) deMONStrou;*.

B1 também faz uso do recurso do discurso reportado, introduzido pelo item lexical “e” e por uma micropausa (.), para descrever a reação da alemã ao seu beijo de cumprimento: *=<:-> e(.) que cê tá fazendo cê hm> (.) <<rindo> °h não me coNHEce;>*. De acordo com Günthner,⁵³ ao reportar a fala de alguém, o falante, além de incorporar o enunciado do outro em um contexto novo, também o adapta conforme suas intenções funcionais e seus objetivos comunicativos. Ademais, o falante também emite uma avaliação, ou seja, uma “enunciação sobre a enunciação”⁵⁴ quando reporta o discurso de outrem. O que explica a presença de uma fala permeada de sorrisos (indicado pelo *smiling face <:->*) e do riso *<rindo>* ao final do enunciado. Isto é, B1 interpreta e avalia a reação da alemã como algo embaraçoso, o que poderia ser

⁵² BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, *Linguistic Annotation System for Gestures*, 2013, p. 1111.

⁵³ GÜNTNER, *Polyphony and the ‘layering of voices’ in reported dialogues: an analysis of the use of prosody devices in everyday reported speech*, 1999, p. 686.

⁵⁴ BAKHTIN, *Marxismo e filosofia da linguagem*, 2009, p. 150.

consequência do fato deles serem ainda desconhecidos um para o outro. Isso é indicado na fala reportada, sobremaneira, pelo acento focal em “coNHEce”.

Contudo, embora tenha usado o recurso do discurso reportado, B1, como se vê na linha 27, afirma que a alemã não verbalizou o enunciado reportado por ele, no entanto, pela imitação da reação da alemã, B1 interpretou dessa forma. Curiosamente, ainda que a alemã não tenha dito verbalmente o que B1 reportou, tanto B1 quanto B2 interpretam a imitação da reação da alemã da mesma forma, explicitando a relação de PROXIMIDADE e INTIMIDADE.



Figura 4: B2 ao centro, fazendo o gesto
Fonte: *corpus* NUCOI



Figura 5: B1 à esquerda, fazendo o gesto correspondente à fala: emPURrou pra trás
Fonte: *corpus* NUCOI

É possível depreender das ações conversacionais de B1, sobremaneira em seus gestos e movimento de corpo, uma instanciação da

metáfora primária INTIMIDADE É PROXIMIDADE,⁵⁵ cuja motivação jaz na correlação entre ser íntimo e estar fisicamente próximo de alguém. O contraste entre a cultura alemã e a cultura brasileira se deu, aos olhos dos participantes da conversa, a partir da reação negativa da alemã à proximidade e ao contato físico de B1, o que é considerado comum na cultura brasileira e não sugere que seja necessário qualquer grau de intimidade prévio, como explicitado por B2 na linha 34.

É oportuno comentar que segundo Hall,⁵⁶ existem quatro tipos de distância entre dois indivíduos: a íntima, a pessoal, a social e a pública. Nossas “personalidades situacionais” são associadas com nossas respostas a processos em cada um desses níveis. É a aplicação dessas diferentes zonas e o comportamento relacionado à violação delas que nos proporciona estabelecer o limite entre o que é permitido socialmente ou não, isto é, quando e como surgem as anomalias relacionadas ao espaço. Nomeadamente, o nível íntimo é determinado pelo autor como a capacidade de sentir o calor, o cheiro ou a respiração do corpo de outra pessoa. O envolvimento inconfundível com o corpo de outrem demarca o limite entre o espaço íntimo e o não-íntimo, criando a chamada “esfera íntima”.⁵⁷ Hall alega ainda que alemães geralmente fazem tudo para preservar sua esfera íntima, o que pode explicar a reação da nativa alemã à aproximação de B1.

Portanto, como B1 e a vizinha alemã haviam acabado de se conhecer, não seria possível que eles tivessem intimidade suficiente para que a “esfera íntima”, como explicado por Hall,⁵⁸ fosse quebrada. Infere-se que a alemã não considerou possível que o contato físico ocorresse naturalmente naquele contexto e buscou retomar a distância entre os dois ao se mover para trás, evidenciando assim sua necessidade de recuar e manter uma distância espacial de B1 como reação à interação física iniciada por ele.

A análise das três sequências apresentadas aqui nos mostra a visão de mundo que os três participantes colaborativamente constroem

⁵⁵ GRADY, *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*, 1997, p. 203.

⁵⁶ HALL, *The Hidden Dimension*, 1969, p. 116.

⁵⁷ HALL, *The Hidden Dimension*, 1969, p. 117.

⁵⁸ HALL, *The Hidden Dimension*, 1969, p. 118.

na conversa acerca da cultura alemã concernente ao universo das relações interpessoais, isto é, se a pessoa não é íntima da outra, ela não pode romper os limites do espaço pessoal. Essa visão é sintetizada na instância verbal-gestual da metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE.

Conclusão

Com o auxílio do instrumental teórico-metodológico da AC, a análise das Sequências 1, 2 e 3 possibilitou-nos evidenciar como estruturas de conhecimento, os *scripts*, orientam as pessoas em situações sociais, como cumprimento, por exemplo. Vimos também que, nesse processo de descrever uma situação de interação intercultural entre o brasileiro e a alemã, os *scripts* são moldados culturalmente, quando observamos as ações dos indivíduos envolvidos na narrativa das sequências. A não-compatibilidade desses comportamentos gerou estranhamento e desconforto, o que evidencia as “dimensões ocultas” propostas por Hall⁵⁹ que, apesar do desconhecimento racional das pessoas, existem. Investigar como essas dimensões são conceptualizadas a partir do contexto cultural possibilita a reflexão sobre nossas atitudes rotineiras diante do espaço ao nosso redor.

Ainda, a partir das práticas conversacionais de B1, B2 e B3, identificamos o surgimento da metáfora verbo-gestual INTIMIDADE É PROXIMIDADE, a qual figura como síntese da conceptualização dos três brasileiros em face à cultura alemã no tocante ao tópico “relacionamento interpessoal”. Embora a metáfora tenha sido introduzida por B1 em seus movimentos corporais, B2 e B3 alinham-se e afiliam a ele, aquiescendo à sua narrativa com contribuições humorísticas. Desse modo, no fluxo de consciência estabelecido na interação entre eles, uma visão de mundo é colaborativamente construída e compartilhada.

Convém comentar que, na dimensão comunicativa, os gestos (principalmente de B1) não só ilustraram fisicamente as abstrações dos participantes, como também realizaram uma função representacional, expressiva e apelativa de tal forma que os participantes se mantiveram ativamente envolvidos na conversa, fazendo uma manutenção da intersubjetividade.

⁵⁹ HALL, *The Hidden Dimension*, 1969.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARTH-WEINGARTEN, Dagmar. Interactionallinguistics. In: ANTOS, Gerd; VENTOLA, Eija. *Handbook of interpersonal communication*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2011. p. 77-105.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014 [1966].
- BRESSEM, Jana; LADEWIG, Silva; MÜLLER, Cornelia. Linguistic Annotation System for Gestures. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David; TEBENDORF, Sedinha (orgs.). *Body – Language – Communication. A International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 2, Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 1098-1124.
- CAMERON, Lynne. Identifying and describing metaphor in spoken discourse data. In: CAMERON, Lynne; LOW, Graham. *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 105-132.
- CAMERON, Lynne. *Metaphor in educational discourse*. London; New York: Continuum, 2003.
- CAMERON, Lynne. Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitivemetaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, v. 5, p. 107-135, 2007.
- DAY, Dennis; WAGNER, Johannes. Ethnomethodology and Conversation Analysis. In: ANTOS, Gerd; VENTOLA, Eija. *Handbook of interpersonal communication*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2011. p. 77-105.
- DIENSTBACH, Dalby. Metaforicidade: um aspecto do gênero. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, V. 14, n. 1, p. 1767-1778, jan./mar., 2017.
- FOX, Barbara; THOMPSON, Sandra A.; FORD, Cecilia E.; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. Conversation Analysis and Linguistics. In: SIDNELL, Jack; STIVERS, Tanya (org.). *The Handbook of Conversation Analysis*. Malden, Oxford, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013. p. 721-740.
- GARCEZ, Pedro. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. D.; JUNG, N. M (org.) *Fala-e-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado das letras, 2008. p. 17-38.
- GARFINKEL, Herold; SACKS, Harvey. Sobre estruturas formais de ações práticas. *Revista Veredas*, Juiz de Fora: UFJF, vol. 16. n. 2, p. 220-253, 2012.
- GIBBS, Raymond; CAMERON, Lynne. The social-cognitive dynamics of metaphor performance. *Journal of Cognitive Systems Research*, 2008.
- GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. 299 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997.
- GÜNTNER, Suasanne. Polyphony and the 'layering of voices' in reported dialogues: an analysis of the use of prosody devices in everyday reported speech. *Journal of Pragmatics*. 31, p. 685-708, 1999.
- HALL, Edward. *The Hidden Dimension*. New York: Doubleday & Co, 1969.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.
- JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago: Cambridge University Press, 2007.

- KASPER, Gabriele. Data collection in pragmatics research. In: Spencer-Oatey (eds.). *Culturally Speaking*. Culture, Communication and Politeness Theory. London: Continuum, 2008, p. 279-303.
- KENDON, Adam. Some relationships between body motion and speech. In: SEIGMAN, Aron; POPE, Benjamin (eds.). *Studies in Dyadic Communication*. Elmsford; New York: Pergamon Press, 1972. p. 177-210.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação*. Princípios e Métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003 [1980].
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Filosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic books, 1999.
- LODER, Letícia; SALIMEN, Paola; MÜLLER, Marden. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva (org.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 95-126.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. *Introdução à Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003.
- MCNEILL, David. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- MCNEILL, David. *How language began: gesture and speech in human evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013 [2012].
- MCNEILL, David. *Why we gesture: the surprising role of hand movements in communication*. New York: Cambridge University Press, 2016.
- MÜLLER, Cornélia; CIENKI, Alan. Words, gestures, and beyond: Forms of multimodal metaphor in the use of spoken language. In: FORCEVILLE, Chaves; URIOS-APARISI, E. (eds), *Multimodal metaphor*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 297-328.
- MÜLLER, Cornelia; TAG, Susanne. The dynamics of metaphor: foregrounding and activating metaphoricity in conversational interaction. *Cognitive Semiotics*, 6, p. 85-120, 2010.
- MÜLLER, Cornelia. Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures. In: MÜLLER; Cornelia; CIENKI, Alan; FRICKE, Ellen; LADEWIG, Silva H.; MCNEILL, David; TEBENDORF, Sedinha (Org.). *Body – Language – Communication*. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. v. 1, Berlin; Boston: De Gruyter Mouton 2013. p. 202-217.
- SACKS, Harvey. *Lectures on conversation*. 2 vols. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1992.
- SELTING, Margret; AUER, Peter; BARTH-WEINGARTEN, Dagmar *et al*. A system for transcribing talk-in-interaction: GAT 2; translated and adapted for English by Elizabeth Couper-Kuhlen and Dagmar Barth-Weingarten. *Gesprächsforschung – Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, v. 12, 2011. Disponível em: <http://www.gespraechsforschung-online.de/fileadmin/dateien/heft2011/px-gat2-englisch.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.
- SELTING, Margret *et al*. Um Sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2. Traduzido e adaptado por Ulrike Schröder, Mariana Carneiro Mendes, Caroline Caputo Pires, Diogo Henrique Alves da Silva, Thiago da Cunha Nascimento e Flavia Fidelis de Paula (UFMG). Revisão técnica de Paulo Cortes Gago (UFJF/UFRJ). *Veredas*. 20 (2), p. 6-61, 2016.

- SCHANK, Roger; ABELSON, Robert. *Scripts, Plans, Goals and Understanding: an Inquiry into Human Knowledge Structures*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1977.
- SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARALDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics*, v. 19, p. 565-582, 2009.
- SCHRÖDER, Ulrike. The interplay of verbal, vocal, and visual cues in the co-construction of the experience of alterity in exchange students' talk. *Journal of Pragmatics*, 81, p. 21-35, 2015.
- SCHÜTZ, Alfred. The stranger: an essay in social psychology. *American Journal of Sociology*, V. 49, N. 6, p. 499-507, May, 1944.
- SCHÜTZ, Alfred. Relações interativas. In: WAGNER, Helmut (org.). *Fenomenologia e relações sociais: Textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2012 [1970]. p. 179-217.
- SEMINO, Elena. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. *Etnometodologia & Análise da Conversa*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015.

Diferenças de *status* epistêmico em interações eliciadas: o *footing* de professor

Mariana Carneiro Mendes

Introdução¹

Nas falas de uma interação, os participantes se colocam em suas falas como mais ou menos conhecedores, de acordo com o tema que está sendo abordado. No entanto, quando há participantes com grau similar de conhecimento em relação aos temas tratados, o *status* epistêmico de “mais conhecedor” seria mantido por apenas um dos participantes, ou intercalado entre eles? Para respondermos a essa questão, nos apoiamos nos conceitos de *footing* conforme elaborado por Goffman,² e de *território epistêmico*, por Heritage,³ ao analisarmos uma interação em grupo entre membros da Assembleia de Deus. Nessa interação, ainda que os participantes pareçam apresentar um grau de conhecimento similar em relação aos temas em geral, seja devido a participarem de uma mesma igreja, seja em razão de desempenharem papéis sociais similares – estudantes universitários ou recém-formados – por meio de suas falas, eles se colocam na interação de forma assimétrica. Um dos participantes, com um comportamento que remete a um *footing* de professor, se coloca como mais conhecedor que os demais em relação aos temas que

¹ Agradeço a todos os membros do ICMI/NUCOI pelo trabalho que desenvolvemos coletivamente e especialmente a Arthur Rodrigo Alves e Silva pela transcrição inicial dos dados utilizados neste capítulo. A todos os membros do grupo FeI, Fala-em-Interação (UNISINOS), agradeço por me receberem remotamente para uma sessão de dados em 2017, assim como pelos valiosos comentários em relação aos dados aqui apresentados.

² GOFFMAN, Footing, 1981.

³ HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012.

discutem na interação, resistindo à troca de turno quando outros tentam se colocar como mais conhecedores. Nas seções a seguir, serão apresentados: (i) a fundamentação teórica, que se apoia na Análise da Conversa (AC), e os conceitos mais relevantes para esta análise, *footing* e *território epistêmico*; (ii) a metodologia, em que trataremos da coleta dos dados e da análise em si; (iii) os dados e a discussão, em que mostraremos as ocorrências em que a análise do *footing* e dos *territórios epistêmicos* se mostrou mais relevante; e (iv) encerraremos com as considerações finais.

Fundamentação teórica

Nossa principal base teórica trata-se da Análise da Conversa,⁴ assim como dos conceitos de footing⁵ e de *território epistêmico*.⁶ Nesta seção, faremos uma breve apresentação de cada uma dessas áreas.

Análise da Conversa

A Análise da Conversa⁷ surge como o aparato metodológico por meio do qual podem ser realizados estudos da Etnometodologia,⁸ um campo da Sociologia que inaugura uma nova forma de contemplar eventos sociais sob um paradigma interpretativo que leva em conta também a perspectiva dos participantes do evento, e não apenas a do pesquisador.⁹ Os estudos etnometodológicos buscam desvendar que mecanismos possibilitam a comunicação no dia-a-dia, investigando as regras que os participantes utilizam para organizarem suas falas na troca de turno. Outra pesquisa que também influenciou o surgimento da AC foi os estudos de Goffman,¹⁰ que considerou de forma pioneira questões, como o espaço visual da interação, a natureza da participação dos envolvidos em uma

⁴ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa, 2003 [1974].

⁵ GOFFMAN, Footing, 1981.

⁶ HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012.

⁷ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa, 2003[1974].

⁸ GARFINKEL, *Estudos de etnometodologia*, 2018.

⁹ SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, Análise da Conversa: uma breve introdução, 2009, p. 2.

¹⁰ GOFFMAN, Footing, 1981.

situação de comunicação – *footing* – o direcionamento de olhares e a distância interpessoal.¹¹

Sacks, Schegloff e Jefferson¹² se apoiam nessas pesquisas da Sociologia para desenvolverem um método de captação e análise da conversa que ocorre naturalmente no cotidiano.¹³ Ao tomarem como *corpus* de análise dados autênticos, distanciam-se de muitas áreas da Linguística que produzem artificialmente seu próprio material para pesquisa, assim como de áreas da Sociologia, que realizam análises empíricas com base em macrodados submetidos a tratamento estatístico.¹⁴ O foco da AC está em explicitar a estrutura da troca de turnos que fazemos ao conversarmos, por meio dos mecanismos que a regem.

Em sua obra fundadora, Sacks, Schegloff e Jefferson¹⁵ apontam certas características que estariam relacionadas a qualquer conversa, como o fato de cada participante falar por vez, com a exceção de poucos momentos de sobreposição, principalmente nas transições de um participante para outro, além de tais transições ocorrerem também com pequeno intervalo de uma fala para a outra. O tamanho dos turnos assim como a ordem da troca de turnos são variáveis, sendo que essa troca se dá por meio da seleção do próximo falante pelo falante anterior, podendo também o próximo falante se autosselecionar.¹⁶ Esses turnos são compostos por unidades entonacionais, segmentos de fala coerentes que apresentam um contorno entonacional final, um acento focal e são frequentemente separados uns dos outros por pausas e hesitações.¹⁷ É nos estudos de Goffmann¹⁸ que encontramos uma compreensão mais pro-

¹¹ LAGE; SCHRÖDER; SILVA, Trabalhar com o programa de transcrição EXMARALDA: um relatório de experiência, 2019.

¹² SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa, 2003 [1974].

¹³ LAGE; SCHRÖDER; SILVA, Trabalhar com o programa de transcrição EXMARALDA: um relatório de experiência, 2019.

¹⁴ DEPPERMAN, 2008 *apud* LAGE; SCHRÖDER; SILVA, Trabalhar com o programa de transcrição EXMARALDA: um relatório de experiência, 2019.

¹⁵ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa, 2003 [1974].

¹⁶ SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa, 2003 [1974].

¹⁷ CHAFE, Some things that narratives tell us about the mind, 1990.

¹⁸ GOFFMAN, Footing, 1981.

funda em relação à natureza da participação em uma interação para além do intercâmbio de papéis entre falante e ouvinte.

O Footing

Como *footing*, Goffman¹⁹ define o alinhamento dos participantes na maneira de eles interagirem por uma ou mais unidades entonacionais, sendo que as mudanças nessa maneira de interagir podem ter como indicadores desde uma simples alteração no tom até algo menos sutil, como *code-switching*, ou mesmo alterações na entonação, no ritmo, na ênfase e na qualidade vocal, além de elementos não verbais, como gestos, olhares e expressões faciais. Um novo *footing* pode emergir entre os episódios de uma interação, ou também quando há alterações na constelação dos participantes, ou ainda uma mudança de tema na interação.

A constelação de participantes se mostra mais complexa que uma simples troca entre falante e ouvinte, já que além dos participantes ratificados, que têm permissão de falar, existem aqueles que participam da conversa sem poder tomar a palavra, os não ratificados, “circunstantes” (*bystanders*), que podem ser tanto clandestinos, “ouvintes-espiões” (*eavesdroppers*), quanto acidentais, “ouvintes por acaso” (*overhearers*). Essa diferença na natureza das participações também se reflete na natureza da comunicação, que pode ser: (a) “dominante”, aquela que ocorre entre participantes ratificados; (b) “jogo paralelo” (*byplay*), em que apenas parte do grupo de participantes ratificados conversa entre si; (c) “jogo cruzado” (*crossplay*), em que participantes ratificados conversam com circunstantes; e (d) “jogo colateral” (*sideplay*), em que circunstantes conversam entre si. Outra categoria de participação, que se faz presente em pronunciamentos políticos, programas de TV ou mesmo em vlogs no YouTube, trata-se da “audiência”, um grupo que está presente nesses tipos de eventos comunicativos, ou é imaginado pelo político em pronunciamento oficial ou mesmo pelo *youtuber*. A participação deste grupo, quando pode ocorrer, limita-se a respostas padronizadas ou a *backchanneling*. De toda maneira, sejam quais forem os papéis dos ouvintes em

¹⁹ GOFFMAN, Footing, 1981, p. 124-159.

uma interação, é para algum deles que o falante direciona suas falas, seja ele participante ratificado, seja circunstante, seja audiência imaginária.²⁰

Para que a comunicação tenha sequência, é de extrema relevância a “informação”, algo que faz parte do conhecimento do falante e, uma vez falado, atualiza o conhecimento dos demais participantes da interação, sendo que essa atualização é, muitas vezes, marcada por ocorrências de mudança de estado. Esse desequilíbrio no nível de conhecimento dos participantes, demonstrado por meio de *territórios epistêmicos*, é responsável pela sequência de uma interação.²¹

O Território epistêmico

Para Heritage,²² a noção de *território epistêmico* envolve duas partes: (1) o “status epistêmico”, um acesso relativo a determinado domínio de conhecimento por parte dos participantes em uma situação de interação, que os coloca em um gradiente epistêmico como mais conhecedores (K+) ou menos conhecedores (K-) do tema em questão – algo mais estável, mas que pode se alterar ao longo do tempo ou com a mudança de tema; e (2) a “posição epistêmica”, a forma como os participantes se colocam em relação ao *status* epistêmico a cada turno. Um falante pode se colocar em sua fala na posição de conhecedor, K+ ou K-, que esteja alinhada a seu *status*, mas isso não é garantido, e esses momentos em que a posição diverge do *status* é que justificam a separação desses dois conceitos.²³

Em relação à organização da fala, o falante pode se colocar de duas maneiras:

- (1) Ou como menos conhecedor (K-) sobre o tema em questão, ao solicitar informação de algum dos outros participantes que projete como mais conhecedor (K+);
- (2) Ou como mais conhecedor (K+), quando já inicia suas falas tratando do tema em foco, projetando nos demais participantes a posição de menos conhecedores (K-);

²⁰ GOFFMAN, Footing, 1981, p. 131-138.

²¹ HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012, p. 30-32.

²² HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012.

²³ HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012, p. 32-33.

Esses diferentes posicionamentos são o que permitem que a interação tenha sequência.²⁴ Na Metodologia, trataremos de peculiaridades da interação que compõe a nossa base de dados que nos levaram a recorrer às noções tanto de *footing* quanto de *território epistêmico*.

Metodologia

A base empírica dessa análise consistiu de uma interação em grupo entre quatro membros da Assembleia de Deus: Ministério Belo Horizonte filmada em 2016, que faz parte do corpus NUCOI – Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter)Cultural em Interação. Essa interação foi eliciada por meio de cartões com perguntas sobre a vida dos participantes e sobre conceitos, como: família, amor, amizade, diversão, sociedade e política; tendo a duração total de 75 minutos. Os próprios participantes definiram quem deveria começar a falar, qual seria a sequência e por quanto tempo fariam de cada assunto. Dentre os quatro participantes, havia três mulheres (AD1, AD3 e AD4) e um homem (AD2), com idades de 19 (AD2), 22 (AD3) e 24 anos (AD1 e AD4), sendo todos moradores de Ribeirão das Neves, zona metropolitana de Belo Horizonte, e frequentadores de uma mesma congregação regional. Quanto ao grau de escolaridade, AD3 e AD4 já contavam na época com o Ensino Superior completo, enquanto AD1 e AD2 já cursavam, mas ainda não haviam concluído o Ensino Superior.

Após a realização da filmagem, teve início o processo de transcrição, para o qual foram utilizados o *software* EXMARALDA²⁵ e as convenções de transcrição GAT 2.²⁶ O EXMARALDA foi desenvolvido por pesquisadores da AC para a transcrição e notação de dados multimodais e possui programas voltados para transcrição, criação, concordanceamento e etiquetagem de *corpora*. Já o GAT 2, também desenvolvido por pesquisadores da área da AC como forma de unificar diferentes convenções de transcrição, possibilita a representação na transcrição de aspectos refinados relacionados à entonação, acentos focais e secundários, pausas, alongamentos, entre outros.

²⁴ HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012, p. 33.

²⁵ SCHMIDT; WÖRNER, EXMARALDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research, 2009.

²⁶ SELTING, *et al.* Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2, 2016.

Finalizadas as transcrições, foram realizadas as análises. Em relação ao *footing*, selecionamos enquadramentos da interação que apresentaram características similares à dinâmica entre professor e aluno(s) na sala de aula. Nessas sequências, mostrou-se relevante também a consideração dos territórios epistêmicos,²⁷ pois, apesar de os participantes possuírem em geral um conhecimento similar sobre os temas, sejam eles ligados à religião, sejam ligados a domínios da vida privada, AD4 se coloca como mais conhecedora (K+) em suas falas e se mostra resistente em ceder o turno para outros falantes que possam se colocar como mais conhecedores (K+) em relação a determinado tópico.

Apresentação dos dados e discussão

A primeira sequência que iremos analisar ocorre em resposta ao cartão “amizade”. Por meio da (re-)narração de uma passagem bíblica sobre a amizade entre Davi e Jônatas, AD4 ilustra para os outros participantes que a amizade é muito importante para Deus.

Sequência 1: 2016BHBrAs02 ((14:03-15:18))²⁸

01 AD4: aí tEm a aMIga vai que dá aquele apOio;=né,
 02 que incentIva e ajUda;
 03 e tamBÉM assIm,
 04 (---) `DEUS ele: Ele tem [uma: preo [cupaçãO,]
 05 AD3: [<<rindo> mudou RÁpido;>] [((ri))]
 06 [((ri))]
 07 AD4: [†BEM que quando eu fAlo de deus,
 08 eu MUdo meu tOm;=né;]
 09 AD1: [((ri))]
 10 AD2: [((ri))]
 11 AD4: porque DEUS,
 12 tem aquele cuidAdo e a preocupaçãO;
 13 do hOmem ter um aMIgo.
 14 cê pode VER que as amizAdes;
 15 que são relatAdas na Bíblia,
 16 <<all> iguAl por eXEMplo;>
 17 a amizAde de davi e JOnatas;

²⁷ HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012.

²⁸ Esta sequência está disponível no endereço: <https://youtu.be/q7rZxXHmcGs>

18 embora às vezes é mal interpretada,
 19 essa passagem na Bíblia;
 20 a questão da amizade <<all> de Davi e Jônatas;>
 21 a Bíblia fala assim.
 22 Jônatas amou Davi como sua própria alma;=né;
 23 uma amizade pura e sincera;
 24 ao ponto que Jônatas;
 25 protegeu Davi,
 26 das mãos do próprio pai dele;
 27 tanto que depois mais pra frente;
 28 Davi honrou essa amizade,
 29 quando pegou o filho de Jônatas;
 30 tirou de o: de Jônatas;=
 31 =qualquer outro rei não faria isso,
 32 porque querendo ou não;
 33 ele era um herdeiro da coroa,
 34 mas Davi mesmo assim,
 35 não suportou foi lá e pegou,
 36 o filho de Jônatas;
 37 por uma amizade;
 38 e cuidou,
 39 e deu um palácio ao filho de Jônatas;
 40 AD3: nossa que lindo.
 41 AD4: [vem de uma amizade verdadeira;]
 42 AD3: [((ri))] [uma palavra amiga;
 43 AD4: [ISso;]
 44 e esses igual Jesus;
 45 AD1: [testeMunho;]
 46 AD4: [Jesus,]
 47 AD2: [ho é;]
 48 AD4: [ele era] <<h> muito amigo dos discípulos dele;>
 49 lógico que em em tudo;
 50 tem aqueles de aqueles amigos mais chegados;=
 51 =que são aqueles amigos que a gente pode contar,
 52 então a gente fica <<all> brincando assim eles;>
 53 Ah é muito panelinha.
 54 aí a gente fica assim;

55 então reclAma com jeSUS,
 56 que_ele foi o primEiro a fa[ZER;=né?]
 57 AD1: [((ri))]
 58 AD2: [((ri))]
 59 AD3: [((ri))]

Na linha 04, após uma pré-sequência²⁹ seguida de uma pausa de pouco menos de um segundo, AD4 passa a empregar um tom mais grave em sua fala, o que é apontado por AD3 na linha 05: <<rindo> mudou RÁpido;>, e parece ser notado também pelos participantes, uma vez que todos riem (L05-L10). A própria AD4, em resposta ao comentário de AD3, justifica essa mudança nas linhas 07 e 08 pelo tema em foco: quando eu fAlo de deus, eu MUdo meu tOm;=né;.

Essa mudança é indício da introdução de um novo *footing*, o *footing* de professor, que é marcado, entre outras características, por monólogos de grande extensão, que nesta sequência, se inicia na linha 04, é interrompido pelo comentário de AD3, é retomado na linha 11, chegando a se delongar por 28 unidades entonacionais (EU) sem que haja troca de turno (L11-39), sendo retomado posteriormente por mais oito EUS (L48-56). AD4 se coloca como mais conhecedora (K+) em relação à visão de Deus sobre a amizade, utilizando como embasamento para seu argumento a Bíblia. Na linha 40, AD3 apresenta uma ocorrência de mudança de estado de K- para K+ e um comentário avaliativo sobre a narrativa, nossa que LINDo. AD4 já tenta retomar o turno na linha 41 com falas sobrepostas, primeiro, aos risos de AD3, que faz na linha 42 um comentário irônico sobre a Bíblia e o teor dessa passagem, [uma paLA]vra amIga; depois, ao comentário irônico de AD1 na linha 45, relacionando as falas prévias de AD4 a um testeMUnho; como os que ocorrem nos cultos evangélicos; e, por último, à concordância de AD2 na linha 47, ho é;. Essas falas dos demais participantes marcam o que interpretamos como *footing* de aluno, simbolizado por uma posição epistêmica K-, tempo de fala reduzido a comentários sobre o que foi dito por AD4, seja de forma mais neutra, seja com tom de ironia. Vale ressaltar que, quando AD4 sobrepõe ao comentário irônico de AD3 na linha 43 com

²⁹ SACKS, *Lectures on Conversation*, 1992, p. 685-692.

uma confirmação, ISSO; , a fala de AD4 antecede o comentário irônico, pois, quando AD3 realiza comentários com esse tom em outras sequências, AD4 tende a ignorá-los. Mesmo com a mudança de tópico que AD4 introduz na linha 46, voltada para o comportamento de Jesus, ela continua se posicionando como K+, e os demais participantes não voltam a tentar tomar o turno, apenas se manifestam com risos nas linhas 57 a 59, como ocorrências de mudança de estado.

A segunda sequência que iremos analisar (Sequência 2) ocorreu em resposta ao cartão "política". Nesta sequência, AD4 tenta demonstrar, por meio da (re-)narração de uma pregação que ouviu em sua igreja, que a política também é algo divino.

Sequência 2: 2016BHBrAs02 ((58:11-58:48))³⁰

01 AD4: <<all> igual uma coisa que o [gilmar falou;>]
 02 AD3: [grandioso;]
 03 AD4: isaías quando ele profetizava;
 04 AD3: [((ri e aponta para AD4))]
 05 AD4: [ele ia (.) Era como se fosse uma manifesta;ÇÃO;]
 06 ele CHEGA,=Ele;
 07 [<<p> (mas) assim;]
 08 AD3: [ele falou que]
 [não ia poder chamar muita gente;][=não,]
 09 AD4: [o povo que veio;]
 10 [é muita,]
 11 AD3: [((ri))]
 12 AD4: [queria contar NÃO mas é como fosse,]
 13 como uma manifesta;ÇÃO.
 14 isaías chegou lá na porta do: palácio;
 15 <<all> e falava assim;>
 16 chama o REI.
 17 (-) ;chamava o REI.
 18 ;as!SIM! diz o senhor,
 19 'tá <<all> assim assim assim assim;=ou seja;>
 20 tá er[Rado;]
 21 AD3: [nos ;Jesus disse]as aí e aí a fome;=
 22 =que havia[RIA] [ele tinha profetizado;]

³⁰ Esta sequência está disponível no endereço: <https://youtu.be/W38jvzRwIso>

23 AD4: [é;=]
24 [=por CAUsa disso e disso e dIsso;]
25 [acaBOU.]
26 AD3: [e foi manifes] [taÇÃO;]
27 AD4: [aí] Olha pro_cê [VER;]
28 AD3: [vEio diante do] [POvo;]
29 AD4: [Ó pro_cê VER;]
30 (.)como que †DEUS não tá ligAdo na política,=GENTE;
31 dEu:s sempre ocuPOU,=
32 =<<all> preocupOu com a sociedAde como um TÓdo.>
33 porque dEus preocupou com com TÓdas as etApas,
34 da vIda do HÓmem;
35 (-- TÓdas;

Na Sequência 2, AD4 inicia sua fala com uma pré-sequência na linha 01, sobreposta por um comentário avaliativo de AD3 na linha 02, *grandioso*, que pode ser interpretado como irônico devido ao seu comportamento na linha 04, em que ri e aponta para AD4, que tinha iniciado uma narrativa sobre as pregações de Isaías, personagem bíblico, mas também pode ser interpretado como uma indicação de que ela também tem conhecimento sobre o tema que AD4 está prestes a abordar. Essa última interpretação se alinha à sequência das falas, já que AD3 tenta se colocar como K+ em relação à narração de AD4 nas linhas 08, 21, 22, 26 e 28, sempre em sobreposição a falas de AD4, mas em nenhuma das vezes consegue tomar o turno. Também na Sequência 3, AD4 mantém seu monólogo apesar da tentativa de tomada de turno por parte de AD1.

Sequência 3: 2016BHBrAs02 ((40:37-40:83))³¹

01 AD1: [((incompreensível, 2.4s))]
02 AD4: [a política adotada pelo nosso país é ALgo;]
03 †é.
04 AD3: [hum::,]
05 AD4: [<<all> sabe quE que aconTEce,>]
06 ISso;
07 AD3: [proFEta;]
08 AD4: [a poLítica,]

³¹ Esta sequência está disponível no endereço: <https://youtu.be/uGFOqn-tAcY>

09 ela É algo instituído por DEUS,=sIm;
 10 DEUS ele ele Ele;;
 11 sEmpre permiTIU;
 12 AD3: [<<apontando para a mesa ao lado de ad1, pp> QUE que é,=ad1.>]
 13 AD4: [<<movendo ritmadamente a mão esquerda> inclusIve:]
 incentivOu o HOMem,
 14 a vivEr numa sociedAde> poLítica;
 15 <<movendo ritmadamente a mão esquerda> tanto os rEis de
 israEL;
 16 que É uma autoridade poLítica;
 17 quEm esco|lhIa era o próprio DEUS.>

Na Sequência 3, AD1 tenta tomar o turno de fala na linha 01, em sobreposição a uma fala de AD4, mas, possivelmente em razão a um baixo volume que é característico de sua fala, não conseguiu. Na linha 12, AD3 inicia um “jogo colateral” com AD1, [<<apontando para a mesa ao lado de ad1, pp> QUE que é,=ad1.>] em sobreposição à fala de AD4, que passa a utilizar uma fala mais enfática, marcada por acentos secundários mais frequentes e gesticulação ritmada (L13-17). Novamente, esse comportamento alinha as participantes respectivamente aos *footings* de aluno e professor, em que falas paralelas são ignoradas e abafadas por uma fala mais enfática da professora. Além disso, assim como veremos na próxima sequência, AD3 faz comentários irônicos em relação às falas de AD4 (L07).

Sequência 4: 2016BHBrAs02 ((08:35-08:48))³²

01 AD4: ah eu Acho assIM.
 02 (-) a palAvra aMOR,
 03 é uma coisa mUi:to AMpla;
 04 (.) e: a ampliTUde da palavra amOr ainda sim é pequEna;
 05 diante da origem dEle que é DEUS;
 06 porque dEus [ele é] o aMOR.
 07 AD3: [ó;]

³² Esta sequência está disponível no endereço: https://youtu.be/UMQtU_csmI4

19 hihiHihi;

20 °hh

21 AD4: lÁ tem mUitos problemas SIM;=<<all> mas é Tódo discUrso;>

22 todo final de discUrso qual que é o LEma;

23 (0.8)

24 AD3: qual,

25 num [SEI;]

26 AD4: [deus aben]çOe a aMÉrica;

27 (---) SAbE;

28 AD3: [aquI no braSIL;]=

29 AD4: [de cErta FORma;]

30 AD3: =<<f> que país é ESse,>

31 AD2: [hahaHA;]

32 AD4: [ai][ai fAla é a PÊ][ó erre A do brasIL;]

33 AD2: [<<rindo> é a PORra do brasIl.>][((ri))]

34 AD1: [][((ri))]

35 AD4: <<apontando o indicador direito para si> a gEnte amaldiçOa
nossa naÇÃO.>

36 (--) entenDEU?=
37 =ai é que a gente fAlha duas VEzes.
38 como cidaDÃO e como [crisTÃO.]

39 AD3: [ninguEm] respeita a constituiÇÃO;

40 AD4: é: TRISte;

Na sequência acima, podemos observar que, após comentar sobre os Estados Unidos estarem melhor que o Brasil (L17, L21-23), AD4 pergunta com entonação final descendente qual é o lema dos governantes após cada pronunciamento. Ao utilizar essa entonação, ela se coloca como K- em relação ao tópico, pois solicita informação dos demais, mas, como não pergunta com entonação ascendente, seu posicionamento no gradiente epistêmico está mais próximo do centro,³⁴ o que não a distancia do *footing* de professor, que constantemente em sua prática solicita uma

³⁴ Segundo Heritage (HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012, p. 33), um forte indicador de pedido de informação por um participante da interação que se coloca como K- seria a entonação ascendente e a forma sintática da interrogação. Na linha 22, temos a forma sintática da interrogação, mas uma entonação descendente, o que torna o pedido pela informação menos explícito, indicando uma posição ainda negativa, mas mais neutra no gradiente epistêmico.

informação que já conhece para avaliar o conhecimento dos alunos. Esse aspecto é reforçado pelo posicionamento de AD3 nas linhas 24 e 25 como K-, respondendo com uma pergunta e assim reinstaurando a posição de K+ à AD4, o que ela mesma reforça na linha 26, com o comentário de que os governantes norte-americanos pedem a benção de Deus ao país ao final de cada discurso. Em seguida, AD3 faz o comentário: [aqui no braSIL;]= =<<f> que país é ESse,> (L28 e L30), pergunta que repetida quatro vezes consiste no refrão da música homônima do grupo Legião Urbana, composta por seu líder e vocalista, Renato Russo, e para a qual nas apresentações o público sempre respondeu “é a porra do Brasil”.³⁵ E é dessa mesma forma que completa AD2 na linha 33, em meio à sobreposição de AD4, que soletra o termo de baixo calão. Após o completamento de AD4 com a síntese de seu argumento nas linhas de 35 a 38, em sobreposição ao último termo, AD3 comenta: [ninguÉm] respeita a cons-tituiÇÃO; , que vem a ser o terceiro verso da primeira estrofe da música “Que país é esse?”.³⁶ Assumimos que esses comentários foram entendidos como irônicos também pelos participantes, uma vez que são acompanhados e/ou seguidos por risos de todos, menos de AD4. Na Sequência 6, AD1, AD2 e AD3 também se alinham por meio do riso ou pelo sorriso, mas não são acompanhados por AD4, como veremos a seguir.

Sequência 6: 2016BHBrAs02 ((56:01-56:06))³⁷

01 AD2: por isso que eu [fAlo que é compliCAdo.]
 02 → AD4: [meu DEUS aD3;]
 03 AD2: [é TIpo Isso;]
 04 AD3: [eu to feLIZ;]=
 05 =eu tÔ com os meus aMIgos;
 06 e eu tÔ coMENdo;
 07 AD1: [((sorri))]
 08 AD2: [HAhahaha;]
 09 AD3: [haHAhaha;]

³⁵ GRANGEIA, Apresentação, 2015, p. 11.

³⁶ Cf: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/que-pais-e-esse.html>, acesso em 16/05/2017.

³⁷ Esta sequência está disponível no endereço: <https://youtu.be/o5ccAVZjhTo>

Provavelmente, é a simetria entre os papéis sociais desses participantes que permite a formulação de comentários irônicos por AD1, AD2 e AD3 na interação. No entanto, essa simetria não se manifesta nas posições epistêmicas dos participantes, já que AD4 se coloca como K+ em relação à maioria dos tópicos conversacionais. Além disso, como vimos na Sequência 6, AD4 ainda se coloca como responsável pelo comportamento dos demais na interação, já que ela chega a repreender AD3 na linha 02, que abria um pacote de biscoito que estava à disposição dos participantes durante a filmagem da interação, o que também corrobora com a análise do *footing* empregado por AD4 como sendo de professor em contraposição àquele empregado por AD3, de aluno, contando com o alinhamento de seus colegas AD1 e AD2, que se juntam a ela com risos e sorrisos nas linhas 07 e 08.

Conclusão

Com a análise apresentada, tentamos demonstrar como os participantes de uma conversa eliciada, mesmo partindo de um *status* epistêmico simétrico em relação à religião e a domínios da vida privada, se organizam de forma assimétrica na interação. Para realizar nossa análise, recorreremos aos conceitos de *footing*³⁸ e de *território epistêmico*,³⁹ demonstrando os pontos de convergência entre eles na investigação dos *footings* de professor e aluno utilizados na interação. AD4 utiliza com frequência um *footing* de professor, se posicionando como mais conhecedora (K+) em relação à maioria dos tópicos, não cedendo o turno por longas sequências, e chegando a repreender AD3 por seu comportamento na interação. Os demais participantes, principalmente AD3, utilizam um *footing* de aluno, alinhando-se ao posicionamento de AD4 ao se colocarem como menos conhecedores (K-) em relação aos tópicos introduzidos por ela, realizando poucas tentativas de tomada de turno e restringindo suas participações a ocorrências de mudança de estado de K- para K+ e a comentários irônicos sobre as falas de AD4. O que se destacou nessa interação aparentemente simétrica foi que AD4 se coloca como uma professora ministrando uma aula expositiva, ao explicar a relação dos tópicos da

³⁸ GOFFMAN, Footing, 1981.

³⁹ HERITAGE, The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge, 2012.

interação eliciada com Deus e a religião, monopolizando os turnos de fala e não deixando que os demais participantes tomem a palavra. Alinhados a esse comportamento, os demais participantes se colocam como “alunos espirituosos”, não deixando de ironizar essa situação com comentários sagazes, sendo então ignorados ou repreendidos pela “professora”.

Referências

- CHAFE, Wallace. Some things that narratives tell us about the mind. In: BRITTON, Bruce K.; PELLEGRINI, Anthony D. *Narrative Thought and Narrative Language*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1990. p. 79-98.
- DEPPERMAN, Arnulf. *Gespäche analysieren: Eine Einführung*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2008.
- GARFINKEL, Harold. *Estudos de etnometodologia*. Traduzido por Paulo Cortês Gago, Raul Francisco Magalhães e Maria Clara Castelloes de Oliveira. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981. p. 124-159.
- GRANGEIA, Mário L. Apresentação. In: GRANGEIA, Mário L. *Brasil, que país é este*. Cazuza, Renato Russo e a transição democrática. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. p. 11- 25.
- HERITAGE, John. The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge. *Research on language and social interaction*, v. 45, n. 1, p. 30-52, 2012.
- LAGE, Carolina de V.; SCHRÖDER, Ulrike; SILVA, Diogo H. A. Trabalhar com o programa de transcrição EXMARALDA: um relatório de experiência. In: SCHRÖDER, Ulrike; MENDES, Mariana Carneiro (org.). *Comunicação (Inter-)Cultural em Interação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- MENDES, Mariana Carneiro. *Metáforas, gestos e aspectos conversacionais de interações em grupo entre membros da Assembléia de Deus*, 2017, 218 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- SACKS, Harvey. *Lectures on Conversation*. Volumes I e II. Oxford: Blackwell, 1992.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 7, n. 1 e 2, p. 1-67, 2003 [1974].
- SCHMIDT, T.; WÖRNER, K. EXMARALDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics*, 19, p. 565-582, 2009.
- SELTING, Margret et al. Um sistema para transcrever fala-em-interação: GAT 2. Traduzido por Ulrike Schröder, Mariana Carneiro Mendes, Caroline Caputo Pires, Diogo Henrique Alves da Silva, Thiago da Cunha Nascimento, Flavia Fidelis Paula. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016.
- SILVA, Caroline R.; ANDRADE, Daniela N. P.; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da Conversa: uma breve introdução. *REVEL*, v. 7, n. 13, p. 1-21, 2009.

Sobre os autores

As organizadoras

Ulrike Agathe Schröder possui livre docência (2012) e Doutorado (2003), ambas em Ciências de Comunicação pela Universidade de Duisburg-Essen, e Mestrado em Ciências de Comunicação, Germanística, Psicologia pela Universidade de Essen (1999). É Professora Associada na área de Alemão (Graduação) e na área dos Estudos Linguísticos (Pós-Graduação) da FALE/UFMG, atuando principalmente com os seguintes temas: Linguística Interacional e Análise da Conversa, Comunicação e Pragmática Intercultural, Linguística Cultural e Linguística Cognitiva. Desde 2012, ela é coordenadora do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação – NUCOI. O objetivo principal do grupo é criar um corpus de gravações de filmes e suas transcrições, com base em interações eliciadas, institucionais e naturais entre participantes de diferentes culturas, bem como entre participantes com o mesmo pano de fundo linguístico e cultural, para fins comparativos. Atualmente, ela coordena o projeto “Conceitos (inter-)culturais chave na interface entre interação, cognição e variação”, em colaboração com a Universidade de Potsdam, apoiado pela Fundação Alexander von Humboldt por meio do *Research Group Linkage Programme* e o projeto “Comunicação (Inter) Cultural em Interação: expansão e diversificação do corpus NUCOI”, que almeja ampliar e diversificar o corpus de interações filmadas e suas transcrições. Este projeto conta com a coparticipação das universidades

alemãs de Potsdam e de Gießen, e em âmbito nacional da Universidade Federal do Pará. Ela também é coordenadora do projeto “Intercultural Communication in Interaction: multimodal approaches”, apoiado pela Worldwide Universities Network – WUN que almeja analisar a comunicação intercultural em interação sob uma perspectiva microanalítica e multimodal com o objetivo de destacar como os participantes coconstroem alteridade, conceitos culturais chave, dimensões, atitudes linguísticas e identidades nos planos verbal, prosódico e corporal-visual. Além da UFMG, participam a Universidade de Alberta (Canadá), a Universidade de Sheffield (Reino Unido), a Universidade de Leeds (Reino Unido) e a Universidade de Potsdam (Alemanha).

Josiane Marques da Costa é doutora em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos / POSLIN, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Em 2015, concluiu sua dissertação de mestrado, intitulada: “Leitura e compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores” e o seu maior interesse de pesquisa é no processamento e na compreensão de linguagem figurada por surdos bilíngues do par-linguístico Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa. Possui Especialização em Produção de Material Didático para a Diversidade pela Universidade Federal de Lavras - UFLA. Graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2009). Curso de Atualização em Educação Inclusiva pela PUC Minas. Certificação de Proficiência no Uso e no Ensino da Libras (PROLIBRAS-MEC / UFSC - 2011). Atualmente é professora assistente na área de Libras, na Universidade Federal de Lavras (UFLA) e membra do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação (NUCOI/UFMG), coordenado pela Prof.^a Dra. Ulrike Schröder e do Núcleo de Estudos de Libras, Surdez e Bilinguismo (NELiS), coordenado pela Prof.^a. Elidéa Bernardino.

Os autores

Adriana Fernandes Barbosa é doutora em Linguística Aplicada pela UFMG (bolsa CAPES), com estágio sanduíche no departamento de Comunicação Multimodal e Língua em Uso da Europa-Universität Viadrina (bolsa CAPES/DAAD). Atualmente realiza estágio pós-doutoral pela UESB e pesquisa a relação gesto-fala sob uma perspectiva cognitiva e comparativa, tendo como foco os verbos separáveis e inseparáveis em alemão e seus correspondentes em português brasileiro. Durante seu doutorado, Adriana foi membro do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter)Cultural em Interação (NUCOI), onde investigou a produção gestual de alunos e professores em aulas de Alemão como Língua Estrangeira. Ela continua a colaborar com o grupo, que foi internacionalizado em dezembro de 2019, passando a se chamar Intercultural Communication in Multimodal Interactions (ICMI).

Claudiene Diniz da Silva é professora do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), onde trabalha com as disciplinas da área da Linguística (mais especificamente Fundamentos linguísticos e Linguística aplicada para o ensino de língua portuguesa). Possui doutorado (2017) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestrado (2014) em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (2009) e em Docência do Ensino Superior (2011) pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF). Em seu estágio pós-doutoral na UFMG (2019), elaborou um glossário de termos da Semântica da Enunciação. É membro do grupo de estudos ENUNCIAR, que desenvolve pesquisas nos campos da Semântica da Enunciação. Também participa do grupo GETOE, Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas, que trata das contribuições do linguista francês Antoine Culioli para os estudos enunciativos. Participou da disciplina Análise da Conversação ministrada pela Profa. Dra. Ulrike Schröder. Durante a disciplina, realizou atividades do grupo NUCOI, tais como o workshop sobre o EXMARALDA e pesquisas com o corpus do Projeto de Pesquisa Guarda-Chuva: Comunicação Intercultural em Contatos de Duração Maior: Processos Linguísticos e (Auto-)Reflexivos.

Fernanda Roque Amendoeira possui bacharelado em Letras, com ênfase em Língua Alemã e Estudos Linguísticos, e atualmente está cursando mestrado na área de Linguística Aplicada, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Realizou parte da graduação na Ludwig-Maximilians-Universität de Munique em 2017. No mesmo ano se tornou membro do centro de pesquisa Intercultural Communication in Multimodal Interactions – ICMI, desenvolvido a partir do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação – NUCOI, da UFMG. No momento atual é bolsista da CAPES e do Programa de Incentivo à Formação Docente na área de Língua Inglesa.

Flavia Fidelis de Paula Flavia Fidelis de Paula graduou-se em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2009. Em 2018 defendeu sua pesquisa de mestrado em Linguística Teórica e Descritiva junto à UFMG, intitulada *Contribuições do silêncio na conversa eliciada: um estudo à luz da análise da conversa e das teorias de polidez*. Atualmente, é doutoranda do Programa de Estudos Linguísticos – POSLIN – da UFMG, na linha de pesquisa dos Estudos da Língua em Uso. É membro do Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação (NUCOI/UFMG), sob a orientação da Prof.^a Dra. Ulrike Schröder. Possui experiência na área de Letras e ensino, com ênfase em Língua Portuguesa. Entre seus principais interesses de pesquisas, estão as análises das lacunas e lapsos que configuram silêncio nos sistemas de organizações de turnos de fala, com especial atenção aos fenômenos que são capazes de estimular uma ação responsiva entre os participantes envolvidos na conversação, bem como às estratégias de polidez e impolidez dos falantes do português brasileiro. Interessa-se, sobretudo, pelas áreas de Comunicação e Linguística, com ênfase em Linguística Interacional, Linguística Cognitiva, Linguística Funcionalista, Linguística Cultural, Semântica e Pragmática, Língua Portuguesa e Comunicação Intercultural.

Frederico Cavalcante é doutor em linguística pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. Seus interesses de pesquisa concentram-se no campo da Pragmática, particularmente na estrutura informacional e seus correlatos prosódicos na fala espontânea. Possui experiência

com coleta e anotação de corpora orais. Faz parte do C-ORAL-BRASIL, um projeto voltado para a compilação de corpora orais e estudos linguísticos de orientação empírica e experimental. Atualmente é professor substituto de Fonética, Fonologia e Morfologia na Faculdade de Letras da UFMG.

Mariana Carneiro Mendes é licenciada em Letras com habilitação em Português e Alemão (2010) pela Universidade Federal de Minas Gerais, instituição em que também cursou o mestrado (2013) e o doutorado (2017) em Estudos Linguísticos. Em 2017 e 2018, atuou como professora substituta de Linguística na FALE/UFMG, ministrando disciplinas principalmente nas áreas de Semântica e Pragmática. De 2012 a 2020, atuou como subcoordenadora do NUCOI, grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Ulrike Schröder que veio a formar o centro de pesquisa internacional e interinstitucional ICMI, do qual atualmente é colaboradora. Entre 2018 e 2019, realizou uma residência pós-doutoral no Poslin (FALE/UFMG). Seus principais interesses de pesquisa são as relações entre linguagem, cognição e cultura, com ênfase em aspectos (inter-)culturais e interacionais, e a forma como essas relações influenciam o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Ruan de Castro Silva é Graduando em Letras, com ênfase em Licenciatura em Língua Portuguesa, formação complementar em Língua Alemã e extensão em Língua Espanhola pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é, desde 2019, assistente pedagógico e administrativo, analista de mídias sociais, revisor geral e monitor de redação na Marquesini Enem e Aulas Particulares, escola especializada em redação e Português para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), outros vestibulares e concursos públicos em Belo Horizonte. Foi pesquisador do Núcleo de Estudos de Comunicação Inter-Cultural em Interação (NUCOI), hoje ICMI, de março de 2017 a setembro de 2018, no qual, orientado pela professora doutora Ulrike Schroeder, pesquisou sobre “O ‘jeitinho brasileiro’ a partir de uma perspectiva cognitivo-interacional”, e atuou também como estagiário na Biblioteca do Instituto de Geociências (IGC) de setembro de 2016 a agosto de 2018, ambos pela UFMG. Ainda nessa instituição, atualmente, sob orientação da professora doutora Daniervelin Pereira, faz

sua segunda pesquisa, agora voltada para a Linguística Aplicada, trabalhando com “Gêneros discursivos e multiletramentos na educação básica brasileira: uma pesquisa bibliográfica”. Participa de movimentos católicos de sua cidade natal, Carmo da Mata, como o Encontro de Adolescentes com Cristo (EAC) e o Encontro de Jovens com Cristo (EJC), desde 2014 e 2016, respectivamente. Foi Analista de Mídias Sociais no Instituto de Cultura, Arte, Fazer Responsável e Educação Ambiental (ICAPE), ONG em Carmo da Mata, de 2018 a 2020, e participou do Rotaract Clube de Carmo da Mata como vice-presidente e tesoureiro na gestão 2014-2015 e como protocolo e diretor de profissionais e internos na Gestão 2015-2016. Foi, também, aluno e membro da Filarmônica Santa Cecília da cidade de Carmo da Mata de 2006 a 2015, em maior período, como trompetista.

Thiago da Cunha Nascimento é Doutor em Linguística Teórica e Descritiva, com foco em ações metacomunicativas na fala-em-interação à luz da Linguística Cognitiva e Linguística Interacional pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020). Mestre em Linguística Teórica e Descritiva, com ênfase em estudos da metáfora no pensamento e no discurso sob o foco da Linguística Cognitiva pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016). É especialista em Tradução-Interpretação Inglês Português pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia - FIBRA (2014). Possui graduação em Letras - Habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2012). Atua principalmente nas seguintes áreas: Linguística Cognitiva, Linguística Interacional e Linguística Teórica (Semântica/ Pragmática). É subcoordenador do Research Centre Intercultural Communication in Multimodal Interactions (UFMG). É membro do Grupo de Pesquisa inter-institucional do CNPq Linguística (Inter-)Cultural e do grupo de pesquisa Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural, da Universidade de São Paulo.

Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos literários

Imagens em discurso

Nabil Araújo (Org.)

Mario de Andrade e os trabalhadores: antologia de prosa e verso

Antônio Augusto Moreira de Faria (Org.)

Denise dos Santos Gonçalves (Org.)

Maria Juliana Horta Soares (Org.)

Futebol, imagens e artes

Elcio Cornelsen (Org.)

Thiago Carlos Costa (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

E82

Estudos no campo da análise da conversa, linguística interacional e linguística cultural com base no corpus NUCOI / Organizadoras: Ulrike Agathe Schröder, Josiane Marques da Costa. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2020.
144 p.: il. – (Viva Voz)

Inclui referências.

ISBN: 978-65-87237-09-1 (digital)

ISBN: 978-65-87237-08-4 (impresso)

1. Linguística. 2. Estudos interculturais. 3. Linguagem e cultura. 3. Interlíngua (Aprendizagem de língua). I. Schröder, Ulrike. II. Costa, Josiane Marques da Costa. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título. V. Série.

CDD : 410



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.